

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ISADORA MUTARELLI

***O FURÃO* – UM JORNAL DA BOEMIA PAULISTANA (1910 – 1925)**

FRANCA

2018

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

ISADORA MUTARELLI

***O FURÃO* – UM JORNAL DA BOEMIA PAULISTANA (1910 – 1925)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) – Unesp/Franca, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: História e Cultura Social.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães.

FRANCA

2018

Mutarelli, Isadora.

O Furão: um jornal da boemia paulistana (1910-1925) /
Isadora Mutarelli. – Franca: [s.n.], 2018.

107 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

1. História da Leitura. 2. Imprensa. 3. Brasil - Usos e
costumes - Séc. XX. I. Título.

CDD – 809

ISADORA MUTARELLI

***O FURÃO* – UM JORNAL DA BOEMIA PAULISTANA (1910-1925)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Unesp/Franca, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: História e Cultura Social.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____

Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães (Unesp/Franca)

Membro Titular: _____

Prof. Dr. José Adriano Fenerick (Unesp/Franca)

Membro Titular: _____

Profa. Dra. Maria Lúcia Dias Mendes (Unifesp/São Paulo)

Franca, 05 de junho de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à professora Valéria dos Santos Guimarães, por sua dedicação na orientação deste trabalho. Por me auxiliar nas etapas de desenvolvimento desta pesquisa, por procurar estimular meu senso crítico, pelos puxões de orelhas em momentos necessários e pela compreensão nos momentos difíceis.

À pesquisadora Monica Velloso e ao professor José Adriano Fenerick por gentilmente aceitarem participar do exame de qualificação. Sou grata pela leitura atenta que fizeram de meu texto e pelas sugestões e críticas que tanto contribuíram para o resultado desta dissertação. A professora Maria Lúcia Dias Mendes por gentilmente aceitar compor a mesa para a defesa de mestrado.

Ao meu namorado, Be. Obrigada pela amizade, companheirismo, amor, inspiração e incentivos dados durante toda a graduação e o mestrado. Obrigada pela compreensão e paciência nas diversas vezes em que prometi que não dormiria durante um filme ou uma série e acabei dormindo e nos inúmeros momentos em que precisei trabalhar em algo relacionado ao mestrado enquanto estava te visitando. Obrigada pelo carinho mesmo quando estava longe.

À minha família, aos meus tios Cida, Carlos, Celso e Rosa, ao meu avô Oswaldo, a Rozalina e Dona Nilza, que sempre me trataram com muito carinho, aos meus primos e primas e, principalmente, a meus pais, Wilson e Terezinha, que sempre torceram por mim e me deram apoio independentemente da situação, confiando em meu potencial.

Aos meus amores, Tony e Tetê, por aguardarem pacientemente seus passeios diários, enquanto estava ocupada, escrevendo ou lendo algo. Pelas lambidas, cavadas nas pernas e brinquedos que traziam para me lembrar de que deveria dar uma pausa.

Aos orientandos da professora Valéria, pelas incontáveis reflexões compartilhadas em eventos ou pelas salas da universidade.

Aos professores da Unesp/Franca que, durante suas disciplinas, me preparavam para a vida acadêmica com suas aulas e discussões críticas sobre temas diversos.

MUTARELLI, Isadora. *O Furão: um jornal da boemia paulistana (1910-1925)*. 107 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

O Furão foi um jornal publicado em São Paulo entre os anos de 1914 e 1924, com a colaboração de vários representantes da elite intelectual e política paulistana, os quais faziam da folha satírica um local de expressão da boemia da cidade e um palco para discussões sobre as questões mais prementes de São Paulo. Apesar de nomes como Voltolino, Monteiro Lobato, Washington Luís, entre outros, frequentarem as suas páginas, pouco se sabe sobre esse jornal. Nosso objetivo é melhor conhecer esse periódico, descrevendo-o em sua materialidade (dimensões, número de páginas, colunas etc.) e em seu conteúdo (rubricas, seções, ilustrações e fotografias, colaboradores, etc.), para, assim, entendê-lo no contexto da irradiante imprensa periódica surgida nos anos conhecidos como a *Belle Époque* brasileira. Nesta pesquisa, interessa-nos saber o que significa *O Furão* no contexto da imprensa paulista, qual papel cumpriam seus colaboradores e qual representação da cultura boêmia traziam.

Palavras-chave: História Cultural. História da Leitura. História da Imprensa do Brasil.

MUTARELLI, Isadora. *O Furão*: a newspaper of bohemian São Paulo (1910-1925). Dissertation (Master's Degree in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca-SP/Brazil, 2018.

ABSTRACT

O Furão was a newspaper published in Sao Paulo between 1914 and 1924, with the collaboration of several representative members of the city's intellectual and political elite, who made the satirical pages a place of expression of Sao Paulo's bohemia and a stage for discussions about the most pressing issues in São Paulo. In spite of names such as Voltolino, Monteiro Lobato, Washington Luis, among others, frequenting its pages, little is known about this newspaper. Our goal is to increase awareness of this periodical, describing it in its materiality (dimensions, number of pages, columns, etc.) and in its content (headings, sections, illustrations and photographs, collaborators, etc.), in order to understand it in the context of the radiant periodic press that emerged in the years known as the Brazilian *Belle Époque*. With this research, we look forward to knowing the significance of *O Furão* inside the Sao Paulo press and which representation of the bohemian culture was presented in it.

Keywords: Cultural History. History of Reading. History of the Brazilian Press.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alegoria d'<i>O Furão</i> de 1917	20
Figura 2 – Alegoria d'<i>O Furão</i> de 1918	20
Figura 3 – Os Furões	27
Figura 4 – Anúncio da confeitaria Castellões	62
Figura 5 – Anúncio do Bar Municipal	64
Figura 6 – Caricatura desenhada por Voltolino	66
Figura 7 – Alegoria da coluna <i>Pelos Theatros</i>	67
Figura 8 – Alegoria d'<i>O Furão</i> com a tripla chamada: <i>Criticas, Theatros, Sports</i>	77
Figura 9 – Alegoria da coluna <i>Turf</i>	77
Figura 10. Alegoria da coluna <i>Foot Ball</i>	77
Figura 11 – Alegoria da coluna <i>Natação e Rowing</i>	78
Figura 12 – Divulgação de concurso realizado pel'<i>O Furão</i>	79
Figura 13 – Capa da edição especial sobre o carnaval do ano de 1917	85
Figura 14 – Anúncio do baile carnavalesco organizado pelo periódico <i>O Furão</i>	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O FURÃO – UM SEMANÁRIO HUMORÍSTICO DA BOEMIA	14
1.1 <i>O Furão</i> : suas colunas e seus colaboradores	15
1.2 <i>O Furão</i> e a modernidade de São Paulo.....	28
1.3 <i>O Furão</i> e a imprensa brasileira	33
1.3.1 <i>O Furão na imprensa satírica</i>	36
2 O FURÃO E OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE	45
2.1 <i>O Furão</i> e a Polícia de Costumes	46
2.2 A Polícia de Costumes e a vida noturna da boemia paulistana	54
3 O FURÃO E A VIDA PAULISTANA.....	59
3.1 Os espaços de sociabilidade dos leitores d' <i>O Furão</i>	60
3.2 As práticas esportivas como forma de lazer	75
4 O CARNAVAL NAS PÁGINAS D'O FURÃO	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100

INTRODUÇÃO

O início formal desta pesquisa aconteceu em 2016, com o ingresso no Programa de Pós-Graduação da Unesp/Franca. Entretanto, o que inspirou esta dissertação de mestrado foi um trabalho de Iniciação Científica (IC). Durante os estudos para o projeto *Leitura de jornais: compilação iconográfica dirigida. Pesquisa em fontes primárias* (2015, PIBIC/CNPq), de autoria da professora e orientadora Valéria Guimarães, teve-se contato com a pesquisa em acervos periódicos, sobretudo aqueles que disponibilizam o material em formatos digitais como o Arquivo Público do Estado de São Paulo e a Hemeroteca Digital, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional. Entre as atividades obrigatórias dos alunos de IC previstas no projeto, estavam, além da pesquisa para o banco de dados, a leitura da bibliografia sobre história cultural e história da leitura – para que houvesse a compreensão da lógica da pesquisa e que o trabalho não fosse meramente técnico – e a redação de um projeto próprio. Assim, graças às buscas nos acervos mencionados, foi encontrado o periódico *O Furão* (São Paulo, 1914).

Uma leitura mais detalhada das diversas crônicas publicadas na folha satírica revelou seu potencial como objeto de estudo. Com sua primeira página exibindo uma grande alegoria de Pierrô, *O Furão* poderia levar qualquer leitor, de imediato, ao tema do carnaval, da boemia, da alegria e da modernidade. Eleito o material a ser pesquisado, procurou-se por artigos já publicados sobre o periódico, como forma de auxiliar na análise. No entanto, não foram encontrados textos que explorassem *O Furão*, o que motivou ainda mais a pesquisa, dado o ineditismo do objeto.

O projeto, elaborado ainda como Iniciação Científica e defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi, assim, o início da pesquisa sobre *O Furão* e teve como finalidade conhecê-lo a fundo, analisar sua materialidade e seu conteúdo, considerando-se seu contexto histórico e o caráter inédito da publicação como objeto de estudos. Além disso, visou a compreender as representações textuais e visuais da vida cotidiana da boemia paulistana através das colunas, anúncios, fotografias, ilustrações e da linguagem utilizada no periódico. Revisado e reformulado para o mestrado, o projeto recebeu mais um objetivo: o de elaborar uma reflexão crítica a respeito das visões da sociedade da época, partindo do contexto do início do século XX e buscando entender em que medida seus redatores, colaboradores e leitores se relacionavam com o clima efervescente da vida artística e intelectual da época. Para tanto, estabeleceu-se um recorte temporal: do período antecedente ao lançamento do periódico até um ano depois da última edição a que se tem acesso na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, isto é, de 1910 – quatro anos antes da publicação do primeiro exemplar de *O Furão* – até o ano

de 1925. A isso se seguiu uma fase de análises diacrônica e sincrônica, a fim de contextualizar a publicação frente a suas congêneres.

Sabe-se que a partir das primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo passou por intensas mudanças que marcaram, em definitivo, sua entrada na modernidade. Importava-se o cosmopolitismo europeizado que abria as portas para um novo mundo urbano, com ideias liberais, progressistas e com perspectivas ilimitadas. Era a *Belle Époque* paulistana, que simbolizou um importante período de transição entre o final do Império e a consolidação da República.

Sendo um dos principais meios de expressão e informação, a entusiasmada imprensa paulistana não ficou alheia a esse período de transformação da cidade e viu a ampliação de seu espaço de notícia, com ênfase no cotidiano e, naturalmente, a expansão de seu público leitor. Além disso, a industrialização dos processos de composição e impressão trouxe consigo inovações gráficas que rapidamente foram incorporadas pela imprensa. *O Furão* é fruto de todo esse processo.

Fundado em 13 de junho de 1914, na cidade de São Paulo, *O Furão* possuía o formato tabloide com quatro páginas e se autodenominava um semanário humorístico da boemia, com a pretensão de ser o “representante do amor”, da diversão e da alegria numa cidade que se tornava infeliz – essa “tristeza” é tratada em uma edição do periódico – devido à busca pelo progresso. Com uma linguagem informal, rápida, pautada pelo humor e pela sátira, essa folha pode ser considerada uma síntese do ambiente cultural e boêmio da modernidade do começo do século XX. Suas páginas traziam críticas teatrais, notas culturais, colunas sociais, comentários políticos, crônicas esportivas, anúncios, além de ilustrações e fotografias de artistas conhecidos no cenário por onde o periódico circulava.

O Furão contou com a colaboração de diversas figuras frequentadoras da vida noturna e do modernismo brasileiro, como os jornalistas Eugenio Egas, Carlos Garcia, Menotti Del Picchia e Alfredo Puyol, e as *cocottes* Madame Ida Sanchez, Martinelli, Colombina, Bianca Perla, entre outras. Além disso, suas páginas contavam com os redatores – seguidos de seus pseudônimos – Monteiro Lobato (Sapo-Mor), Cícero Marques (Can-Can, le critique), Ângelo Mendes (W.L.), José Annibal de Azevedo (A.), Dr. Villá Estruch, Washington Luís, Júlio Prestes, Júlio Cardoso, Voltolino e outros nomes cuja identificação não foi possível a partir do material encontrado.

A importância desta pesquisa é justificada pela contribuição aos estudos sobre a História da imprensa paulistana do início do século XX, o que também poderá fornecer material para a

história da cidade de São Paulo – considerando-se que seus redatores, homens de letras, possuíam um papel importante no cenário intelectual e político da época.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como referencial teórico e metodológico a vertente historiográfica que ficou conhecida como Nova História Cultural, sobretudo a linha de pesquisa intitulada História da Leitura, que teve como destaque os historiadores Robert Darnton e Roger Chartier. A opção por essa linha de pesquisa justifica-se devido ao fato de o objeto desta pesquisa, um impresso periódico, poder nela encontrar seus instrumentos adequados de análise.

Nessa abordagem teórica, a História da Imprensa é compreendida como um lugar que possibilita o estudo do campo da produção, difusão e recepção dos impressos, ou seja, leva em consideração todo o circuito de leitura, permitindo compreender os sentidos, as ideias, as representações e o imaginário difundidos pelos redatores d'*O Furão*. Além disso, foram utilizadas referências bibliográficas sobre: i) o contexto histórico em que está inserido o periódico estudado; ii) a história da imprensa no país, especialmente a que contém relatos sobre a atuação desse tipo de veículo de informação desde o final do século XIX até o começo do século XX, sobretudo da pequena imprensa, e iii) livros de memorialistas paulistanos que detalham, através de suas representações, o cotidiano, a vida política, social e cultural da cidade em transformação.

Vale ressaltar que, na análise preliminar do corpus, foi possível notar representações recorrentes nos textos e imagens desse jornal que estão frequentemente circunscritas à vida boêmia da cidade, focalizada no centro da cidade (local de circulação d'*O Furão*), desconsiderando-se os espaços marginalizados, como os bairros operários e industriais, que remetiam ao atraso urbano. Isso indica a pretensão dos nomes envolvidos na publicação de representar a inserção da capital paulista na modernidade: ao privilegiar a representação da região central, território de lazer e das novas formas de sociabilidade da elite paulistana – como os teatros, pensões artísticas, confeitarias e etc. –, os furões retratavam uma cidade de São Paulo que se encaixava nos padrões de civilização importados da Europa e, sobretudo, de Paris.

Seguindo esse raciocínio, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No capítulo 1, denominado *O Furão – um semanário humorístico da boemia*, procura-se apresentar o objeto de pesquisa em sua materialidade e seu conteúdo, buscando inseri-lo em seu contexto histórico a partir de uma análise diacrônica e sincrônica. Apresenta-se também a nova fase do jornalismo, que se instaura a partir de meados do século XIX, denominado por Paula Janovitch (2006) como “apimentado” e tem como representantes *Diabo Coxo* (1864) e *Cabrião* (1866). Graças às inovações tecnológicas, como a litografia e a fotografia, realizou-se a experimentação de novos

aspectos nas publicações, o que possibilitou a criação das folhas humorísticas ou irreverentes, como são denominadas por Elias Tomé Saliba (2002), do começo século XX, que traziam um novo tipo de humor por brincarem com a linguagem que provocava o riso e focalizarem na vida mundana. Pode-se dizer que essas folhas ajudaram a forjar a identidade da nação que ali se formava.

No capítulo 2, intitulado *O Furão e os dispositivos de controle*, apresenta-se a Polícia de Costumes, um órgão oficial da polícia, responsável por impor à São Paulo da época tudo o que era então considerado *boas maneiras*. Com o foco em diversos editoriais d'*O Furão*, propõe-se, com o capítulo, examinar o dilema que a cidade, em constante modificação, e seus moradores enfrentavam, com a intenção de comprovar que o periódico participava ativamente das questões associadas aos tópicos em pauta no cenário intelectual do início do século XX: a civilização e sua relação com a boemia.

No capítulo 3, *O Furão e a vida paulistana*, demonstra-se como o imaginário europeizado foi transportado para a cidade de São Paulo que ainda se urbanizava, trazendo efeitos singulares que aparecerão nas páginas do jornal através das representações visuais e textuais da vida cotidiana da boemia paulistana. Nesse capítulo, a vida mundana da elite da cidade é abordada a partir da análise dos componentes da boemia, os novos espaços de sociabilidade em São Paulo e as crônicas d'*O Furão*, pretendendo-se reconstruir as representações que o jornal trazia de alguns aspectos desse setor tão significativo para a movimentação local.

No último capítulo desta dissertação, *O carnaval nas páginas d'O Furão*, versa-se sobre essa comemoração à época almejada como uma maneira de elitizar a festa popular que antecedia a Quaresma. Objetiva-se, pois, apresentar e analisar a representação do baile carnavalesco frequentado por parte da elite paulistana, principalmente do setor boêmio, que tinha *O Furão* como embaixador.

Destarte, esta pesquisa concerne a questões relativas à produção, difusão, recepção e representações presentes n'*O Furão*, aqui relacionadas com as transformações da vida urbana da elite paulistana do começo do século XX.

1 O FURÃO – UM SEMANÁRIO HUMORÍSTICO DA BOEMIA

A *Belle Époque* brasileira abrange a passagem do século XIX para o XX, com limites imprecisos a depender do autor¹ e é marcada pelo auge econômico do café e pela predominância dos hábitos franceses. Esse período surge em um contexto de mudanças econômicas, sociais e culturais. Há também a negação da herança escravocrata brasileira e a exaltação dos modelos europeus – especialmente franceses e ingleses – que, naquele momento, eram considerados os modelos ideais de civilização em que o modernismo e o progresso estavam pautados.²

A folha satírica *O Furão* supostamente circulava pelo setor boêmio da Pauliceia. O termo boêmio³ utilizado nos dias atuais teve seu significado definido no século XIX, na França, quando muitos artistas e intelectuais passaram a se ver, metaforicamente, como “sem teto”, sem um lugar na cultura da sociedade capitalista, à margem da sociedade burguesa. Os boêmios opunham-se à autoridade estabelecida, porém sem uma organização acordada. O termo francês *bohémien* era utilizado para descrever o submundo de Paris da época,⁴ e será designado à vida mundana na cidade de São Paulo.

As referências escritas à Boemia como um estilo de vida especial, identificável, só surgiram no século dezenove. Foi nas décadas de 1830 e 1840, começando na França, que os termos *boêmios*, *la bohème* e *boêmio* apareceram pela primeira vez com esse sentido. O novo vocabulário teve origem na palavra francesa comum para cigano – *bohémien* – que erroneamente identificava a província da Boêmia [...] como local de origem dos ciganos. Há elementos universais e eternos na boemia, mas como fenômeno social definido e reconhecido ele pertence à era moderna: o mundo moldado pela Revolução Francesa e pelo crescimento da indústria moderna.⁵

Assim, a era moderna, que traz consigo uma profunda sensação de viver simultaneamente em dois mundos,⁶ com a expansão das possibilidades, a destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, a perda das referências concretas e a velocidade de construções e desconstruções derivadas da modernização, possibilitou o surgimento da boemia como um fenômeno social. Essa sensação estará presente no Brasil do início do século

¹ Cf. NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 10.

² SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil República**: da Belle Époque à Era da Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 15.

³ O conceito de boemia pode ser entendido como a cultura dos intelectuais, dos artistas não burgueses e antiburgueses nas sociedades industriais modernas.

⁴ BRAKE, Niguel; FRASCINA, Francis. **Modernidade e Modernismo**: a pintura francesa no século XIX. São Paulo: Cosac & Naify, 1993, p. 50.

⁵ SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia**: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930). Porto Alegre, L&PM, 1992, p. 13.

⁶ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 7.

XX, impulsionada principalmente pelo modo de inserção da modernidade no cotidiano,⁷ contexto em que se encontra o objeto desta pesquisa.

Encontra-se a seguir uma breve apresentação do periódico *O Furão*, objeto desta pesquisa, e uma análise de sua materialidade.

1.1 *O Furão*: suas colunas e seus colaboradores

O Furão – semanário humorístico da boemia noturna foi um periódico lançado em 13 de junho de 1914, na cidade de São Paulo. Possuía o formato padrão de tabloide: impresso em pequena dimensão (33 cm x 48 cm), com quatro colunas e quatro páginas – a última delas destinada aos anunciantes. Era publicado sempre aos sábados, às 13 horas, e disponibilizava à venda aproximadamente quatro mil exemplares impressos⁸, que se esgotavam em algumas horas, segundo o próprio *O Furão*. Com preço acessível – cada exemplar era vendido por 200 réis⁹ –, podia ser adquirido na agência de jornais do Café Central, localizada na Praça Antônio Prado, ou nos Teatros Apollo e Casino, casas de espetáculos famosas na época e anunciantes assíduos do periódico.

Seus leitores também tinham a opção de assinatura, que incluía a entrega, através do pagamento de 10\$000 réis na Capital, 15\$000 réis para o interior e 20\$000 réis para o exterior – pagamento feito ao senhor Diomero de Oliveira, gerente e administrador do jornal.¹⁰

As pessoas que se interessam pela sua leitura, principalmente as mulheres *chics* da alta vida, mandam suas criadas à porta das oficinas onde ele é impresso, para comprar em primeira mão, receosas de ver-se despojadas do prazer da sua leitura. A muitas dessas senhoras mandamos circulares aconselhando a tomassem assinatura para obviar a esses inconvenientes. Muitas delas, porém, responderam-nos dizendo que a assinante recebe o jornal com um dia de atraso, porque a remessa d'*O Furão* sempre se fez pelos correios. As novas assinaturas, pois prometemos d'ora avante fazer a remessa no mesmo dia. Dispomos, para esse serviço, atualmente, de um grupo de empregados solícitos que farão a entrega a domicílio em bicicletas.¹¹

O trecho acima demonstra que a demora no recebimento da folha pelos assinantes, causada pelo método de entrega, ocasionava a preferência por sua compra avulsa. O fato

⁷ SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República**, op. cit., p. 12-27.

⁸ Essa quantidade pode ser considerada pequena quando comparada à tiragem do jornal *O Pirralho*, que era de aproximadamente 13.000 exemplares, como ele mesmo informa na edição nº 20, p. 12.

⁹ O preço de 200 réis pode ser considerado acessível se comparado ao valor d'*O Pirralho*, jornal pertencente ao mesmo segmento, que era vendido por 300 réis. Entretanto, o jornal da grande imprensa como *O Estado de S. Paulo* podia ser adquirido por 100 réis.

¹⁰ *O Furão*, 21/12/1918, p. 1.

¹¹ *Ibid.*, p. 1.

preocupava seus donos – já que acarretava uma renda incerta ao jornal – que tentaram resolver o problema utilizando bicicletas para a entrega do jornal, um método moderno e rápido, que simbolizava o ritmo da vida e da informação que a cidade vivia naquele momento. Além disso, o trecho também possibilita compreender os métodos utilizados na distribuição d’*O Furão*: os leitores moradores da cidade de São Paulo dispunham de entregas por bicicleta ou pelos correios, quando assinantes. Em caso contrário, podiam optar pela compra avulsa nas casas de espetáculos, na agência central ou mesmo na porta da redação. Já os leitores localizados fora da cidade contavam com a entrega realizada pelos correios e nas agências centrais de sua cidade.

O escritório de redação encontrava-se, em um primeiro momento, na Rua Formosa, nº 8, mesmo endereço da tipografia responsável por sua impressão, a Tipografia Gianotti. A rua era próxima à área central da cidade de São Paulo, denominada Triângulo, local onde se concentravam os espaços de lazer da elite paulistana (como as grandes confeitarias, os teatros e as pensões alegres), a vida boêmia e as redações dos grandes jornais. A localização d’*O Furão* facilitava o registro e a construção da representação do cotidiano, sendo perfeita para o seu objetivo: tornar-se um órgão da boemia paulistana.

Além da cidade de São Paulo, o periódico era comercializado na capital federal¹², no interior de São Paulo – Campinas¹³ e Ribeirão Preto – em Santos¹⁴, mas também era exportado para o Uruguai, Portugal¹⁵ e Argentina¹⁶ (o que foi possível somente graças às invenções tecnológicas, principalmente ligadas à mobilidade, que surgiram nesse período).

Com a criação da sua sucursal em Buenos Aires, cujo diretor é o ilustre poeta e periodista dr. Villá Estruch (Casilla del Correo, 1846). *O Furão* começou a ser adotado, como elemento de cultura indispensável pelos boêmios argentinos. A nossa sucursal em Lisboa continua a cargo de distinto ator e homem de letras.¹⁷

O Furão assegurava que era uma folha de grande sucesso com um amplo território de circulação, como se fosse uma espécie de autopromoção, já que sua tiragem era modesta, cerca de 4 mil exemplares por edição, quando comparada com outros periódicos da época. Entretanto,

¹² O jornal estava à venda na Agência de Jornais localizada no largo da Carioca nº 2 e na Agência A. Parisi, na Rua do Passeio, nº 78. Entretanto, para assinaturas e anúncios, o interessado deveria se dirigir à Agência Cosmo, situada na Rua da Assembleia, nº 63.

¹³ Em Campinas, *O Furão* era adquirido através do senhor Antônio Albino Junior, na Rua Barão de Jaguar, nº 64.

¹⁴ Em Santos, *O Furão* estava disponível na Agência de Jornais Paiva Magalhães, localizada na Rua Santo Antônio, nº 34.

¹⁵ Em Portugal, o jornal era encontrado em Lisboa, nas Tabacarias: Mônaco, localizada na Praça Dom Pedro, nº 21; Barbosa, localizada na rua do Carmo, nº 67 e Antunes, Calçada do Carmo, nº 17.

¹⁶ A redação estava localizada na Rua Casilla del Correo, nº 1846. O redator responsável era o Dr. Villá Estruch.

¹⁷ *O Furão*, 14/06/1919, p. 2.

a exportação d'*O Furão* para outros países, inclusive latino-americanos – fato talvez derivado das conexões de um de seus redatores –, é um aspecto importante para compreender o processo de transnacionalidade que se fortalecia com a formação das redes de sociabilidade existentes entre periódicos da época. Sua escrita em três línguas (espanhol, francês e português) provavelmente facilitava não só sua leitura pelo público eclético e formado por imigrantes de várias origens em São Paulo, mas também sua circulação no âmbito nacional e até mesmo internacional, demonstrando que *O Furão* parece ter, de fato, visado a leitores dessas três línguas. Isso o diferenciava dos jornais da pequena imprensa da sua época, grupo no qual pode ser incluído. Tal singularidade talvez representasse uma maior ambição do projeto, muito embora ainda não se tenha mais subsídios para comprovar tal hipótese. O que se pode afirmar, com base nas informações disponíveis, é que esse periódico tentava ultrapassar o espaço cultural nacional ao ser exportado para a Argentina, Uruguai e Portugal, fato que pode ser atribuído à rede de intelectuais que compunham a redação, cujo principal precursor foi o homem de letras, jornalista e empresário artístico, Dr. Villá Estruch, reforçando a conjectura de que o pequeno veículo mundano possuía suas especificidades.

A estrutura d'*O Furão* era composta por editoriais de abertura focados nas atualidades, seguidos das seções de literatura, crônica, poesia, esporte, colunismo social, teatro, cinema e cotidiano. De leitura breve, a maior parte de seus textos não passava de um ou dois parágrafos, com exceção dos editoriais, que, por sua vez, alcançavam, no máximo, duas colunas. Recursos visuais e pequenos traços no estilo *art nouveau*¹⁸, ornamentavam o periódico, repleto de ilustrações, caricaturas e fotografias de personalidades do meio nele privilegiado. Ao final de cada exemplar, liam-se os anunciantes, indispensáveis para a manutenção do periódico¹⁹ e que preenchiam igualmente um ou outro espaço interno. Os anúncios – de maquiagem, sapatos, cremes, vestuários, entre outros – eram, em sua grande maioria, voltados para o público

¹⁸ O movimento *Art nouveau* surgiu na Europa, entre 1892 e 1894, e caracterizou-se por sua ampla penetração nas artes plásticas. Tido como uma arte renovadora, esse movimento nasceu da ruptura com as artes academicistas e com o interesse pela arte japonesa e, principalmente da busca de uma arte que pudesse representar a realidade social marcada pela urbanização e pelo progresso. No Brasil, esse movimento artístico ganha espaço com o advento da *Belle Époque*, coincidindo com a atmosfera de efervescência cultural e a dinamização da imprensa. Dessa forma, no Brasil, a utilização desse estilo, voltado exclusivamente para a necessidade de apreciação da beleza, se deu pela intenção de afirmar o ideal de modernidade e estará presente na composição gráfica d'*O Furão*. Para saber mais, ver os textos de: CHAMPIGNEULLE, Bernard. **A arte nova**. Lisboa: Verbo, 1973 e MOTTA, Flávio. Art-Nouveau, modernismo, ecletismo e industrialização. In: ZANINI, Walter. **História geral da arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983, p. 452-484.

¹⁹ Aquele que desejasse anunciar n'*O Furão*, deveria pagar a quantia mensal de 10\$000 réis e seus anúncios se repetiriam durante um mês. *O Furão*, 21/12/1919, p. 1.

feminino e, muito provavelmente, pertencente à elite paulistana, o que possibilita compreender um pouco do âmbito de recepção desse periódico.

Utilizando uma linguagem pomposa e irreverente, calcada no humor, na ironia e na sátira, *O Furão* era provocativo e brincalhão em suas crônicas. Em sua edição inicial, logo na primeira página, o editorial expõe a expectativa do jornal e os modelos de furos e furões. Nesse típico texto de apresentação e de lançamento do periódico, é possível observar que “o furão” é uma alusão ao intrometido, ao bisbilhoteiro que vigia a vida alheia, que está presente em diversos espaços sociais, marcas da nova sociedade moderna paulistana e frequentados por seu público-alvo.

O Furão, segundo o arcaico e valioso Moraes, é um buraco feito com verruma ou um instrumento agudo; segundo o mesmo lexicógrafo, furo ainda quer dizer meio de sair de alguma dificuldade ou aperto.

Por exemplo: o leitor sugestionado pela leitura de *Sherlock Holmes*, *Fantasma*, e outras obras primas da literatura, quer saber o que passa em um quarto vizinho, si [sic] é que mora em um hotel. Ora o que faz? Pega n’uma verruma ou n’uma pua ou n’outro instrumento agudo, faz um furo na porta do quarto onde há mistérios a desvendar.²⁰

Como se pode notar, o trecho acima demonstra que seus repórteres estarão a bisbilhotar e vigiar a todos em locais públicos, como hotéis, cabarés e teatros, ou seja, os novos lugares de sociabilidade da elite paulistana. Demonstrando que o jornalismo a ser feito pelo “furão” não será do tipo profissional, da grande imprensa, que é considerada a grande fonte de informação, mas um jornalismo do cotidiano, sobre a vida mundana da sociedade da elite paulistana.

O primeiro editorial também define os dois tipos de furões na vida boêmia da cidade.

Os furões esportivos:

Os *foot-ballers*, os jogadores de peteca, pelota e *lawntennis* e que, sofrendo dessa moléstia curável, em vez de baterem com o pé, a mão, a *raquete*, etc., batem no ar e deixam que a bola passe.

Os blacks paulistanos sofrem muito dessa moléstia.²¹

E os *furões sociais:*

[...] moços atacados por uma moléstia epidêmica e incurável e que os faz desejarem se intrometer em tudo, dançar e se divertir, em todos os lugares, mesmo sem prévio convite. Sendo assim, eles entram em todas as inaugurações, enveredam por todos os teatros, sem convite, sem licença, sem bilhetes!²²

²⁰ *O Furão*, 13/06/1914, p. 1.

²¹ *Ibid.*, p. 1.

²² *Ibid.*, p. 1.

Definições estas que permitem levantar hipóteses sobre a quem se dirigia *O Furão*, bem como perceber como os próprios furões se representavam. A utilização de vocabulário permeado por anglicismos e galicismos – signos dos padrões civilizados e muito comuns no setor da elite paulistana que buscava demonstrar seu cosmopolitismo – e a alusão a práticas esportivas estrangeiras²³, à dança, à ocupação de lugares públicos como teatros remetem aos membros da elite paulistana, aos boêmios que frequentavam a noite a fim de se divertir e que de dia praticavam esportes para manter a saúde e a boa aparência, práticas estas, na realidade, interditas para as classes populares que precisavam trabalhar e não tinham, muitas vezes, acesso algum a esses espaços de sociabilidade. Ademais, demonstram o frenesi dos novos e modernos ritmos dessa vida então principiada. Assim, vê-se que os furões e seu leitor ideal – como é denominado por Roger Chartier o leitor idealizado pelo jornal²⁴ – eram os frequentadores desses novos espaços de sociabilidades que surgiram com a modernidade.

Em resumo, nota-se que a definição de “furão” está relacionada à figura do repórter que sai a campo em busca de “furos” de reportagem, mas não sem ser representado com ironia. O “furão” aparece como antagonista do que seria o jornalismo profissional, com um tom descompromissado que, na leitura mais atenta, revela uma crítica subjacente à grande imprensa de caráter noticioso. À figura sóbria e de poucos recursos personificada pelo jornalista profissional, ofício recente e em consolidação à época, como demonstra Nelson Werneck Sodré (1999), opunham-se os “furões”, representados como jovens ricos, dados o epíteto “moço” e vários outros signos da modernidade, tais como os esportes – vários deles ligados à reprodução de estilos estrangeiros –, a ocupação do espaço público – local de exercício da posição social como ritual de exibição pública de símbolos do poder econômico –, entre outros.

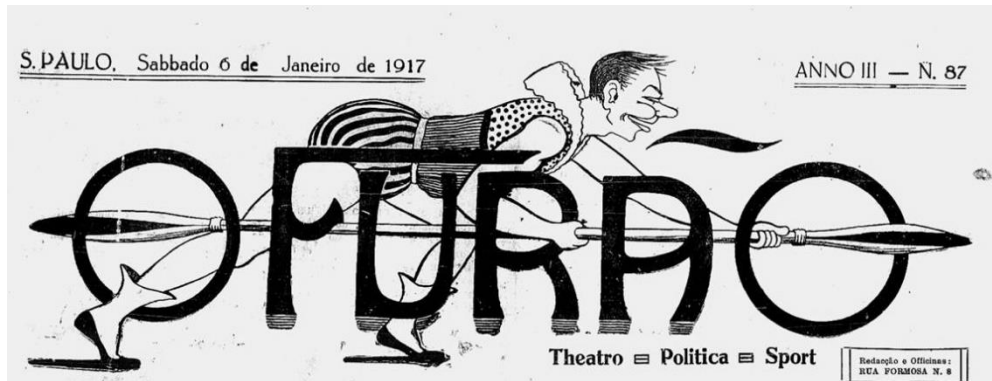
A autorrepresentação d’*O Furão* se faz ver na alegoria que ilustra o cabeçalho do jornal nas edições de 1914 a 1918 e de 1919 a 1924 com o personagem Pierrô²⁵:

²³ A influência europeia foi determinante para a introdução de novas modalidades de esporte no país, e a ação de estrangeiros que aqui se instalaram acaba firmando esse comportamento. Em uma sociedade dominada pelo higienismo e o cultivo do corpo, a prática de esportes ganha espaço nos jornais e na vida das pessoas. Dessa forma, as crônicas são de enorme importância por descreverem o interesse pelas mais variadas atividades físicas, como o hipismo, o futebol, o remo, entre outras. Cf. COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 88.

²⁴ CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**, São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 20.

²⁵ Pierrô é o nome francês dado ao personagem Pedrolino do estilo teatral *Commedia Dell’Arte*, uma forma de teatro popular de rua frequente na Itália do século XV. A história, cuja sátira social ironizava a vida e os costumes da elite, foi tomada como referência pel’*O Furão* que esvaziou o sentido da crítica original, apropriando-se desse signo que tão bem sintetizava os anseios europeizantes da elite paulistana e atribuindo-lhe um sentido de leveza e bufonaria.

Figura 1 – Alegoria d'O Furão de 1917



Fonte: *O Furão*, 06/01/1917, p. 1.

O eterno enamorado, passivo, melancólico, é representado de forma diferente da usual. O Pierrô “furão”, com seu sorriso malicioso, que espreita os outros à procura do furo de reportagem, pode ser relacionado ao espírito boêmio, ao riso, à sátira, ao humor, e, ao ser utilizado como logotipo do jornal, transmitia a ideia irreverente do jornalismo d’*O Furão*, cujos repórteres estavam sempre prontos para dar o furo de reportagem. Dessa forma, relacionado com a ação e distanciado da imagem romântica dos séculos anteriores, esse Pierrô moderno, é satírico, excêntrico, jocosos, boêmio, associado à noite e é símbolo do carnaval do começo do século XX, festa durante a qual as regras e as proibições que regem a vida moderna paulistana são suspensas por alguns momentos. No mês de dezembro de 1918, no entanto, o cabeçalho sofre uma mudança radical e a alegoria original desaparece.

Acompanhando o programa editorial proposto pelos novos donos do jornal, Angelo Mendes e José Aníbal, sob forte influência de Madame Ida Sanchez, a mais famosa meretriz de São Paulo, de acordo com a satírica publicação, *O Furão* apresenta um novo cabeçalho:

Figura 2 – Alegoria d'O Furão de 1918



Fonte: *O Furão*, 07/12/1918, p. 1.

Visando agradar a seu público leitor feminino, como fica claro em seu novo editorial de apresentação – mais uma evidência de que a grande maioria dos consumidores do jornal era, na verdade, feminina –, essa nova alegoria traz a imagem de uma mulher moderna e independente – o que se observa em seu vestuário, seus cabelos curtos e sua forma magra e esbelta –, jornal sob o braço – algo muito incomum em representações de mulheres nessa época – e animal de estimação, um pequeno cachorro, a tiracolo. Ela passeia pela rua, espaço de sociabilidade cada vez mais voltado às mulheres, sem a companhia de outra mulher ou homem da família. Forte e decidida, ela sorri para um homem, provavelmente um desconhecido que, vestido ao estilo *smart* e voltado para ela, tenta chamar sua atenção. Em um local público, até então dominado por homens, a imagem de uma mulher se fazia desejável, ecoando sentindo sexuais e sedutores. Agora, no entanto, elegantes, a mulher e a cidade, passam a ser vistas como um símbolo da modernidade e da civilização almejada.²⁶ E é essa a mulher representada na alegoria, é ela a leitora ideal que o jornal pretendia entreter, como evidenciam os redatores:

“*O Furão*” tendo adotado o programa feminista, tornou-se o órgão da mulher [...]. Dissemos que este semanário é o órgão da mulher, mas positivamente diríamos que ele é o órgão de certas mulheres. Há duas espécies de mulheres: a que vive de portas a dentro, como uma flor de virtudes domésticas, que só se abre em perfumes para o seu dono e senhor, e a que, mais generosa que a primeira, oferece seu perfume a todos o que queiram sentir. A primeira não nos interessa. É da segunda que tratamos. As mulheres desta classe têm n’*O Furão* o órgão destinado à defesa dos seus interesses, ao passo que as da outra classe já possuem o seu órgão particular...²⁷

Essas novas mulheres, que *O Furão* retratava e buscava como leitoras ideais, eram um fenômeno da cidade, eram frutos do processo de modernidade e eram vistas, muitas vezes, pelos cronistas da época, como representantes dos vícios e das virtudes da vida moderna. Dessa forma, *O Furão* notou que as mulheres vinham ganhando certa autonomia em alguns aspectos derivados desse novo cenário e se libertando das imagens retratadas n’*A Cigarra* e em *Fon-Fon!* – publicações voltadas às moças da alta sociedade – bem como em órgãos da grande imprensa.

Entretanto, essa mudança radical não deve ter agradado muito a seus outros leitores, já que, logo na primeira edição de janeiro de 1919, o jornal retoma a alegoria de Pierrô, um elemento masculino. Atitude essa que demonstra a ambiguidade vivida pela sociedade

²⁶ Cf. OLIVEIRA, Claudia. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: OLIVEIRA, Claudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revista: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

²⁷ *O Furão*, 07/12/1918, p. 1.

paulistana no começo do século XX, representada por memorialistas e pela imprensa como moderna, porém, deveras hesitante entre os âmbitos do tradicional e do moderno, do provincianismo e do cosmopolitismo.

Apesar de tal mudança, as colunas d'*O Furão* não sofreram modificações em momento algum. A partir dos títulos, pode-se estabelecer categorias, que incluem esporte – *Club de Regatas Tietê, Foot Ball*; crônicas em língua estrangeira – *O Furão en la Argentina, Vida Nocturna*; política – *O Furão no Congresso*, editoriais, notas às margens, notas da redação; e vida mundana – *Pelos Theatros, Pelos Cabarets, Bailes Carnavalescos, Perphil, O Furão viu..., Tipos Nocturnos, Correspondência e Ephifatos*. Com uma linguagem informal, moderna e constante, além de assuntos variados e diferentes entre si, as colunas traziam a prosa leve e divertida dos mexericos da vida boêmia, revestida por brincadeira e piadas – muitas delas atualmente impossíveis de decifrar por seu sentido cômico exclusivo à época.

Sua redação, segundo o próprio jornal, contava com a participação “não somente [dos] moços e os <hocurs> [sic] sacerdotes de jacy e cavalheiros de lunar, mas também [de] membros da Comissão Central, Senadores, Secretários de Estado, Deputados, Vereadores, advogados, médicos, engenheiros e até padres.”²⁸ Entre eles, assinavam com pseudônimos²⁹ o escritor Monteiro Lobato (Sapo-Mor)³⁰, o aviador Cícero Marques³¹ (Can-Can, le critique), o advogado e jornalista Angelo Mendes³² (W.L.), o político e ex-militar José Annibal de Azevedo (A.), o conhecido caricaturista Voltolino, o português ator e homem de letras João Nascimento Pereira, mais conhecido como “João, o Furão” (responsável pela redação em Portugal) e o

²⁸ *O Furão*, 16/06/1917, p. 1.

²⁹ O uso de tal recurso era muito frequente na pequena imprensa, principalmente na irreverente. Ele pode ser entendido como uma forma de se eximir de qualquer responsabilidade e até mesmo ter maior liberdade para se expressar, já que a assinatura do pseudônimo não estaria atrelada à reputação do escritor por trás dele.

³⁰ Conseguiu-se identificar Monteiro Lobato como Sapo-Mor graças à caricatura de Voltolino sobre os furões. É possível supor que a denominação esteja relacionada à expressão da época *sapos de redação*, que “eram os amigos da casa, que frequentavam os jornais como se estivessem num clube, traziam algumas notícias e palpitavam sobre outras.” Cf. CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano. **São Paulo**: a juventude do centro. São Paulo: Conex, 2004, p. 163.

³¹ A descoberta do nome do colunista Can-Can, le critique foi possível graças a uma dica do jornal *O Furão* que informava que tal coluna seria escrita por um conhecido aviador do município de São Paulo. Além disso, confirmou-se tal hipótese por meio da coluna *Chronicas Sportistas*, promovida pelo jornal *Correio Paulistano*, que trazia o nome do jornal e dos cronistas participantes.

³² Angelo Mendes foi identificado como W.L. graças a algumas informações encontradas. Primeiramente, descobriu-se que Angelo Mendes era dono e um dos redatores d'*O Furão*, devido a um artigo em que ocorreu a identificação de alguns nomes. Além disso, era sabido que W.L. estudara na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na turma de 1886, juntamente com o deputado Mario Amaral. Ao acessar a página da turma em questão, é possível encontrar o nome de Angelo Mendes. Também encontramos uma caricatura feita por Voltolino para o periódico *O Pirralho* que, comparada à caricatura impressa n'*O Furão*, levou à identificação de semelhanças.

empresário e jornalista internacional Dr. Villá Estruch (responsável pela redação d’*O Furão* na Argentina). Antes de ser vendido³³ em 1918, também contou com a presença de Júlio Prestes.³⁴

Angelo Mendes de Almeida era jornalista e advogado, formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco no ano de 1909, filho do jurista e político do Império, Dr. João Mendes de Almeida. Utilizava o pseudônimo de “W.L.” ou “João-Cabeça” para escrever os editoriais d’*O Furão*, nos quais tratava dos problemas da cidade de São Paulo e principalmente da Polícia de Costumes e suas políticas. Seus textos possuíam cunho político com embasamento teórico e histórico, fruto de sua erudita formação acadêmica e de sua experiência, uma vez que, entre os “furões”, era um dos mais velhos.

Já o aviador e escritor Cícero Marques era responsável pelos trechos em francês da coluna *Vida Nocturna*, a qual assinava como “Can-Can, le critique”. De acordo com o jornal, Can-Can era “deputado, cidadão provecto, ligado em política à facção dominante e, no entanto, sempre o espírito crítico e alegre de boêmio e *noceur*³⁵ que as relações com Sr. Ataliba Leonel e Júlio Cardoso corromperam um pouco”³⁶. Sua coluna, escrita em tom irreverente, narrava fofocas sobre as *cocottes* e seus amantes.

Outro redator que trazia relatos da vida nas pensões artísticas e dos teatros era Monteiro Lobato, em sua coluna *Sapeando...*, assinada por Sapo-Mor. Formado em Direito, como muitos de seus companheiros de letras, esse colaborador que já era nome conhecido não somente no cenário da grande imprensa, representada por publicações como *O Estado de S. Paulo*, onde ganhou seu apelido de sapo de redação³⁷, e a *Revista do Brasil* (1919-1925), mas também no ramo editorial. Em pouco tempo tornaria-se referência célebre no mundo letrado, a despeito das conhecidas polêmicas com modernistas (com os quais, aliás, tinha mais coisas em comum do que tais polêmicas deixam supor)³⁸. N’*O Furão*, dedicou-se a escrever leves e divertidos textos com suas observações sobre a vida mundana da cidade de São Paulo.

³³ *O Furão* foi vendido em 7 de dezembro de 1918, porém o motivo não é conhecido. Após algumas análises d’*O Furão* e de um artigo d’*O Combate* (14/10/1920, p.1), é possível afirmar que José Aníbal e Ângelo Mendes eram os novos donos do periódico. Não foi possível identificar seu primeiro proprietário.

³⁴ Além dos redatores listados, *O Furão* também contava com outros cinco redatores, totalizando doze. Porém, até o final desta dissertação, não houve sua identificação. Continua em aberto a possibilidade de mais de um pseudônimo ser assinado pelo mesmo escritor.

³⁵ Libertino.

³⁶ *O Furão*, 14/06/1919, p. 1.

³⁷ Cf. CAVALCANTI; DELION, Luciano. **São Paulo: a juventude do centro**, op. cit., p. 163.

³⁸ Cf. CHIARELLI, Tadeu. **Um jeca nos vernissages**. São Paulo: Edusp, 1995; KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, 1998; CAMARGOS, Marica; SACCHETTA, Vladimir; AZEVEDO, Carmem Lucia de. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Senac, 1997; LUCA, Tania Regina de. **Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011; LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

O responsável pela coluna quase semanal escrita em espanhol, *O Furão en la Argentina – crônicas de nuestro redator-corresponsal*³⁹, será o jornalista e empresário Dr. Juan Villá Estruch. Espanhol que vivia na Argentina, diretor-gerente de *The Mundial Artistic Society*, uma espécie de empresa responsável pelos artistas que trabalhavam nas casas de espetáculos do Brasil e de outros países, foi correspondente de diversos periódicos da língua espanhola – argentinos, chilenos, uruguaios e espanhóis. Sua coluna no jornal visava a deixar seus leitores a par da vida mundana e política da Argentina, do Uruguai e, ocasionalmente, da Espanha, trazendo dados sobre as novas promessas do mundo do entretenimento e dos espetáculos, sobre política, sobre as fofocas de bastidores, etc. e informando os boêmios espalhados pelo mundo, como era a proposta do jornal. Sua participação no periódico é de extrema importância, já que, supõe-se, a exportação da folha para os países em que o jornalista trabalhava e a sua venda em casas de espetáculos pelos artistas da empresa *The Mundial Artistic Society* eram consequência de sua colaboração no periódico.

Percebe-se que os redatores d'*O Furão* eram homens, muitos deles pertencentes aos quadros da oligarquia cafeeira ou vindos de famílias abastadas, que encontraram na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco um núcleo comum – se não diretamente como estudantes, talvez como “agregados” – que fazia da folha satírica um veículo de exaltação da vida boêmia que frequentavam. Era sobre esse grupo que se referia o primeiro editorial de apresentação do jornal.

Encontram-se a seguir caricaturas, desenhadas por Voltolino e disponíveis na edição de aniversário do periódico, de alguns dos redatores d'*O Furão*:

³⁹ O nome dessa coluna variava.

Figura 3 – Os Furões⁴⁰

⁴⁰ Caricaturas feitas por Voltolino, designando os “Furões”: João Cabeça (W. L.); Estruch (D. Apa); Sapo-Mor (J.); Can-can, le critique; Cezario Juliano; Voltolino (Varejão); Compadre Ballarmino (Alex.) e Jacob (B. A.).



Sapo-Mór (J.).



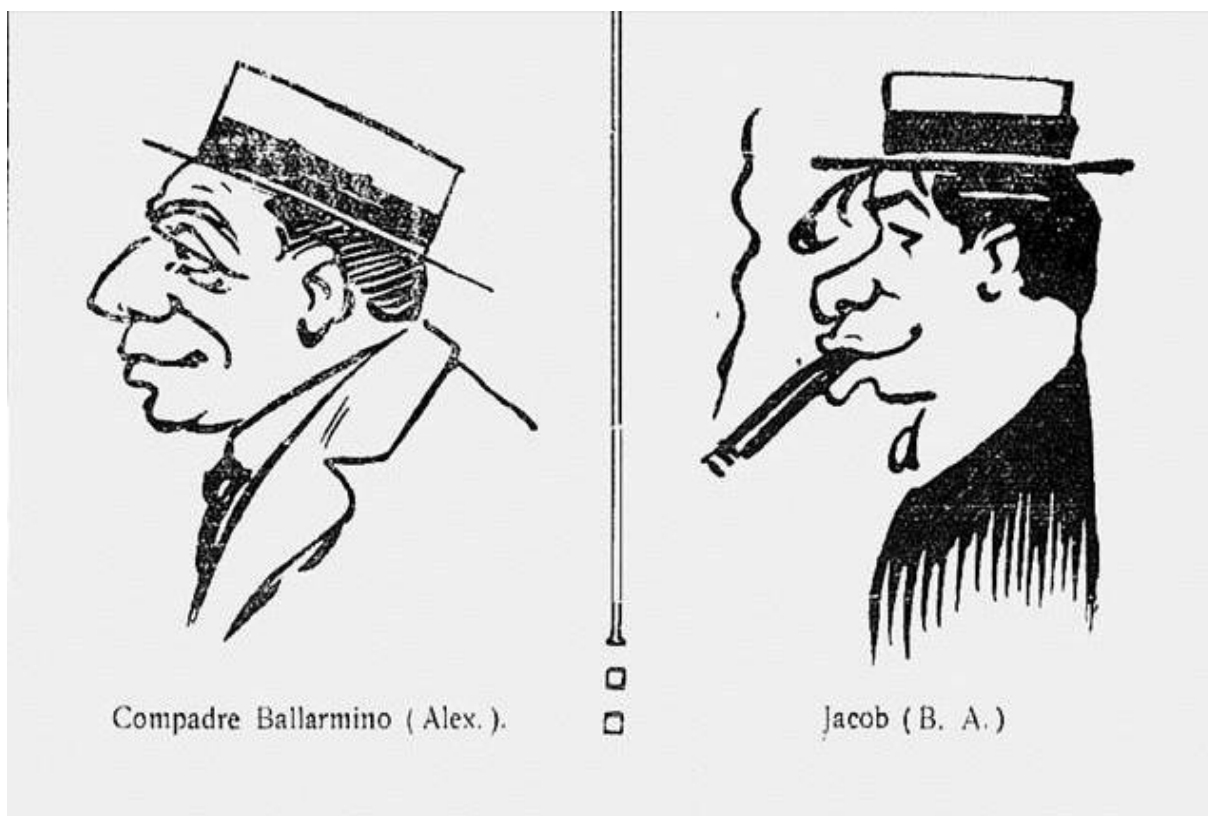
Cezario Juliano.



Can-can, le critique.



Voltolino (Varejão).



Fonte: *O Furão*, 12/06/1920, p. 1.

Além disso, seu time de colaboradores, homens de letras e políticos citados nas lembranças dos memorialistas⁴¹, era formado por membros frequentadores da boemia paulistana, tais como Alfredo Pujol, Káká, Altino Antunes, Eugenio Egas, Menotti del Picchia, Mario Serva, Carlos Garcia, Mario Tavares, dr. Cincinato Braga, o deputado Ataliba, o padre Gazineo, o general P. Salles e o remador Arthur de Carvalho. Tratava-se de nomes conhecidos e respeitados, ligados, em sua grande maioria, a famílias endinheiradas, e que possuíam presença no circuito cultural da cidade de São Paulo, principalmente na Semana de 22.⁴² Ou seja, eram colaboradores membros da elite econômica, política e cultural paulistana e, por vezes, do país, o que deixa entrever o local de fala e para onde era voltado esse setor.

Mas o periódico contava igualmente com colaboração feminina das *cocottes* Ida Sanchez, Martinelli, Colombiana, Bianca Perla, Fernanda Girardini, Mme. Serafina, Veiga Miranda – a Loba do S., Negrinha e Rosita Grega.⁴³

⁴¹ Muitos desses nomes aparecem nas memórias de Cícero Marques, José Agudo e Afonso Schmidt. Além disso, também eram figuras recorrentes nas páginas dos seguintes periódicos: *O Pirralho*, *A Cigarra*, *Vida Moderna*, *Il Pasquino Coloniale*, entre outros exemplares da pequena imprensa.

⁴² Cf. GONÇALVES, Marco Augusto. **1922**: a semana que não terminou. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁴³ *O Furão*, 16/06/1917, p. 1.

É evidente, pois, que identificar uma parte do grupo responsável pela linha editorial e seus colaboradores foi importante para a dissertação, já que os impressos não foram obras solitárias, mas um projeto coletivo e um espaço de sociabilidade, onde se construíram relações pessoais e intelectuais e todo um ambiente intelectual que ultrapassou fronteiras geográficas e políticas, agregando pessoas em torno das ideias e dos valores que pretendiam difundir, a partir da palavra escrita e de pistas a respeito da leitura compartilhada por seus defensores.

Ao longo de sua existência, *O Furão* teve dois proprietários e uma intensa rotatividade de colaboradores, além de uma breve alteração em seu projeto gráfico. Apesar de tais modificações, a publicação manteve, durante todo seu período de circulação, o humor e o sarcasmo, marcas dessa imprensa que trouxe em suas páginas um universo sociocultural de sua época.

Abordar-se-ão, a seguir, as mudanças ocorridas nos âmbitos econômico, político, social e cultural de São Paulo, entre o final do século XIX e o início do XX, com vistas a demonstrar os impactos positivos e negativos na cidade e no estilo de vida de seus cidadãos, ambiguidades representadas nas páginas de *O Furão*.

1.2 *O Furão* e a modernidade de São Paulo

Entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o Brasil – com destaque para a cidade de São Paulo –, passou por profundas transformações: a abolição da escravidão, a proclamação da República, revoltas, a ascensão dos cafeicultores, o surto imigratório e o crescente processo de industrialização que, associadas à necessidade do país de se conectar aos ideais de modernização, deram o tom desses novos tempos e marcaram a entrada do Brasil no cenário da modernidade.

O mundo encontrava-se em veemente fluxo de mudanças. A revolução científico-tecnológica ocorrida a partir de 1870 – também denominada Segunda Revolução Industrial – alterou significativamente os hábitos e costumes cotidianos, transformando o modo de vida das sociedades. Foi um período marcado pelo avanço das ciências, e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento da tecnologia, além de ter proporcionado a expansão da economia industrial europeia – através da “consolidação da unidade global do mercado capitalista”⁴⁴ – e a ampliação das produções em grande escala. Trata-se de mudanças que trouxeram consigo a ideia de

⁴⁴ HOBBSBAWN, Eric. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 41.

progresso, de um tempo de certezas em que o homem, com suas invenções⁴⁵, havia derrotado seu maior inimigo: a natureza.

Estimuladas, sobretudo, por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. De fato, nunca, em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformações de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos.⁴⁶

O grande responsável pela transformação do Brasil e, particularmente, do estado de São Paulo, foi o café. Com o aumento da produção cafeeira e a expansão de suas fronteiras, encurtando-se as distâncias graças às ferrovias e intensificando-se os investimentos no desenvolvimento industrial, São Paulo se consolidava no papel de capital da economia brasileira.⁴⁷ Os ricos fazendeiros de café começavam, pois, a deixar o interior com suas famílias para morarem na capital. Concentrada em casarões próximos ao centro, a elite paulistana passa a morar na recém-inaugurada Avenida Paulista.⁴⁸

A busca pela feição moderna que a cidade procurava assumir fez com que se tentasse apagar qualquer traço colonial que ainda existisse em suas estruturas urbanas – casas e ruas, por exemplo – e, principalmente, em seus hábitos.

A Avenida Paulista, inaugurada em 1891, faz concorrência com os bairros chiques dos Campos Elíseos e Higienópolis; o conjunto de edifícios construído por Ramos de Azevedo entre 1891 e 1896, no largo do Palácio, para abrigar as secretarias de Estado, traz a imagem de solidez, abundância e modernidade que o governo dos cafeicultores pretendia imprimir, assim, como a Escola Normal na Praça da República e o Viaduto do Chá. Em 1894, ciência e racionalidade pedem passagem com o Instituto Histórico e Geográfico Paulistano, a Escola Politécnica, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, e, um ano depois, o Museu Paulista.⁴⁹

⁴⁵ A pilha, o telégrafo, a luz elétrica, o avião, o navio a vapor, o rádio, o raio-x, os anestésicos, entre outras. Essas invenções diminuíram a noção de tempo e espaço e permitiram avanços no campo da microbiologia, farmacologia, medicina, higiene, entre outros. SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República**, op. cit., p. 9.

⁴⁶ Ibid., p. 7-8.

⁴⁷ ÉRNICA, Mauricio. Uma metrópole multicultural na terra paulista. In: SETUBAL, Maria. **A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e o uso da terra**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004, p. 173.

⁴⁸ AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo: 1895-1915**. São Paulo: Saraiva, 1957, p. 406.

⁴⁹ COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890-1914**, op. cit., p. 32.

Seguindo o caminho da modernização urbana, o primeiro prefeito, Antonio da Silva Prado⁵⁰ (1840-1929), recém-eleito, iniciava o projeto de remodelação da cidade no ano de 1900. Seus planos urbanísticos provocaram mudanças radicais no cenário paulistano: os investimentos no embelezamento estratégico, com ênfase na iluminação e o asfaltamento das ruas públicas estabeleceram novas regras de sociabilidade e aproveitamento do espaço público.

A cidade cresce, se embeleza, e bem na virada do século parecia um canteiro de obras. Ruas, praças e becos eram remodelados ou desapareciam, numa cruzada em nome da civilização. A Avenida Angélica foi aberta; ruas e avenidas são arborizadas à maneira inglesa; o Jardim da Luz e a Praça da República são remodelados; o centro da cidade – o Triângulo – ganha ares europeus [...]. Não havia planejamento urbano definido, mas o prefeito, imbuído em transformar a cidade numa urbe com aspectos europeus, deixava entrever, na cidade em obras, o que pretendia: veredas maravilhosas para moradia dos abastados (Higienópolis, Paulista e arredores); o centro e arredores para o comércio, negócio e lazer, e os bairros populares para os operários, juntos as fábricas.⁵¹

É clara a intenção de demolir tudo aquilo que remetia à era colonial, vista como um modelo atrasado, para erguer em seu lugar uma nova estrutura urbana, moderna e civilizada. Ressalta-se que esse processo de “regeneração”⁵², como foi denominado na época pela imprensa, tivera início na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, com os projetos do prefeito Pereira Passos⁵³.

Diante de tantas transformações, constata-se um culto ao progresso e aos ideais de civilização e modernidade. Era a *Belle Époque* estabelecendo-se na Pauliceia e modificando seus espaços públicos. Sua atmosfera exaltava o luxo, o prestígio, a beleza, o requinte e, sobretudo, a modernidade, além de trazer um novo “dinamismo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico, e [...] a popularização do cinema.”⁵⁴

A elite paulistana se tornava cada vez mais urbanizada e ansiava pelo modelo de vida parisiense, buscando legitimação como uma “frente avançada da cultura europeia no novo mundo.”⁵⁵ Essa tarefa era desempenhada especialmente – como já demonstrava Baudelaire ao

⁵⁰ Antônio da Silva Prado foi o primeiro prefeito da cidade de São Paulo. Ex-conselheiro do Império, fazendeiro, industrial e influente paulistano no cenário político da época, permaneceu no cargo de 1899-1911, ano da inauguração do Teatro Municipal.

⁵¹ COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**, op. cit., p. 34-35.

⁵² Vale lembrar que essa renovação das cidades não abarcava a maior parte da população, mais precisamente a parcela da população menos favorecida da sociedade, como os descendentes de escravos, mestiços e imigrantes, que eram empurrados para as áreas periféricas das cidades.

⁵³ Cf. SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República**, op. cit., p. 24-40.

⁵⁴ Ibid., p. 37.

⁵⁵ CAMARGOS, Márcia. **Villa Kyral: crônicas da Belle Époque paulistana**. São Paulo: Senac, 2001, p. 27.

definir o *dandy*⁵⁶ – por aqueles que possuíam vantagens financeiras e tempo livre para usufruir do cosmopolitismo que se instalava na cidade. Eram os furões “esportivos” e “sociais” apresentados pel’ *O Furão*.

Dessa forma, o lazer passou a acontecer nas ruas e não mais no ambiente exclusivo dos lares patriarcais. Logo, esse novo imaginário europeizado, introduzido em uma São Paulo recém-urbanizada, mas ainda provinciana, causará efeitos singulares. A *high society* paulistana descobriu os hábitos sociais, as confeitarias, os bailes, as noitadas nos teatros, todos localizados no coração da cidade: o Triângulo. E são esses locais públicos, símbolos da vida moderna que serão evocados nas representações d’ *O Furão*.

Em São Paulo, a burguesia do café não deixava por menos. O coração da cidade, o Triângulo, pulsava orgulhoso; era pelas ruas Direita, São Bento e Quinze de Novembro, que confluía para o Largo do Rosário (depois Praça Antônio Prado), que circulavam políticos, jornalistas, artistas, mulheres bonitas, homens de negócios, estrangeiros. Chiques e desocupados formavam rodinhas e pequenos grupos, “cozinhando mexericos, novidades, casos picarescos e os últimos ditos de espírito”. Lá estavam bancos, redações de jornais, comércio fino e variado, hotéis e restaurantes, teatros, confeitarias, charutarias e bilhares.⁵⁷

A vida da elite paulistana estava localizada no centro de São Paulo, onde era possível notar a tentativa de adoção dos modelos de civilização europeia, importados da França e da Inglaterra, ditando a moda e oferecendo à alta sociedade paulista a reprodução de um padrão de vida de acordo com os modos europeus. O consumo de produtos de origem europeia, como alimentos, roupas, decoração e móveis, principalmente os artigos de luxo, não era apenas hábito relevante para a manutenção do *status*, mas uma nova maneira de entretenimento que encontrará espaço na imprensa, principalmente na pequena imprensa, que divulgava a vida mundana, através de autorrepresentações do que significava ser civilizado e moderno. Nesses veículos, era possível encontrar, em anúncios e colunas, uma versão glamorizada de espaços que, muitas vezes, ainda eram precários e frequentados por segmentos diferentes, que não tinham acesso a esses novos e importados modos.

Ficava cada vez mais distante o modo de viver de origem colonial. Mas o passado ainda se fazia presente na arquitetura do centro velho, nos modos de se portar, nos hábitos e atitudes que se manifestavam nas ruas e nas casas. Não se tratava apenas de uma sobrevivência: as diferenças culturais e de tempos históricos eram

⁵⁶ “Esses seres não têm outra ocupação senão cultivar a ideia do belo em suas próprias pessoas, satisfazer suas paixões, sentir e pensar. Possuem, ao bel-prazer e em larga medida, tempo e dinheiro, sem os quais a fantasia reduzida ao estado de devaneio passageiro, dificilmente pode ser traduzida em ação.”. Cf. BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 52.

⁵⁷ COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890-1914**, op. cit., p. 72.

contemporâneas e se misturavam no mesmo tempo em que velhos padrões eram mobilizados como meios de fazer o novo existir.⁵⁸

Por conseguinte, toda a ostentação e refinamento amparados no modo de vida europeu provocaram uma espécie de obsessão alienadora e uma distorção da realidade, causando estranhamentos, ambiguidades e contradições, posto que ainda era possível encontrar velhos padrões de sociabilidade do mundo patriarcal colonial escravocrata em confronto com os padrões modernos europeus. Esses conflitos serão muito bem representados nos editoriais d'*O Furão*, principalmente no tocante à Polícia de Costumes, pois esta trazia imagens contraditórias do Centro da cidade, no periódico representado como difusor da cultura e da civilização, mas ambiente considerado como reduto dos vícios, da depravação, das agitações operárias, enfim, do mundo marginalizado, frequentado pelas “classes perigosas”, como era denominado por alguns jornais, principalmente os da grande imprensa.

Também o setor do trabalho sofre com o choque provocado por esse novo modo de viver da elite paulista. O recente ideal escravocrata desvalorizava qualquer ocupação que exigisse esforços físicos, e tal pensamento reverberava em como a elite tratava o trabalhador pobre.

Intensificou-se o consumo e, com ele, o comércio, a construção civil e as atividades industriais. Os italianos introduziram uma cultura urbana que se chocou com o modo de vida elegante dos empresários do café. Isolados e distantes, estes viviam entre os seus palácios, seus clubes exclusivos, suas fazendas e a Europa, enquanto os peninsulares e demais imigrantes desenvolviam na rua a maior parte de suas atividades, relativas ao trabalho, ao lazer e à diversão. Imprimiram a sua marca nos costumes, na culinária e no linguajar paulistano. Alterou-se a fisionomia urbana.⁵⁹

Entretanto, os imigrantes, que a princípio, eram vistos como agentes do branqueamento, do progresso e da civilização, logo passam a ser vistos como uma ameaça à ordem estabelecida, tornando-se alvo da Polícia de Costumes.⁶⁰

Outro aspecto da imitação incoerente dos padrões europeus está relacionado à moda. Na história, a vestimenta sempre foi uma marca fundamental de distinção social e, durante o período de transformação das cidades brasileiras, não foi diferente. Mulheres e homens importavam tecidos, roupas e outros acessórios que eram tendência na Europa, sobretudo da

⁵⁸ ÉRNICA, Mauricio. **Uma metrópole multicultural na terra paulista**, op. cit., p. 173.

⁵⁹ HOMEM, Maria Cecília Naclerio. **O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira: 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 187.

⁶⁰ Cf. AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 59-75.

França e da Inglaterra, onde o essencial era “ser *chic* ou *smart*, conforme a procedência do tecido ou do modelito.”⁶¹

A influência cultural europeia que surgiu no continente fundiu-se com as tradições de tempos coloniais que não foram abolidas por completo, pois estavam profundamente instaladas nos costumes regionais. Ou seja, além da renovação de hábitos, houve também a persistência de um padrão já enraizado. E, com efeito, o impacto dessa nova configuração foi determinante para o surgimento de um estilo de vida muito distinto, urbano, dinâmico e complexo. Um estilo de vida que estará presente n’*O Furão*.

A seguir será realizada uma breve apresentação da história da imprensa brasileira entre o fim do século XIX e o início do século XX, buscando demonstrar como tal meio de comunicação, em um tempo de inserção e associação de novos padrões, ajudou a veicular, fomentar e assimilar os então recentes modos de sociabilidade, inclusive junto às classes populares.

1.3 *O Furão* e a imprensa brasileira

Nesse cenário mundial de transformações coube à imprensa periódica a função de agente direto e propagador de um imaginário da modernidade. Constituindo-se como um dos principais meios de expressão e informação do início do século XX, a imprensa periódica acompanhou a renovação na cidade e viu surgir uma nova geração de intelectuais “que assistem à inauguração da República brasileira, vivenciando as fortes expectativas de transformação trazidas pela modernização e na criação de um novo jornalismo.”⁶²

Durante o século XIX, os aprimoramentos das técnicas de impressão, a evolução dos meios de comunicação e de transporte e a ampliação do público leitor contribuíram para o aumento da produção de periódicos. Foram importantíssimas, para a constituição da indústria gráfica, invenções como a prensa cilíndrica, a rotativa, a linotipo, a estereotípia, a fotografia e também a modernização nas comunicações por meio das agências telegráficas de notícias.⁶³

Em razão dos novos tempos, os investimentos na área editorial e gráfica permitiram o desenvolvimento de máquinas potentes e rápidas. Como resultado dessa renovação, os periódicos dispunham de uma melhor qualidade de impressão, uma diversificação dos recursos

⁶¹ SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República**, op. cit., p. 26.

⁶² SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 38.

⁶³ FONSECA, Letícia. **Uma revolução gráfica**: Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil (1895-1898). São Paulo: Blucher, 2016, p. 17.

gráficos – como, por exemplo, a fotografia, a caricatura, ilustrações, ornamentos, entre outros recursos –, aumento do número de tiragem, barateamento do preço final, e, conseqüentemente, o aumento do número de leitores. Além das mudanças nas formas de impressão dos periódicos e da modernização na comunicação, surgem novos temas e estilos jornalísticos, já que os periódicos passaram a ter um papel importante na assimilação das novidades, dos embates políticos e nas alterações socioeconômicas da segunda metade do século XIX.

Dessa forma, amparada pela nova conjuntura, a imprensa tornou-se um instrumento muito eficaz na difusão e assimilação das novas práticas. Os livros, por possuírem uma tiragem modesta, em comparação com o cenário europeu, e pelo alto nível de analfabetismo, favoreceram o cenário de multiplicação dos periódicos, que traziam em suas páginas uma nova linguagem, iam se tornando o grande meio de comunicação do início do século XX, como a autora Heloísa Cruz demonstra no trecho a seguir:

A imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura impressa e o periodismo emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos.⁶⁴

Nesse cenário de renovação está localizada a grande e a pequena imprensa. A grande imprensa, de forma genérica, designa “o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”,⁶⁵ se estruturando no começo da Primeira República, onde ganhou aspectos de uma empresa, segundo Nelson Werneck Sodré. Os principais exemplares da grande imprensa da época foram os jornais *O Estado de S. Paulo*⁶⁶ (1875), *Correio Paulistano* (1854) e *A Gazeta* (1906).⁶⁷ Por sua vez, a pequena imprensa reunia um conjunto extremamente diversificado de folhetos, revistas ilustradas, jornais de bairros, casas comerciais, órgãos recreativos, educacionais, comerciais, humorísticos, satíricos, étnicos, entre outros.⁶⁸ De acordo com Sodré, é possível dividir a pequena imprensa em dois patamares:

⁶⁴ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890/1915)**. São Paulo: Educ/FAPESP, 2000, p. 71.

⁶⁵ LUCA, Tania de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149.

⁶⁶ Seu nome original era *Província de S. Paulo*, mudado após a proclamação da República. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 100.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 100.

⁶⁸ LUCA, Tania de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**, op. cit., p. 151.

[...] a que é pequena tão somente por condições materiais, relegada ao interior do país, e que nada perturba a estrutura social, econômica e política dominante e nem mesmo a consequente estrutura da grande imprensa, e a que agrupa as publicações de circulação reduzida e de pequenos recursos materiais, mas mantém uma posição de combate à ordem vigente e cuja condição deriva dessa posição.⁶⁹

O Furão é fruto dessas transformações e encontra-se inserido no grupo da pequena imprensa – mais especificamente naquela denominada como imprensa irreverente pela historiadora Paula Ester Janovitch (2006), que via no riso e no humor uma forma irônica de representar a sociedade da época.⁷⁰ O Brasil tem larga tradição nesse estilo:⁷¹ o riso e a sátira estiveram presentes no impresso periódico desde o *Lanterna Mágica* (1844-1845), passando pelas revistas ilustradas de Ângelo Agostini⁷² (1843-1910), e as revistas mundanas *A Cigarra* (1914-1975), *Fon-Fon!* (1907-1958), *Vida Moderna* (1907-1925) e *Vida Paulista* (1903-1908), até mesmo a imprensa operária.

Paula Janovitch indica que com o surgimento dessa imprensa, que ela chama de irreverente, aparece na cidade de São Paulo os primeiros periódicos com temática do viver urbano e conteúdo bastante crítico, como o *Diabo Coxo* (1864), *Cabrião* (1866-1867) e *Polichinello* (1876).⁷³

Com o dedo apontando para as questões do momento, agulhando políticos em desenhos que apanham o cotidiano urbano, essa pequena imprensa vai costurando a vida cultural fazendo que o grande jornalismo se transforme em mais um dos personagens dessa cidade dissonante nos seus tabloides de curta duração.⁷⁴

Essa imprensa humorística ficava concentrada na área central da cidade de São Paulo, ao lado da vida mundana – das grandes confeitarias e das pensões artísticas –, era produzida em pequenas salas que comportavam diversas atividades – ateliês, tipografias, escritórios e redação – e tinham nomes retirados do dia a dia. Era essa pequena imprensa o órgão responsável por registrar e construir outra via de acesso à cidade, passando a dialogar de forma bem-humorada com o cotidiano e com sua representação adquirida a partir da própria mudança de foco jornalístico do final do século XIX.

A narrativa do riso proveniente da pequena imprensa da *Belle Époque* estava vinculada à vida urbana e ao mundo do entretenimento, representada pela linguagem humorística em

⁶⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**, op. cit., p. 323.

⁷⁰ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**, op. cit., p. 214-215.

⁷¹ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**, op. cit., p. 203.

⁷² *Ibid.*, p. 203-204.

⁷³ JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por trocadilho: a imprensa irreverente paulistana (1900-1911)**. São Paulo: Alameda, 2006, p. 18.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 19.

forma de charges, fotografias, piadas ou caricaturas. Essa linguagem leve, porém, não se distanciava da vida noticiosa por tratar apenas do mundanismo e do entretenimento: os semanários levavam uma nova abordagem carregada de diversão, bom humor e leveza às notícias da cidade. Essa nova linguagem, segundo Elias Thomé Saliba (2002), se apresentava na forma de pequenos textos, comentários rápidos e desenhos caricaturais bem-humorados.⁷⁵

A caricatura materializava as novidades, a mudança de paradigmas da sociedade com leveza e humor. Foi a manifestação artística que dominou e marcou o período pelo poder de síntese por acompanhar o ritmo cada vez mais veloz dos acontecimentos e pelas novas possibilidades gráficas que permitiram sua publicação corriqueira.⁷⁶

Assim, a pequena imprensa humorística paulistana do final do século XIX e começo do século XX, através do riso e da sátira, consegue traduzir todo o espírito de transformação do período – o advento da República, a modernização forçada, o ritmo da cidade, os conflitos sociais, os novos hábitos, a busca pelo progresso, etc. –, construindo um diálogo com a crise de percepção que adentrava a vida cultural paulistana. Essa característica, transposta pela forma como seus cronistas e ilustradores representavam o momento, transformava a diversidade dos novos tempos do viver urbano através da linguagem escrita coloquial e gráfica. *O Furão* fazia parte dessa linhagem, articulando o texto jocoso com caricaturas, trazendo alguns embates da modernidade que circulava no ambiente nacional, e da cidade de São Paulo.

Apresenta-se a seguir a história da imprensa satírica paulistana, com foco em jornais satíricos antecedentes ou contemporâneos a *O Furão*.

1.3.1 *O Furão na imprensa satírica*

No que se refere à cidade de São Paulo, a fundação da Academia de Direito do Largo de São Francisco, em 1827, foi um marco importante para a formação de uma imprensa periódica paulistana. Os futuros “doutores-deputados-literatos-jornalistas”⁷⁷ criavam publicações que possibilitaram a circulação de novos espaços de informação. Todavia, o surgimento da imprensa periódica humorística é bem anterior ao surgimento desse marco histórico.

As práticas humorísticas pioneiras surgiram na primeira metade do século XIX, em manuscritos que eram afixados nos postes e muros da cidade de São Paulo. Tais documentos

⁷⁵ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**, op. cit., p. 39.

⁷⁶ FONSECA, Letícia. **Uma revolução gráfica**, op. cit., p. 29.

⁷⁷ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**, op. cit., p. 51.

frequentemente continham em seus textos severas críticas e, por vezes, caçoavam das autoridades locais, como relata o historiador Freitas Nobre:

Na carencia de meios regulares de publicidade, o pendor jornalístico dos paulistas manifestava-se, desde os tempos coloniaes, pelas esquinas das ruas e portas das igrejas, erigidas praticamente em “Estatua de Pasquino”, e muitas vezes a população madrugadora lia, com intimo gaudio, desabafos ferinos e críticas amargas aos actos governantes e poderosos do momento, affixados pelo escuro das noites garoentas.⁷⁸

As primeiras narrativas irreverentes aparecem nos chamados pasquins⁷⁹, com panfletos, usualmente de cunho político, fixados em lugares públicos e essa prática permite, além de alimentar, a criação da imprensa humorística ao longo do século XIX.

A partir de 1850, com o deslocamento do foco jornalístico para o cotidiano (ainda que, de certa forma, ligado ao campo político), a vida urbana em formação na cidade de São Paulo e seu comportamento conflitante passam a ser pautas do jornalismo, transitando entre o formal e o informal. É nesse período de atualização que podem ser encontrados diversos gêneros de linguagem – entre eles, o humor – dispersos pela imprensa periódica, na qual nada ainda está sistematizado ou estruturado. É válido ressaltar que tais publicações, consideradas “pornográficas” por Freitas (1950), ainda não se denominam irreverentes.

O humor, no primeiro momento, se constitui como uma narrativa, uma estratégia de linguagem utilizada pela imprensa nos vários gêneros de escrita, em vários tipos de publicações e em diversas ocasiões, seja pelo pasquim, seja por folhas avulsas, panfletos e opúsculos. Mas não se apresenta como uma imprensa específica estruturada e assumidamente humorística.⁸⁰

Ao mesmo tempo em que esses diversos gêneros de linguagem procuravam seu espaço, havia na imprensa um novo lugar, onde surgem novas possibilidades de enxergar e representar a cidade, que deixa de lado seu caráter formal e exclusivo aos muros acadêmicos da Faculdade de Direito. Nesses gêneros nascentes, a incorporação de códigos linguísticos pertencentes à cultura popular faz com que um novo público-alvo se manifeste. Além disso, as transformações tecnológicas, gradualmente inseridas na imprensa, possibilitam novos experimentos gráficos.

⁷⁸ NOBRE, Freitas. **História da imprensa em São Paulo**. São Paulo: Ipê, 1950, p. 8.

⁷⁹ De acordo com o dicionário da Unesp, pasquim significa: “Jornal ou panfleto crítico e satírico. Do francês *pasquin*, que remonta ao *Il Paschino*, nome de um sapateiro mordaz que foi dado pelo povo romano a uma estátua na qual era costume afixar textos satíricos e de gracejo.” Cf. **Dicionário Unesp do português cotidiano**. Ed. Unesp: São Paulo, 2005, p.1033.

⁸⁰ GALLOTA, Brás Ciro. **São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1839-1876**. 2006. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 81.

É nesse cenário que se instala o italiano Angelo Agostini⁸¹, principal nome da sátira gráfica brasileira do final do século XIX, e suas revistas ilustradas, responsáveis, de acordo com Herman Lima (1963), pela veiculação e difusão alternativas da arte e um espaço de crítica à cultura oficial elaborada dentro das instituições oficiais do império⁸². “A partir de Agostini, a vida noticiosa de São Paulo ganhava o movimento bem-humorado das imagens gráficas e outras versões das cenas panorâmicas brasileiras que compunham novos coloridos. O humor passa a ter corpo e o nome disso é caricatura.”⁸³

Agostini participou de diversos jornais críticos, irreverentes e ilustrados durante a segunda metade do século XIX. Sua estreia ocorreu no *Diabo Coxo* (1864), no qual inaugurou o momento ilustrado e caricatural da imprensa paulistana,⁸⁴ criando em suas páginas um espaço que lhe possibilitava falar de si e de sua cidade. Participou ainda de outros pequenos jornais ilustrados e humorísticos que abordavam o cotidiano da cidade de São Paulo, como *Cabrião* (1866), *Coaracy* (1875) e *Polichinello* (1876). Seus traços caricaturais carregavam os primeiros indícios de modernização e transformação urbana que marcam o perfil da cidade a partir do começo do século XIX e se concretizam no século XX.

O *Diabo Coxo* apresentou-se como um periódico essencialmente urbano, voltado para o cotidiano da cidade. Como pioneiro em seu gênero, foi responsável pela inovação no conteúdo e na forma de noticiar. Em suas páginas encontravam-se dois elementos que não eram, até então, associados à grande imprensa: o humor e a crítica política.

Fundada por Agostini, Luís Gama e Sizenando Nabuco em 1º de outubro de 1864, essa folha ilustrada, em formato pequeno e quatro páginas, teve a colaboração de Américo e Bernardinho Campos e chegou a ser comparada com a *Semana Ilustrada*⁸⁵ (1860) publicada por Henrique Fleuis.⁸⁶

Desde seus primeiros números, a publicação consegue reunir uma série de temas, sentidos, personagens e narrativas, outrora dispersos em seções de diversos jornais e que ainda estavam sendo testados pelos veículos de imprensa. A diferença agora é que um conjunto de temáticas e formas de abordagem encontram-se reunidas [sic] para

⁸¹ O italiano Angelo Agostini (1843-1910) chegou ao Brasil em março de 1859, após ter estudado pintura em Paris. Iniciou sua carreira na imprensa de São Paulo, onde foi responsável por dois periódicos importantes da época – *Diabo Coxo* e *Cabrião*. Nessas folhas, sistematizou o discurso visual através de sua arte – com traços realistas numa época em que ainda não era possível imprimir fotografias –, gerando grande interesse de leitores além da cultura letrada.

⁸² LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p. 171.

⁸³ JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por trocadilho**, op. cit., p. 39.

⁸⁴ Vale ressaltar que a narração caricatural humorística não se limitava a Agostini. Nesse período, é possível encontrar Eduardo Langlois, no *Coaracy* e Nicolau Huascar no *Cabrião* e no *Polichinello*.

⁸⁵ *Semana Ilustrada* foi um periódico carioca de pequeno formato, com oito páginas – sendo quatro delas ilustradas –, fundado em 1860 pelo alemão Henrique Fleuiss e muito lido pela Corte portuguesa.

⁸⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**, op. cit., p. 204.

compor o jornal, parecendo configurar um novo tipo de jornalismo: o jornalismo domingueiro e humorístico. Aliás, esta parece ser a diferença central e a grande novidade do *Diabo Coxo*, que se destaca na imprensa de um modo geral, porque abria espaço em suas colunas para estas novas temáticas e narrativas.⁸⁷

Com o *Diabo Coxo*, a narrativa humorística começou a tomar uma forma específica na cidade de São Paulo. Por questões financeiras, porém, a folha foi encerrada após um ano de circulação. Ainda assim, já com o caminho aberto pela publicação recém-findada, Agostini funda, em 1º de outubro de 1866, o *Cabrião*, que se propôs a:

[...] ser sisudo, enquanto não lhe fizessem cócegas, acompanhar as ideias do governo, “por serem sempre as melhores”, o que jamais fez, naturalmente, defender a liberdade de cultos, “para aumento da descrença, indiferença e confusão desta Babel em que vivemos”, o que fez, vergastando o clero e as beatas.⁸⁸

O *Cabrião* mostrou-se inovador ao ampliar e sistematizar a produção de textos humorísticos, possibilitando identificar sinais de percepção e incorporação das primeiras novidades tecnológicas, como o trem e o telégrafo, através de suas produções curtas e ágeis. Ademais, o imediatismo, a rapidez e o flagrante prevaleciam em suas páginas, carregadas de elementos irônicos, satíricos, de duplo sentido e até mesmo de inversão de significados, novidades para sua época.⁸⁹ Destarte, pode-se dizer que essas folhas, além de serem responsáveis pelo pioneirismo caricatural na imprensa paulistana, também introduziram uma narrativa urbana de escrita leve, ligeira, coloquial e irônica, atrelada ao desenho humorístico e fundamentada nas percepções sociais do momento.

Outra folha que merece atenção é a *Revue Ba-Ta-Clan!* (1867-1870). Dirigida pelo francês Berry e publicada na cidade do Rio de Janeiro, trazia recursos textuais e visuais inspirados no humor malicioso e, às vezes ironicamente ofensivo para época. Possuía ligações como o mundo do espetáculo que, muitas vezes, dava centralidade a elementos da vida mundana, como as *cocottes*. Desse modo, como explica a historiadora Monica Velloso (2018), essa publicação inaugura um novo gênero no campo da pequena imprensa periódica, pois contribui para o surgimento das folhas de variedades voltadas para a crítica social e o humor, relacionadas à cultura cotidiana e aos valores morais⁹⁰ e que se identificavam com o iluminismo

⁸⁷ GALLOTA, Brás Ciro. *São Paulo aprende a rir*, op. cit., p. 115.

⁸⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, op. cit., p. 205.

⁸⁹ GALLOTA, Brás Ciro. *São Paulo aprende a rir*, op. cit., p. 120.

⁹⁰ Para saber mais ver: VELLOSO, Monica Pimenta. *Le Ba-Ta-Clan : dialogues entre les revues et les cabarets littéraires*. *Médias 19*. Disponível em: <<http://www.medias19.org/index.php?id=23804>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

noturno, aspectos que só serão encontrados em grande quantidade na imprensa irreverente do começo do século XX, ainda que com ressalvas.

Observa-se, a propósito, que essa imprensa irreverente do século XX tornar-se-á parte do mundo do entretenimento, da sociedade-vitrine e de todos os espaços públicos do lazer – como cafés, teatros e bailes – e será responsável por aproximar o jornalismo da vida cotidiana. Graças a seu estilo narrativo, a maneira de representar o momento transformará essa imprensa em um laboratório de linguagens que resultarão em materiais noticiosos impregnados de teatralização e jogos de representações.

As questões urbanas, surgidas como temas nos pequenos semanários ilustrados do período, tomavam cada vez mais uma nova direção que, no geral, deslocava-se do seu antigo foco político, vinculado à imprensa, para se realocar de forma leve e divertida ao lado de desfiles de hábitos mais civilizados, dos jogos de palavras do encontro aparentemente descomprometido entre as constantes duplas de calungas de classes, sexos ou alturas distintas, distribuídos pelas ruas das cidades. Desses encontros leves que misturavam detalhes da vida privada, piadas entre pares amorosos, ou políticos deslocados de seu habitat, tramava-se o novo caminho para a imprensa humorística a partir do século XX.⁹¹

Como demonstra Ana Luiza Martins (2001), no começo do século XX, o periódico era um espaço para experimentos da modernidade, onde, em uma mesma folha era possível encontrar temas variados (desde o mais triviais e cotidianos até os mais graves assuntos), autores com ou sem afinidades políticas (monarquistas, republicanos, socialistas, etc. escreviam no mesmo periódico), diferentes escolas literárias (como o Simbolismo, o Romantismo e o Parnasianismo) e gêneros distintos (crônicas, conto, poesia, crítica política, etc.).⁹² *O Furão* será um exemplo desse hibridismo e desse formato agora ousado e descontraído de imprensa.

Sempre apontando para as questões contemporâneas, essa imprensa – quinzenal ou semanal – era produzida em pequenas salas que comportavam as atividades de ateliês, tipografias e escritórios, muitas vezes mantidos pelos anunciantes publicitários. Os jornais de curta duração, narrativa irreverente, nascidos da vida cultural do Triângulo⁹³ e formados por pequenos grupos de escritores, jornalistas e ilustradores transformavam-se em um novo espaço de crítica e de transversalidade dos acontecimentos sociais, políticos e culturais no Brasil. Batizados, muitas vezes, com nomes retirados do cotidiano, como *O Furão*, esses impressos

⁹¹ JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por trocadilho**, op. cit., p. 257.

⁹² Ver: MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp/FAPESP, Imprensa Oficial, 2001.

⁹³ No Triângulo, estavam localizados quase todos os novos espaços de sociabilidade da elite paulistana do começo do século XX. Lá era possível encontrar lojas de roupas, confeitarias, teatros, pensões artísticas, sorveterias, entre outros, sendo o local ideal para a instalação de redações da pequena imprensa cujo conteúdo era baseado na vida mundana.

eram “laboratório[s] de experiências com a palavra”⁹⁴ sempre atentos às notícias – já expostas ou não na grande imprensa. Em suas páginas, era possível encontrar piadas, anedotas e fatos noticiosos da vida política e mundana e até dos bastidores da imprensa.

Nesse sentido, a narrativa irreverente da pequena imprensa converge para um diálogo íntimo com essa crise de percepções que adentra a vida cultural do início do século XX e expressa seu caráter moderno pela forma como os cronistas irreverentes e ilustradores iriam representar o momento.⁹⁵

Tal representação do momento era feita por meio de uma linguagem leve e humorada, acompanhada de pequenos textos, charges e ilustrações fotográficas sobre os acontecimentos. Reunidos, esses elementos construía uma abordagem que conjugava a diversão, a beleza e o bom humor como forma de contraposição à vida noticiosa e aos costumes europeus que eram destaque da grande imprensa.

Elias Thomé Saliba (2000) afirma que o humor na *Belle Époque* era engajado e excessivamente vinculado à vida urbana e ao mundo do entretenimento.⁹⁶ Para ele, o humor ocupou um significativo espaço de representação na sociedade brasileira durante o período, demonstrando que, entre o universo hierárquico das relações sociais regidas por regras de racionalidade e a prática da vida, com sua dimensão informal da convivência personalista, a narrativa humorística estabeleceu mediações com diversos setores, indo além da cultura letrada. Para corroborar sua afirmação, o autor utiliza o conceito de Henri Bergson (1899) sobre a natureza do humor e do cômico:

A teoria do humor de Henri Bergson, característica daquele *fin-de-siècle* modernista, afirmava que a comicidade nascia, em quaisquer situações, do contraste ou da antítese entre os elementos mecânicos e os elementos vivos [...]. O cômico nascia, para Bergson, [...] do processo psicológico de inversão e sobreposição de dimensões espaço-temporais, desta rigidez quase mecânica dos nossos sentidos e da nossa inteligência [...]. É cômico todo arranjo de atos e acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica. Desse modo, a conceituação do cômico resultante do “mecânico aplicado sobre o vivo” adquire sentido coletivo, o riso ganha uma função social, pois rimos para restabelecer os elementos vivos que compõem a própria sociedade.⁹⁷

O humor era, portanto, a fuga da seriedade das imposições sociais. A cumplicidade pelo riso parece ganhar terreno nas representações humorísticas do início do século XX, em detrimento da tradição de sobriedade encontrada nos jornais ilustrativos do século XIX. Isso

⁹⁴ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**, op. cit., p. 19-20.

⁹⁵ Ibid., p. 23.

⁹⁶ Cf. SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**, op. cit., p. 303.

⁹⁷ Ibid., p. 21-22.

posto, é notável que o parâmetro de comicidade na *Belle Époque* é instável. Oscilando entre a leveza e a crítica – com sua dupla presença na vida do entretenimento urbano e no engajamento presente em pontos de vista mais reflexivos e críticos sobre a vida noticiosa – esse novo humor é fruto da moderna, e ao mesmo tempo tradicional, São Paulo do começo do século XX. Encontra-se mais próximo das formas de sociabilidade do homem comum, das práticas cotidianas, da vida com fluxo na variedade de seus pensamentos, muitas vezes contraditórios, onde tudo é móvel e passivo. Será esse riso que estará presente nas páginas d’*O Furão* e e outros jornais irreverentes da pequena imprensa do século XX.

Um grande representante desse riso ambivalente, que buscava articular a irreverência do popular com o contexto, foi *O Pirralho*, periódico fundado em 1911, pelo futuro modernista Oswald de Andrade e por Dolor de Brito. Seu nome era uma homenagem às crianças que entregavam jornais, um novo símbolo da imprensa e da modernização paulistana, e espalhavam as notícias através de gritos que anunciavam a venda.

O Pirralho teve grande sucesso graças à sua irreverência – pelo humor e a sátira presentes em suas crônicas – e à criação de personagens populares, como Juó Bananére, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, representante do imigrante operário italiano, que, com sua linguagem “macarrônica”, expunha as contradições entre o Brasil e a Europa da época.⁹⁸ Além das crônicas descontraídas, a caricatura foi uma das outras formas que o periódico encontrou para fazer sua crítica social. Os desenhos do caricaturista Voltolino⁹⁹, que dele participava, apareceram também em diversas revistas e jornais, satirizando os rumos da política e da sociedade paulistana do café.

O Pirralho foi um produto cultural, síntese das transformações ocorridas na cidade de São Paulo – e no Brasil – nas duas primeiras décadas do século XX [...]. Encarando o espírito da época e evidenciando um momento de transição, *O Pirralho* é um dos protagonistas na construção de uma identidade republicana e moderna. Contudo, a dualidade presente em suas páginas o torna intrigante: é ao mesmo tempo conservador e iconoclasta; passeia livremente pelas novas tendências e modismo, embora se mantenha firme nas tradições de São Paulo.¹⁰⁰

Outra folha ilustrada que chamava atenção no começo do século XX era *A Cigarra* (1914-1975). Sob o comando do seu editor-proprietário, Gelásio Pimenta, a revista trazia colunas de crônicas, artes, esportes, cinema, vida social, entre outras, sempre com um discurso

⁹⁸ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**, op. cit., p. 30.

⁹⁹ Cf. BELLUZZO, Ana Maria. **Voltolino e as raízes do modernismo**. São Paulo: Marco Zero, 1992.

¹⁰⁰ CARRETO, Renata de Oliveira. **O Pirralho: barulho e irreverência na Belle Époque paulistana**. 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte. São Paulo, p. 23.

ancorado na ideia de progresso, além de reflexões sobre as transformações que a cidade de São Paulo vinha sofrendo e as novas formas de sociabilidade que se inseriam na sociedade frequentada pela elite paulistana.¹⁰¹ Sua concorrente, a folha ilustrada *Vida Moderna* (1907-1924), possuía laços com a grande imprensa, através d'*O Estado de S. Paulo*, e foi considerada uma das revistas de variedades mais bem-sucedidas do periodismo paulistano. Da mesma forma, trazia artigos sobre a nova vida da elite paulistana. Em ambas as folhas ilustradas, nota-se que essa imprensa buscava transmitir ao público leitor novas linguagens, costumes, comportamentos e hábitos, pois, ao mesmo tempo em que abordava assuntos diferentes e variados, atualizava o leitor no que dizia respeito aos novos hábitos e comportamentos. Seu tom irreverente ficava por conta das charges humorísticas que, através de representações exageradas, tratavam de temas rotineiros, trazendo consigo uma linguagem proveniente das folhas satíricas do final do século XIX.

É importante reconhecer que os jornais pertencentes à pequena imprensa, sobretudo a que continha a temática de humor, foram um importante meio de veiculação e incorporação das mudanças do século XX na cidade em plena transformação. Seus elementos estéticos inovadores, sua linguagem ágil e suas crônicas mundanas sinalizavam a direção do novo, expressão da vida moderna.

O Furão fazia parte dessa tradição humorística e irreverente ativa desde a metade do século XIX com Angelo Agostini e em fase de modificação no começo do século XX. Todavia, pode ser igualmente considerado herdeiro da *Revue Ba-Ta-Clan!* por focar em temas como a vida das *cocottes* e o cotidiano dos espetáculos, além de tratar, não sem ironia, dos embates da modernidade.

De todo modo, a pequena imprensa da *Belle Époque*, que incluía também *O Furão*, teve papel fundamental na propagação de novos comportamentos e hábitos considerados modernos, ao anunciar produtos e relatar acontecimentos sociais em suas páginas. Os periódicos estavam em constante relação com a vida cotidiana, dialogando com seu público de forma leve e agradável e divulgando o que era notícia na cidade. Eram frutos de um cenário em que a busca por novas formas de lazer e sociabilidade simbolizava a reprodução dos padrões europeus que permitiam representar o espaço urbano como emblema da modernidade e do progresso.

Esse ambiente, então considerado boêmio, também era visto por muitos como reduto do vício, da depravação, do mundo marginalizado, e acabou sendo alvo de investidas de um órgão que ficou conhecido como Polícia de Costumes. Esse embate, entre o que era considerado

¹⁰¹ Cf. PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20.** Annablume: São Paulo, 2001.

barbárie ou civilização, ocorrerá em grandes setores da sociedade paulistana e encontrará nas páginas da imprensa paulistana um lugar de destaque, sendo tema constante dos editoriais d'*O Furão*.

2 O FURÃO E OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE

O editorial do jornal *O Furão* estava sob a responsabilidade do advogado Angelo Mendes, pertencente à elite paulistana e filho de um jurista. O cronista foi colaborador de diversos outros jornais, entre eles, o já citado *O Pirralho*. N' *O Furão*, Mendes assinou a maioria dos editoriais com o pseudônimo W. L. e possuía um tom predominantemente irônico, satírico e humorístico sobre os assuntos. Em alguns momentos, porém, utilizou o pseudônimo de João Cabeça, sob o qual se expressava em um tom mais moralizante e conservador, chegando certas vezes a defender as práticas da Polícia de Costumes.

Seus editoriais n' *O Furão* encontravam-se na página inicial, sempre à primeira coluna do jornal – excetuando-se a edição de 1921 que apresentou sua coluna em segunda página, acompanhada de nota explicando que aquela posição não expressava a opinião do jornal – e eram voltados à discussão dos problemas ocasionados pelas profundas mudanças estruturais ocorridas a partir da segunda metade do século XIX, trazidas a São Paulo pela modernidade.

A progressiva substituição da força de trabalho escravista pela assalariada; o surgimento das fábricas; o desenvolvimento dos sistemas de circulação de pessoas e mercadorias com a construção de avenidas, por exemplo; as novas formas de lazer e de festividades; o crescimento demográfico causado pela chegada de imigrantes europeus e, ainda, a incorporação de outras classes sociais em sua população urbana fizeram com que a cidade de São Paulo se afastasse de seu caráter provinciano e colonial e assimilasse um projeto de modernidade econômica e política, o que acarretou mudanças nos hábitos e na postura das pessoas.

O cenário de progresso material, restrito a algumas regiões da cidade, contribuiu para que a imprensa erigisse um imaginário voltado aos signos do progresso, a fim de representar os anseios de europeização da elite. As formas de lazer que entravam em vigor e eram celebradas nas páginas d' *O Furão* articulavam-se com os novos valores, criando a imagem de uma cidade moderna, rumo ao progresso, uma representação reforçada por diversos segmentos da imprensa, que se utilizavam de suas páginas como um espaço de sociabilidade para estimular redes de intelectuais e mediar práticas sociais que moldavam o ambiente intelectual e social em que circulavam. Vale ressaltar que a imprensa, nesse cenário de mudança, teve papel importante ao traduzir o discurso dominante da elite burguesa para as demais classes sociais. Nesse sentido, os jornais, mesmo seguindo linhas editoriais diferentes, buscaram difundir sua ideia de modernidade e do progresso ideal para São Paulo. Muitos deles, principalmente os pertencentes à grande imprensa, fomentaram também o processo de disciplina das camadas populares através da defesa e do combate de pontos-chave para a regulamentação do cotidiano.

Entretanto, essa modernidade inserida à força na cidade de São Paulo também trouxe elementos urbanos de outras naturezas, como as agitações operárias e as greves, entendidos e representados como ameaças ao ordenamento social, aos bons costumes e à ideia de progresso vigente. Assim, a cidade do começo do século XX foi, reiteradas vezes, descrita pela imprensa como um lugar de encontro das diferenças, capaz de produzir vivências múltiplas, ligadas não somente à cultura, ao divertimento, aos desejos e ao prazer, mas também a temores e perturbações.

Neste capítulo, retratar-se-á a representação que os redatores d'*O Furão* e, particularmente, Angelo Mendes, faziam dessa atmosfera, pauta recorrente tanto na folha satírica, quanto nos debates intelectuais e políticos o início do século XX.

2.1 *O Furão* e a Polícia de Costumes

As tensões causadas pela urbanização acelerada e desordenada na cidade de São Paulo geraram, por parte dos intelectuais da época, imagens extremamente contraditórias. A diversificação das atividades econômicas e a complexidade da estrutura social na cidade transformavam esse novo cenário urbano em algo cada dia mais desconhecido aos olhos dos médicos, juristas, políticos, jornalistas e reformadores.

Para os homens das camadas sociais mais bem-postas do final do século XIX e início do século XX, a multidão urbana transformou-se em sinônimo de ameaça política e de contato com a doença física e mental, capaz de degradar os indivíduos e as relações sociais, prenunciando o eminente desencadeamento de uma crise suscetível de colocar em risco, sobretudo, a família, instituição tida como base de todo o ordenamento social. As sensações de medo, espanto e indignação frente à miséria, associada à correlação que se estabelecia entre crescimento urbano, pobreza e criminalidade, promoveram não só mudanças radicais nas concepções e práticas da saúde e da noção e abrangência da criminalidade, como intensificaram o desejo das elites em ordenar o espaço urbano por meio da imposição de um contínuo esquema de vigilância e repressão das práticas cotidianas da população.¹⁰²

Essa forma de vigilância e repressão estava sob a responsabilidade das autoridades públicas, personificadas pela Polícia de Costumes, órgão fundado ao final do século XIX, aqui compreendido enquanto um dispositivo de controle que consolidou a polícia como uma das instituições mediadoras entre o discurso moral e a população. Tal órgão moralizava, vigiava e

¹⁰² OLIVEIRA NETO, Antonio Firminio de; MARTINS JUNIOR, Carlos. As ações de controle social nas metrópoles brasileiras da Belle Époque. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE**, Foz do Iguaçu, v. 17, n. 2, p. 133, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/10768>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

regulamentava a circulação e o encontro de pessoas, assim como suas vivências, principalmente as que estivessem ligadas ao divertimento, à libertinagem, à desordem, ao prazer e ao desejo, aspectos comuns à vida boêmia repetidamente destacada nas páginas d'*O Furão*. Dessa maneira, a Polícia de Costumes ditava os graus de tolerância à certas atividades, criminalizando o seu excesso. De acordo com W. L., a essa polícia cabiam:

- a) a verificação e repressão dos casos de lenocínio, cafetinagem, gigolatagem e exploração de mulheres, menores ou não, pretas ou brancas, solteiras, casadas ou viúvas;
- b) a verificação e punição dos casos de espiritismos, ocultismos, sugestão, domínio, influência, cartomancia, adivinhação, getatura, etc., etc., isto é, todas as manifestações da magia e da feitiçaria;
- c) a verificação e a punição de todos os casos de opressão, domínio e exploração violenta, quer de homens, quer de mulheres, seja por meio de empregos mal remunerados, seja por sugestões ou influências de gratidão ou reconhecimento exagerado;
- d) a verificação da perda de menor de 21 anos (homem) rico ou pobre, branco ou preto, feio ou bonito, sob a influência de mulher perdida, sejam quais forem os aspectos sob que essa perda se apresenta;
- e) a verificação e a repressão da venda clandestina de cocaína, éter, morfina, etc., e a punição, por todos os meios e a todos os culpados, dos vícios que desses usos derivam;
- f) a proibição, repressão e punição da exibição pública, com escândalo e ofensa à moral de degradações, nudezas, etc., desnecessárias à instituição admitida e tolerada da prostituição;
- g) a verificação e a punição a agressões e a ataques às mulheres em virtude do seu público mister e a defesa e a proteção a estas;
- h) e, finalmente, a defesa direta destas normas à prostituição tolerada, admitida e necessária à vida social.¹⁰³

Publicado em 1919, na primeira página do periódico, o trecho acima demonstra que essa polícia não era responsável pelos atos criminalizados na legislação; seus principais alvos eram os crimes resultantes de atos definidos como contrários à moral pública. Tratava-se de contravenções, como o atentado ao pudor e a exploração de pessoas, ou atos tidos como ameaçadores à ordem social por infringirem as regras da disciplina e do trabalho, caso da prática de magia, dos jogos de azar, da embriaguez, da vadiagem e da mendicância.

De fato, Boris Fausto notou que as contravenções – e não os crimes – eram responsáveis pela maioria das prisões realizadas em São Paulo no período de 1892 a 1916, sendo que seu número sofreu um grande aumento no início do século XX¹⁰⁴, passando de 77,5% para 85,6% do total de encarceramentos na cidade.¹⁰⁵ Dado que ajudaria a justificar a presença marcada dessa polícia na primeira página de um pequeno jornal como *O Furão*, já que muitas das

¹⁰³ *O Furão*, 24/05/1919, p. 1.

¹⁰⁴ Além disso, Boris Fausto demonstra em seu trabalho que o número de prisões para averiguação era maior do que o número de prisões que seguiam a diante. Isso indica, mais uma vez, que essa polícia buscava manter o controle social. Cf. FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 30-91.

¹⁰⁵ Cf. *Ibid.*, p. 34.

contravenções eram representadas como componentes importantes da modernidade almejada para a cidade pela folha satírica.

Ainda de acordo com o autor, na intenção de proteger os bons costumes, estavam na mira da polícia o combate à vadiagem, à mendicância, à desordem, à embriaguez¹⁰⁶ (estas sendo equivalentes a 91,4% das contravenções do período) e à prostituição¹⁰⁷. Embora essa última não estivesse prevista como crime no Código Penal de 1890, a legislação fornecia às autoridades certos mecanismos para que a prostituição fosse classificada sob a rubrica de outras infrações, como a vadiagem, os jogos de azar e a magia, práticas sociais que muitas vezes eram associadas ao passado colonial que a camada da elite buscava apagar.

Com efeito, como uma nova maneira de se pensar o espaço urbano e seus componentes, as elites dirigentes e as autoridades locais passaram a intervir fortemente nos hábitos de tipos sociais – formadas, entre outros, por prostitutas, vadios, bêbados e operários. Trata-se de uma concepção causadora de transformações radicais no que tange à forma como as camadas populares eram vistas, que alterou, de maneira drástica, a noção de criminalidade e até mesmo as práticas dos higienistas. Criou-se, então, um discurso moral hegemônico que valorizava e determinava como corretos determinados comportamentos e formas de agir e reagir aos estímulos da cidade, provocando alguma sensibilidade devido à normatização, à regulação e à moralização dos costumes. Ressalta-se que esse discurso, na maioria das vezes, era aplicado apenas para as camadas populares.

Em São Paulo, a intervenção policial no cotidiano da população pobre, com a finalidade de enquadrá-la aos padrões desejáveis impostos pelo poder público, no intermitente regime de contenção das expressões populares, da imposição de comportamentos pautados pelo comedimento, pela temperança e pela higiene, assumia mesmo um papel disciplinador, que visava a dar o exemplo através de suas ações coercitivas. Ao coibir a prática de jogos nos botequins, ao promover a “circulação” de desocupados, ao retirar os moleques de suas brincadeiras nas ruas ou ao impedir a prática de banhos no rio Tamanduateí, os policiais buscavam, sobretudo, impor um padrão de conduta representativo do grau de civilização ambicionada para a cidade de São Paulo.¹⁰⁸

A respeito desse novo cenário, Boris Fausto (1984) demonstrou que os receios expressados por parte das elites urbanas, desencadearam mudanças na estrutura interna e na

¹⁰⁶ Boris Fausto constatou que esse foi o maior motivo das prisões por contravenções do período. FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano**, op. cit., p. 37.

¹⁰⁷ Vale ressaltar que muitas mulheres que trabalhavam como costureiras, coristas, dançarinas, cantoras ou atrizes eram incluídas nas categorias de profissão não declarada. Por esse motivo, estas eram muitas vezes associadas à prostituição.

¹⁰⁸ SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. Entre lei e o arbítrio: ordem pública e o poder de polícia em São Paulo (1890-1920). **Locus: Revista de História Juiz de Fora**, v. 13, n. 1, p. 173, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/84.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

própria mentalidade das autoridades públicas sobre o que deveria ser considerado crime e sobre qual seria a melhor forma de combatê-lo. Em sua obra, Fausto verificou que a manutenção da ordem era garantida através do controle social, já que era evidente o aumento de processos criminais classificados por ele como contravenções. Outrossim, Guido Fonseca (1988) demonstrou que a polícia passou a intervir diretamente em todos os lugares considerados marginais a partir do século XIX, quando houve um crescimento da população imigrante, e, para ele, havia certa ligação entre o aumento dos estrangeiros em São Paulo e a criminalidade. Vale salientar que ambos os autores concordam que o aumento das prisões está diretamente relacionado com o papel que a polícia passa a ter no controle social da cidade¹⁰⁹.

A vadiagem, uma das principais ações que acarretavam a prisão por averiguação, era considerada contravenção na cidade de São Paulo, no começo do século XX. *O Furão*, no entanto, a representava de uma forma única:

Desde que o mundo, aos golpes do progresso, dividiu-se em núcleos populosos, o vagabundo enfeita as cidades, contribuindo com a sua improdutividade consumidora, para a vida econômica das nações, cria vocabulário da gíria com que enriquecem os dialetos, entesoura na memória os factos cotidianos da história.¹¹⁰

O vagabundo, personagem urbano então entre as brumas da marginalidade, aqui remonta ao *flâneur* de Baudelaire, uma figura componente da modernidade, representada como alguém que desafia a divisão do trabalho e submete-se ao seu próprio ritmo, sobrepondo o ócio ao “lazer” e resistindo, pois, ao tempo matematizado (um confronto direto com a lógica capitalista).¹¹¹ Ou seja, se faz, nas páginas do periódico, personagem romântica que não se adapta ao capitalismo.

De fato, representar o vagabundo como herói de uma sociedade que então se modernizava, mas que trouxe consigo a imposição de um novo comportamento baseado na ordem e buscou institucionalizar a disciplina do trabalho¹¹² como possibilidade de ascensão moral e material, condenando o ócio, a mendicância e a vadiagem¹¹³, é a notável ironia da folha satírica.

¹⁰⁹ Cf. FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano**, op. cit.; FONSECA, Guido. **Crimes, criminosos e criminalidade em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1988.

¹¹⁰ *O Furão*, 08/04/1916, p. 1.

¹¹¹ Cf. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 81.

¹¹² Vale ressaltar que, em relação à questão do trabalho, fala-se de empregos regulados pelo poder público, reconhecidos legalmente, com pagamento de taxas e impostos.

¹¹³ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Unicamp, 2001, p. 171.

Entretanto, não é apenas de forma irônica e opositória que Angelo Mendes se relaciona com a Polícia de Costumes. Em alguns editoriais, é possível observar um discurso moralizador e higienista, muito parecido com os proferidos por parte da elite econômica e cultural, lugar de fala do cronista, e pelos órgãos do governo que sinalizavam certos comportamentos, como a embriaguez, como indignos.

A nossa Polícia sabe que o estado de embriaguez é uma contravenção e a embriaguez habitual é punida por lei expressa. A nossa Polícia sabe que é obrigada a garantir a ordem e a moralidade nos ajuntamentos, nas casas de diversões, nos templos, etc. A nossa Polícia sabe que – ainda em concessões especiais – tanto a nossa Câmara Municipal como o nosso Governo autorizam as Companhias de Transportes urbanos e ferroviários a não aceitar embriagados nos seus veículos. A nossa Polícia sabe que a embriaguez dirime e explica certas imprudências e até delitos, em relação a vida social, que semelhante estado, por ser já de si uma contravenção da lei, agrava e aumenta a importância do delito, para efeito de punição. [...] É dever da polícia evitar que, assim perturbado, ele entre em lugares públicos, em bordéis, em pensões, em teatros e mesmo em casas de bebidas. Aplicada essa punição genérica a todos os contraventores dessa espécie, sem distinção de classe nem posição, fácil será corrigir o alcoolismo sempre crescente na nossa população, sem violência, nem arbitrariedades, pois raros terão o mau gosto de se exporem, pelo prazer da bebedeira, a ficar vagando pelas ruas, tolhidos, não pelas propriedades das casas de diversão e variedades, pensões chiques e etc., mas pela própria polícia de mais se divertirem nessas casas, ficando-lhes somente salvo o direito de ir para casa cozer a carraspana.¹¹⁴

O trecho acima foi assinado por João Cabeça, o alterego mais conservador de Angelo Mendes, e ocupa a primeira página da edição de agosto de 1919 d’*O Furão*. A embriaguez se encaixava na subcategorização de “desordem” e, no começo do século XX, as prisões por tal motivo somavam quase 42% na categoria de contravenção. Em seu artigo, João Cabeça indica que a embriaguez não era bem vista na vida noturna por ele frequentada, já que esse estado físico era tido como um vício e, portanto, um problema para a sociedade em geral, demonstrando uma consequência negativa dos novos hábitos de prazer, além de uma inversão nos valores do que normalmente era representado na folha satírica. Ou seja, a moralidade que muitos setores buscavam inserir à força na sociedade paulistana estará igualmente presente n’*O Furão*, ainda que de forma irregular. Angelo Mendes podia não concordar com a forma com a qual a Polícia de Costumes agia, devido a sua brutalidade, como ele mesmo deixa claro em diversos editoriais; também considerava algumas regras extremamente rígidas e desnecessárias. Todavia, concordava que o excesso de alguns comportamentos, como a cafetinagem e o uso de drogas e bebidas em excesso, eram prejudiciais à vida boêmia que ele buscava representar e defender como algo de extremamente necessário para o novo ritmo de vida que estava sendo ali instaurado. Por esse motivo, tais condutas deveriam ser normatizadas.

¹¹⁴ *O Furão*, 02/08/1919, p. 1.

Inversamente, muitos dos espaços citados pelo cronista, como os teatros e pensões chiques, eram representados na literatura da época e em alguns impressos de forma glamorosa e sempre ligados ao excesso de bebidas alcoólicas, como o champanhe, e ao divertimento junto às *cocottes*, que também sofreram com a normatização.¹¹⁵

A prostituição, que muitas vezes era enquadrada como embriaguez, era um grande transtorno para a elite dirigente que buscava o controle social. Naquele tempo, a atividade era vista como um fenômeno social associado ao crescimento urbano, à miséria e ao aumento das formas de lazer. Era, ainda e principalmente, relacionada ao teatro moderno e às pensões artísticas, mas tolerada como algo necessário para a ordem social (ou seja, para a iniciação sexual de homens jovens, que, assim, não molestariam as moças de família, reservadas ao casamento).

Entre filósofos, sociólogos, psicólogos era corrente, até bem pouco tempo, que a prostituição era um *mal necessário* de cuja utilidade as sociedades organizadas não podiam se dispensar: – uma outra noção, porém, mais moderna, mais justa e mais exata, abertamente patrocinada pelos mais brilhantes espíritos da nova geração, já nem sequer a considera um *mal*, e sim uma *absoluta e indiscutível necessidade* para os povos organizados, não só como garantia da honra e dignidade das famílias, mas ainda como o mais eficaz derivativo para a ínsitas tendências delituosas do sexo feminino, afeito, pelos seus ímpetos inconscientes e naturais e pelas condições fisiológicas que lhes são peculiares, à instintiva revolta contra a propriedade particular e a vida dos inimigos e dos desafetos.

Somos francamente partidários da regulamentação da prostituição, como proteção e defesa, e não como perseguição às infelizes decaídas, que os rigores de uma sorte iníqua atiraram à margem da sociedade que elas, inconscientes atalaias do bem e da segurança pública, até com a própria torpeza defendem, protegem e moralizam.

A sociedade e os poderes públicos atendendo-lhes aos reclamos, ouvindo-lhes as queixas, protegendo-as contra explorações ignóbeis, facilitando-lhes a vida, exterminando-lhes os algozes, paga uma dívida sagrada quem lhes mantém a existência e o equilíbrio.¹¹⁶

O trecho acima, retirado do editorial d’*O Furão*, e escrito por W. L., que possuía formação no campo do direito, demonstra que o cronista do jornal defendia a legalização da prostituição como forma de proteção àquelas chamadas, na época, de “decaídas”, termo que deveria fazer referência às prostitutas das camadas populares – já que estas eram as que mais sofriam com a arbitrariedade e a violência da polícia e dos seus cáptens. Frisa-se que o discurso do editorial também visa à moralização das condutas e ao controle social, visto que se acreditava que a prostituição era o que garantia a virgindade das futuras esposas ao permitir que os moços refreassem seus impulsos sexuais nos espaços voltados ao prazer. Dessa maneira, a solução

¹¹⁵ Cf. CAMARGO, Daisy de. **Alegrias engarrafadas**: os alcoóis e a embriaguez na cidade de São Paulo no final do século XIX e começo do XX. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

¹¹⁶ *O Furão*, 07/04/1917, p. 1.

para esse problema dividia opiniões entre os regulamentaristas, local de onde fala o cronista d’*O Furão*, e os anti-regulamentaristas.

Por um lado, os regulamentaristas, influenciados pelos médicos franceses, particularmente por Parent du Châtelet¹¹⁷, entendiam a prostituição como algo necessário para a manutenção da estabilidade das famílias e da sociedade como um todo. Ancorados em tal argumento, defendiam a necessidade de sua regulamentação, pois, em seu ponto de vista, a normatização da prostituição pública eliminaria a clandestinidade ao ser registrada na polícia e vigiada pelas autoridades locais.¹¹⁸ Contudo, esses mesmos defensores condenavam o lenocínio¹¹⁹, já que, segundo eles, os cáftens eram o verdadeiro problema. Por outro lado, os anti-regulamentaristas acreditavam que a prostituição não deveria ser tolerada, porque o modo de vida de quem atuava nessa profissão ameaçava diretamente a noção de ordem pública que se buscava firmar e preservar. Além disso, considerava-se que a prostituição era foco de doenças e degenerações, algo contraditório aos valores instituídos em conformidade com os padrões burgueses da época, como o casamento, a “boa mulher” e também o corpo higiênico e sadio.

Ambas as teorias podem ser consideradas normatizadoras e moralizantes, já que tanto uma, como a outra viam a prostituição enquanto problema para as autoridades públicas e deveria, pois, sofrer intervenção da polícia. Entretanto, a análise de alguns documentos policiais e de relatos da imprensa – incluindo *O Furão* – leva a crer que havia diferenças entre o tratamento das autoridades locais reservado às prostitutas de rua e aquele destinado às *cocottes*. O que possibilita concluir que a prostituição nessa época era um problema passível de resposta policial, apoiada por grande parte da sociedade paulistana e pela grande imprensa, somente quando invadia as ruas ou era associada a outros elementos que levassem à desordem social (como uso de drogas, embriaguez, brigas, mortes, entre outros). Quando recolhida aos teatros,

¹¹⁷ Alexandre Jean-Baptiste Parent du Châtelet foi um famoso médico higienista francês que realizou uma pesquisa durante oito anos e publicou, em 1836, um tratado sobre prostituição, moral e higiene em Paris. Nesse tratado, constrói a ideia da prostituição como um mal necessário, uma vez que, para ele, as prostitutas detinham a função de assegurar a paz na cidade, como uma via de escape do desejo sexual. Cf. HELENE, Diana. **Prostituição e feminismo na França: uma etnografia de viagem**. 29ª RBA Reunião Brasileira de Antropologia, Natal, 2014. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401680265_ARQUIVO_diana_helene.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018. Sua visão era compartilhada pelos editores d’*O Furão*.

¹¹⁸ Um dos grandes defensores desse ponto de vista foi o delegado Candido Motta que, em 1897, elaborou um artigo denominado Prostituição, Polícia de Costumes e Lenocínio, em que propunha a regulamentação da prostituição, considerando-a como uma saída para resolver o problema da ordem e da moral públicas, além de higienizar as ruas de São Paulo. Cf. MOTTA, Candido Nazianzeno Nogueira da. Prostituição, Polícia de Costumes e Lenocínio. **Revista da Faculdade de Direito de São Paulo**, São Paulo, v. 5, 1897. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/64953>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

¹¹⁹ “Lenocínio: Estímulo ou favorecimento da prostituição ou da corrupção de uma pessoa”. BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp**, op. cit., p. 853.

às pensões artísticas e a outros espaços privados de lazer, apesar de continuar sendo uma ameaça à moral imposta, a prostituição era aceita e tolerada, não necessitando repreensão da Polícia de Costumes.

Como demonstra a historiadora Margareth Rago (2008), o verdadeiro incômodo eram as prostitutas de rua, dos bairros operários, que eram representadas como algo que remetia a “imagens da sujeira, do esgoto, da podridão em si, daquilo que constitui uma dimensão rejeitável na sociedade.” Já as *cocottes*, de modos “afrancesados”, eram toleradas nos espaços privados, pois eram vistas de forma glamorizada e representavam um padrão comportamental de diversão dentro dos moldes europeus, ainda que fossem igualmente vigiadas e normatizadas de acordo com o que se considerava aceitável à época.

Para W. L., como se nota no trecho a seguir, o maior problema não eram os elementos acima descritos, mas aqueles que tiravam proveito dos desprovidos:

Os verdadeiros criminosos são os engravatados escravizadores e exploradores de mulheres [...], os boticários e farmacêuticos que se dedicam a venda clandestina de tóxicos como cocaína, morfina, etc., e, finalmente [...] o mais terrível, o mais funesto, o mais ignóbil de todos os répteis sociais o usuário, alma negra de Asbreveis, que hoje, como sempre oprime o coração da cidade, tirando do paulista o sangue, a vida e a alegria¹²⁰.

Para o cronista do jornal, esses, que alimentavam tais comércios e atividades, eram os verdadeiros problemas da sociedade paulistana. Ironicamente, também eram aqueles que encabeçavam as campanhas moralizantes e as repressões policiais, que eram responsáveis por leis e o fechamento de estabelecimentos comerciais. Enquanto isso, as autoridades locais propagavam o discurso de que as pessoas que ocupavam as categorias populares da sociedade eram arruaceiras e degeneradas e, portanto, ameaçavam o bom viver estabelecido pela elite burguesa paulistana.

As ações repressivas da Polícia de Costumes são, pois, representadas n’*O Furão* como forma prioritária de manter o controle social dos membros das camadas populares, no que o periódico se alinha à grande imprensa, inclusive *O Estado de S. Paulo*, o que pode levar a supor que compartilhassem de linhas editoriais finalmente coincidentes em alguns pontos. Nesse caso, seria *O Furão* uma espécie de veia satírica do outro jornal, conservador, com temáticas comuns, ainda que eventualmente tratadas por seu negativo.

A vida noturna, principalmente no que diz respeito ao setor da boemia paulistana, era vista como um grande problema para essa Polícia de Costumes e para os setores conservadores.

¹²⁰ *O Furão*, 08/04/19916, p. 1.

Afinal, essa boemia, composta por membros da elite econômica e cultural, muitas vezes optava por formas de lazer opostas às normas ditadas pelos órgãos do governo para comportamentos dignos de uma cidade moderna, civilizada e moralizadora – perfil almejado para a capital do estado de São Paulo.

Apresentam-se a seguir as tentativas da Polícia de Costumes de intervir e regulamentar a vida noturna da boemia frequentada também pelos furões e o modo como essa intervenção foi recebida pelos mesmos e pelos órgãos da grande imprensa.

2.2 A Polícia de Costumes e a vida noturna da boemia paulistana

Com vistas ao projeto modernizador republicano, o controle e a vigilância sobre as práticas e tradições populares endureceram entre as últimas décadas do século XIX e o começo do século XX. Os espaços e costumes populares tradicionais tornaram-se alvos de uma fiscalização ainda maior por parte das autoridades policiais, inclusive no que se refere ao ambiente boêmio da cidade de São Paulo.

A boemia paulistana, majoritariamente composta por estudantes, médicos e intelectuais, possuía entusiasmos políticos às vezes divergentes do que era estabelecido, consumia bebidas alcoólicas, usava drogas, exibia padrões irregulares de trabalho e cultivava hábitos de vida noturna, frequentando teatros, cafés, cabarés, hotéis luxuosos e pensões artísticas.¹²¹ Com suas ideias republicanas, positivistas, progressistas e também com a imitação dos costumes europeus, tanto em relação à moda quanto ao comportamento social, o grupo também trazia consigo “vícios *chics*”¹²² ou elegantes¹²³, como eram denominados pel’*O Furão*, condenados por certa parte da elite burguesa paulistana.

Os tais costumes chiques envolviam o uso de substâncias alteradoras de comportamento, como o éter, os lança-perfumes, a cocaína, a morfina e o ópio, que eram consumidos com certa avidez pelos frequentadores da vida noturna. Por sua vez, o ambiente de consumo era representado por uma parte da imprensa e da literatura da época de forma idealizada e afrancesada, sempre ligado ao divertimento, à modernidade e à ideia de civilização. A utilização de drogas psicoativas, aliás, fazia parte da euforia progressista da época, que se apresentava como oposição ao racionalismo desenvolvimentista, defensor da ordem urbana e pública e da retidão moral, ética e sanitária.

¹²¹ SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia**, op. cit., p. 80.

¹²² *O Furão*, 26/04/1919, p. 1.

¹²³ *O Furão*, 13/08/1921, p. 1.

As drogas, todas importadas, eram geralmente usadas segundo um ritual que incluía seringas esmaltadas de prata ou de ouro, estojos de couro e toda uma parafernália de equipamentos correlatos. Os hábitos luxuosos eram considerados, pela grande imprensa paulistana, como sinal dos tempos, consequências do desânimo proporcionado pela desestimulante vida produtiva moderna, que levava jovens abastados e entediados a se entregarem aos prazeres dos vícios.¹²⁴

Tratava-se, no começo do século XX, de hábitos inicialmente relacionados a pessoas do alto escalão, que viam na modernidade uma quebra dos padrões a que estavam acostumadas. Assim, as drogas passam a fazer parte de um imaginário urbano da modernidade, associadas ao espírito de uma época em que as experiências temporais se aceleravam e a dissolução da sociedade tradicional acontecia.

Ao analisar *faits divers* publicados no jornal *A Gazeta*, folha publicada em São Paulo a partir de 1906, Valéria Guimarães (2013) evidencia a representação e o imaginário do submundo publicados nesse vespertino, mostrando como a temática é glamorizada com base em referenciais da imprensa e da literatura francesas. Esses *faits divers* faziam parte das inúmeras campanhas de regeneração encampadas pela imprensa periódica da época, e traziam representações dos *bas fonds* frequentados pelos rapazes de elite, denominados “moços chiques”, bem como seus vícios e todo o aparato ligado ao ambiente da droga e da prostituição que os cercavam. Da mesma forma, essa representação idealizada do submundo presente n’*A Gazeta* e aí escrita como denúncia, será encontrada n’*O Furão*, mas pela chave da sátira.

Outro órgão da grande imprensa que fazia parte dessas campanhas de regeneração era o jornal *O Estado de S. Paulo*. O trecho a seguir, retirado de uma edição do ano de 1917, demonstra quais foram as medidas adotadas pela Polícia de Costumes para combater as práticas da boemia vistas como prejudiciais às políticas higienistas e à ordem social.

Polícia de Costumes

A polícia da capital está, desde há tempos, empenhada numa campanha séria e metódica da moralização, a cargo da 2ª delegacia auxiliar. Nesse afã já tem ela conseguido muitas coisas. Acabou com os botequins servidos por moças, os quais iam proliferando pela cidade e constituindo-se em focos de desordens, de bebedeiras e de perdição definitiva para a rapariga e rapazes incautos. Colocou sob a sua vigilância ativa e enérgica as numerosíssimas casas de tolerância que por todos os bairros se espalham, muitas delas dobradamente perigosas porque se encapotam sob aparência de seriedade, muito sossegadas e modestas nas suas cortinas brancas e no seu aspecto tranquilizador de lares honrados... Extinguiu os “cabarets”, os célebres “cabarets”, que se iam multiplicando pelo morro do Chá e adjacentes – gênero novo de posturas que vinha para acabar de desfigurar a fisionomia saudável desta cidade de trabalho e de tradições limpas. Enfim, a delegacia de polícia de costumes tem agido com indiscutível boa vontade – a julgar pelo que vem a público, base única de que dispomos para o afirmar –, prestando assim à capital paulista um constante e

¹²⁴ RODRIGUES, Thiago. **Política e drogas nas Américas**. São Paulo: Educ/FAPESP, 2004, p. 129.

valiosíssimo serviço cuja relevância resgata em parte os desmandos que têm caracterizado outros ramos da ação policial no nosso Estado.¹²⁵

O Estado de S. Paulo, um dos jornais mais lidos na cidade, era a voz dos grupos formados pela elite cafeeira e estava por trás da difusão da campanha de regeneração, projeto que visava as reformas urbanas e sanitárias de melhoria da cidade.¹²⁶ A folha trazia discursos oficiais, combinando a linguagem oficial com a literária, trazendo para seu público as discussões sobre determinados temas que estavam em pauta no cenário intelectual.¹²⁷ No trecho acima, tem-se a ideia de que, ao se introduzir uma política higienista de ordem e controle social, seria possível resolver os problemas que afetavam a moral da cidade e alcançar a missão civilizatória que a elite paulistana almejava. Essa noção, provavelmente, fundou-se na crença da existência de uma polícia pura e ideal, capaz de entoar e, sobretudo, de praticar uma retórica moralista, apagando-se, portanto, os vários relatos a respeito de seu abuso de poder e do uso extremo de violência.¹²⁸ Além disso, o excerto introduz a ideia de trabalho como agente civilizador, em oposição à vadiagem e à má ociosidade¹²⁹, ligadas ao conceito de vida imoral, degenerada e viciosa.¹³⁰ Uma vez que tal tipo de artigo era baseado nos boletins de ocorrência e nos depoimentos oficiais, pode-se dizer que era esse o discurso policial da época a respeito da moral e dos bons costumes. Por fim, observa-se que o jornal traz uma ideia muito comum à época: a separação entre as “mulheres de família” e as supostamente degeneradas¹³¹ – as “vendedoras de bebidas”, as dos cabarés e das folhas mundanas, como *O Furão*, cujas páginas as apresentavam com uma conotação positiva.

Assim, como informa o jornal, ao buscar combater as práticas viciosas então consideradas uma ameaça à comunidade em geral, as autoridades locais passam a restringir os ambientes voltados às bebidas alcoólicas e ao tabaco, alterando também a sua forma de distribuição. Ou seja, entre outras medidas, proíbem a venda de bebidas alcoólicas servidas por mulheres, alteram os horários de funcionamento dos estabelecimentos mencionados (fato que ficou conhecido pelo nome de “lei do fecha”) e desautorizam os jogos de fortuna e azar.

¹²⁵ *O Estado de S. Paulo*, 13/02/1917, p. 7.

¹²⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**, op. cit., p. 323.

¹²⁷ GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez**. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 233.

¹²⁸ FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano**, op. cit., p. 40.

¹²⁹ De acordo com Sidney Chalhoub, existiam dois tipos de ociosidade: a boa ociosidade estava ligada aos indivíduos que possuíam meios de garantir sua sobrevivência e, por esse motivo, não apresentavam um risco à ordem social – nesse grupo era possível encontrar membros da elite paulistana; a má ociosidade estava relacionada à pobreza, associada às classes populares ou “classes perigosas” e era vista como a principal responsável pelos crimes na cidade. CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**, op. cit., p. 75.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 72-80.

¹³¹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**, op. cit., p. 55.

Obviamente, essas mudanças afetaram sobremaneira a vida boêmia da cidade e, como era de se esperar, foram recebidas de formas distintas pelos diferentes grupos que a frequentavam.

O Furão, órgão da pequena imprensa e autoconsiderado representante da boemia, via em algumas das políticas proibitivas uma intervenção indevida aos direitos de liberdade da população paulistana, além de considerá-las uma afronta à alegria da cidade – que, na perspectiva do jornal, era proporcionada pela vida noturna como uma forma de escapar da modernidade ainda não assimilada.

Pela alegria da vida: O elogio do vagabundo – Venda clandestina de cocaína e morfina – Usuários – As perseguições inúteis – Pela vida noturna

Na administração pública, no governo das cidades – é que mais impõe esta regra. Comete um delito de lesa civilização, todo administrador que, sob o fútil e insubstancial pretexto – de pequeninas regras e carunchos conceitos da moral convencional. Ditar leis e expedir decretos, em afronta do Belo, para desfeiar as cidades e tirar a alegria da vida. Toda a gente sabe que, considerada singularmente para cada indivíduo, a vida noturna desgasta a saúde e expõe o notívago a julgamentos pouco lisonjeiros; toda a gente sabe que desde que o mundo é mundo a noite foi feita para dormir; – mas toda a gente sabe também que se julga e aquilata do progresso e da civilização de uma cidade – pela sua maior ou menor intensidade e alegria da vida noturna. Paris noturna é que caracteriza e dá a primazia na civilização, a cidade Luz. Sem os cabarets e os cafés abertos de Montmartre, sem a extasiante alegria do bairro latino, sem os teatros de todos os bairros, sem o movimento febril que, das 7 horas da noite às 7 da manhã, se nota em todo aquele conjunto de luzes, sons e gritos álacres, sem aquela variedade das vestes femininas, sem as orquestras noturnas – o que seria da cidade gloriosa que, nos dias de amargura – sabe heroicamente resistir, sorrindo e cantando, aos raids dos aviões teutônicos? Nada. Ou antes, seria uma cidade morta, sobre cujas ruínas, certo o gênio da civilização, iria pelas sombras da noite, planger e lamentar a sua desgraça e o seu fim.

Vieram-nos a pena estes conceitos – vendo a má vontade com que a nossa polícia de costumes – encara os vulgarismos fenômenos da vida noturna nesta capital. São Paulo pelo seu grau de progresso, já não comporta certos preceitos e certas posturas, quiçá aproveitáveis e de bom alvitre, em Conceição dos Guarulhos.

Já não falemos naquele enclausuramento forçado, antiestético, anti-higiênico e encaridoso, das infelizes descaídas a quem o vulgo – por uma originalíssima figura de generalização simbólica cognominou polacas –; já não falemos na proibição das serenatas noturnas a freguesia de N. S. do Ó; já não cogitemos daquela quase diária exibição de força policial, à porta desta ou daquela descaída, proibindo a entrada aos michês, dando assim a impressão de aplicação de pena pecuniária – extra legislação – a infeliz que teve a audácia de exercer o indiscutível direito de tomar ar na tromba da janela da casa que alugou, com janelas e tudo, e cujo aluguel pagou; mas – glosemos um pouco – por depositada a deveres – a proibição, ainda recente, dos cafés noturnos com orquestras e servidos por camareiras.

Na perfeita e absoluta ignorância, das razões que determinaram essa medida policial – seja-nos lícito, ao menos, manifestar por elas o nosso espanto – e dúvidas que sejam tão fortes e de tal ordem que não possam ser desvanecidas – para o efeito de ser ao menos respeitada a Constituição de 24 de fevereiro, na sua parte relativa à liberdade de trabalho. Ousamos mesmo apelar para os bons sentimentos de justiça e o senso estético do sr. Chefe da Segurança Pública – para que tal ordem ou ato seja revogado e declarado sem efeito.¹³²

¹³² *O Furão*, 08/04/1916, p. 1.

Em 1916, apenas dois anos após o lançamento do jornal e um ano antes do artigo d'*O Estado de S. Paulo*, W. L. escreve essa crônica cheia de ironia, que estampa a primeira página d'*O Furão*, para demonstrar sua insatisfação para com as políticas normativas – como a proibição de serenatas, da venda de bebidas por mulheres e de moças às janelas para chamar clientes, componentes relacionados ao ambiente das pensões artísticas, cabarés e de alguns teatros – que vinham sendo aplicadas pelas autoridades públicas, personificadas na Polícia de Costumes. Observa-se que a boemia é aí representada pelo cronista como algo belo, que remete ao imaginário da boemia francesa ilustrada, desde o século XIX, na literatura, nos memorialistas e nos periódicos, continuamente glamorizada, repleta de diversão e sinônimo de modernidade. A ironia da crônica está na defesa de valores contrários aos que eles realmente possuíam. Angelo Mendes e outros colaboradores e redatores da folha satírica pertenciam à elite paulistana, grupo que defendia a campanha de regeneração divulgada pela grande imprensa, como *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta*. Todavia, n'*O Furão*, esses mesmos personagens, que expressavam sua rebeldia na boemia e no próprio jornal, defendiam esse mundo e sempre o representavam pelo viés da ironia e da brincadeira. Era seu modo de mostrar a hipocrisia dos “homens de boa família”, dos “moços chiques”, que adotavam os valores da regeneração, mas que, na verdade, se viam a si mesmos frequentando os bordéis que tanto serviam de alvo para as campanhas higienistas.

No próximo capítulo, descrever-se-á a vida mundana dos boêmios paulistanos e o submundo por eles frequentado e narrado nas páginas d'*O Furão* de modo aformosado. Analisar-se-ão os componentes da boemia, os novos espaços de sociabilidade em São Paulo e as crônicas d'*O Furão*, com vias a reconstruir as representações que o jornal trazia sobre esse novo cenário.

3 O FURÃO E A VIDA PAULISTANA

São Paulo incorporava novos modos de sociabilidade, trazendo à população espaços como teatros, cinemas, salões, parques, lojas de roupas, restaurantes, cafés e pensões artísticas. Também oferecia cada vez mais eventos como festas, espetáculos, musicais. Além disso, abarcava competições esportivas de natação, remo e futebol, promovidas pelos clubes recreativos privados, que correspondiam a uma nova prática do viver urbano paulistano. Destarte, a cidade, que antes vivia a ausência de locais públicos para o convívio social, viu surgir numerosos ambientes de entretenimento que espelhavam o requinte da sociabilidade europeia e difundiam um novo regime que definia e ditava a forma correta de sentir, agir, viver e pensar.¹³³

Nesse cenário, a imprensa adquire grande importância social, pois torna-se vitrine de divulgação dessas novas maneiras de viver e incorpora em suas páginas a experiência do choque da metrópole moderna. A escrita que marcará a *Belle Époque* será voltada para a vivência mundana, o cosmopolitismo, a ironia, o *status* e o materialismo.¹³⁴ As páginas d'*O Furão* exemplificarão muito bem todo o processo.

Por meio de suas colunas sociais e políticas, críticas teatrais, concursos e espaços dedicados aos esportes (como remo, hipismo e futebol), esse jornal, que dava especial atenção à vida artística e cultural da cidade de São Paulo, retratava uma forma de organização social que valorizava hábitos e costumes ligados à modernidade, além de expor sua própria representação do ser moderno.

N'*O Furão*, as notas sociais foram tomando espaço e tornando-se mais abrangentes com o passar do tempo. Nelas encontra-se o relato bem-humorado da recém-instaurada vida paulistana. O desejo de civilização que estava no imaginário de todos resultava em comentários sobre as festas, suas personagens ilustres, os bailes, o cinema, a inauguração de espaços requintados, os espaços teatrais – enfim, sobre os luxos e as práticas recém-adotadas por uma cidade em plena formação.

Seus colaboradores não hesitavam em descrever quaisquer pormenores de algum evento do qual haviam participado. Com uma linguagem mais próxima do cotidiano, característica marcante dessa pequena imprensa irreverente – que via nos mexericos urbanos, nas intrigas teatrais e nas “curiosidades” uma ótima fonte –, o relato do mundanismo ganhava novos

¹³³ SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República**, op. cit., p. 7-16.

¹³⁴ NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**, op. cit., p. 268-269.

contornos. Mas esses colaboradores escreviam exclusivamente sobre a rotina da elite boêmia, pois ali possuíam acesso livre.¹³⁵

Para alcançar um dos objetivos propostos na introdução desta dissertação, neste capítulo serão apresentados os espaços de sociabilidade e de lazer construídos nas representações dos anúncios¹³⁶ e das crônicas sociais presentes nas páginas d'*O Furão*. A publicidade será aqui compreendida, levando-se em conta o conceito forjado por Roger Chartier (1990), como pertencente à esfera das representações coletivas “[...] que incorporam no indivíduo as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de recepção e apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem”. Trata-se de representações que podem ser compreendidas como “as formas de exibição do ser social ou das formas de poder político tais como as revelam signos e ‘performances’ simbólicas, através da imagem, do rito [...]”.¹³⁷ Representações que, no contexto aqui estudado, alimentavam os novos hábitos e formas de sociabilidade da cidade paulistana do começo do século XX.

3.1 Os espaços de sociabilidade dos leitores d'*O Furão*

No início do século XX, a imagem veiculada nas páginas d'*O Furão* (via anúncios e notas) e nos textos dos memorialistas¹³⁸ é a de que a população paulistana, mais especificamente as camadas médias e da elite, podia fazer qualquer coisa na região do centro da cidade, conhecida à época como Triângulo¹³⁹, espaço sempre apresentado como local de diversão e consumo dos novos hábitos de lazer.

Os elegantes da cidade frequentavam os requintados cafés e restaurantes da região, desfrutando da nova paisagem que o movimento de pessoas, a luz elétrica, os cartazes

¹³⁵ Ironicamente, aqueles que escreviam sobre tais acontecimentos faziam parte desse grupo, isto é, eram jovens oriundos de famílias ricas ou então aceitos nesse círculo de relações por onde transitavam com livre acesso. Assim, os furões debochavam de si próprios.

¹³⁶ A historiadora Marcia Padilha (2001), busca explicar em seu trabalho o papel que a publicidade teve no começo do século XX, numa cidade ainda em formação. Padilha atribui um importante papel aos anúncios por serem parte integrante das reproduções construídas e veiculadas nos periódicos, fazendo uma ponte entre a experiência vivida, o discurso dominante da época e as aspirações de seus habitantes. Ver: PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**. Annablume: São Paulo, 2001, p. 26.

¹³⁷ Ver: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p. 108.

¹³⁸ A cidade de São Paulo do começo do século XX é um local que possui diversos discursos e práticas sociais e a narrativa memorialista é apenas uma delas. Buscando dar conta das múltiplas mudanças pelas quais a cidade passava, os memorialistas paulistanos dão ênfase a lugares e aspectos urbanos que melhor definiam a cidade como local do progresso e da modernidade a seu entender. Em seus relatos, esses memorialistas são seletivos ao darem destaque a alguns lugares, como a região central da cidade, em detrimento de outros. Vale ressaltar que os memorialistas observados nesta dissertação possuíam a mesma visão d'*O Furão* sobre a cidade de São Paulo. Todos cursaram a Faculdade de Direito, possuindo uma formação intelectual comum, e trabalhavam em periódicos da época. Ver: BREFE, Ana Claudia Fonseca. **A cidade inventada: a pauliceia construída nos relatos memorialistas (1870-1920)**. 1993. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas.

¹³⁹ Formada pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento.

e os luminosos proporcionavam. Um sem-número de lojas, vitrines e cartazes se enfileiravam nas calçadas por onde passavam os pedestres, uns a passeio, outros a negócios. Passar por ali era entrar em contato com as últimas novidades que surgiam na cidade, tanto em termos da paisagem urbana, propriamente dita, como em termo de consumo.¹⁴⁰

Compondo essa nova geografia estavam estabelecimentos como cafés, restaurantes, confeitarias, teatros, pensões artísticas, parques, hotéis e clubes, todos considerados por muitos memorialistas e pelos redatores d'*O Furão* como espaços de grande importância para a época, por permitirem mais do que o simples consumo de mercadorias. Com efeito, eram lugares em que os grupos pertencentes à camada da elite paulistana se encontravam para conversar, ler e saborear iguarias, frutas de época, nozes, avelãs, bombons finos, licores e doces que, geralmente, não eram feitos em casa e vinham de países ou regiões diferentes. Eram ambientes que davam visibilidade aos novos viveres urbanos, ajudavam a promover os símbolos e valores dos recentes comportamentos¹⁴¹, pois ganhavam cada vez mais espaço em colunas sociais e anúncios da imprensa – sobretudo n'*O Furão*.

O Triângulo Central era definido pelos memorialistas e pel'*O Furão* como o símbolo mais importante da cidade do começo do século XX, já que concentrava moda, comércio, melhorias urbanas, lazer e novas formas de sociabilidade, representando, pois, o espírito moderno tão almejado para São Paulo.

De acordo com Ernani Bruno (1991) – cujas memórias corroboram a ideia de que a centralização das atividades urbanas mais importantes da cidade no Triângulo concedia a esse espaço um aspecto mais moderno que o restante da cidade – já no fim do século XIX os hotéis e “confeitarias de luxo” passam a ocupar o endereço, “primeiramente na Rua XV de Novembro.”¹⁴²

Também para Afonso Schmidt (2003), escritor oriundo da elite paulistana que narra em suas memórias pequenos episódios cotidianos, esses espaços “davam nota característica à vida da cidade”¹⁴³ do começo do século XX. Os cafés, típicos da vida francesa, como descritos em inúmeros relatos sobre São Paulo, eram o ponto de encontro, e até mesmo segunda casa, de várias pessoas. Determinados grupos, principalmente os boêmios e estudantes da Faculdade de

¹⁴⁰ PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo**, op. cit., p. 21.

¹⁴¹ Jeffrey Needell nota que a ampliação dos lugares de lazer e a difusão de novos tipos de divertimentos urbanos aparecem já no século XIX, principalmente nos grandes centros europeus, como um dos indícios de que a sociedade urbana estabelecia novos hábitos e novas formas de sociabilidade iminentemente modernas. Ver: Cf. NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**, op. cit., p. 40.

¹⁴² BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo: metrópole do café (1872-1918)**. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 156.

¹⁴³ SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de meus amores**. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 95.

Direito do Largo de São Francisco, faziam desses estabelecimentos um local de intenso convívio social.

Cada café tinha sua roda. Sua gíria particular. Suas anedotas. Seus ilustres frequentadores. Naquela época, muita gente vivia nos cafés. Quando se falava em determinadas pessoas, geralmente figuras populares da cidade, dizia-se que eram encontradas em tal café, de tantas a tantas horas, na quarta mesa à direita.¹⁴⁴

Nota-se assim que os cafés eram representados como local de reunião de amigos ou de colegas de profissão, além de servir de ponto para palestras, escritórios ou o próprio endereço dos boêmios. Nesse sentido, os cafés parecem ter inaugurado não apenas um traço de lazer urbano, mas também estabeleceram novas formas de sociabilidade típicas da modernidade. Grande exemplo disso foi o café e confeitaria Castellões.

Figura 4 – Anúncio da confeitaria Castellões



Fonte: *O Furão*, 24/05/1919, p. 3.

Considerada por Cícero Marques (1942), cronista d'*O Furão*, em suas memórias, como o “clube dos elegantes boêmios”¹⁴⁵, a confeitaria, localizada à Praça Antônio Prado, era ponto de encontro de diversos grupos. Os caixeiros viajantes eram encontrados nos balcões no período da manhã; à tarde, vinham as senhoras acompanhadas de suas filhas, após um passeio pelo Centro, à procura dos sorvetes e doces finos constantes no anúncio; já os boêmios (em sua maioria estudantes de direito), os coronéis (que, entre outros, bebiam, jogavam dados e

¹⁴⁴ SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de meus amores.**, op. cit., p. 95-96.

¹⁴⁵ MARQUES, Cícero. **Tempos passados...** São Paulo: Moema, 1942, p. 86.

discutiam política) e as *demi-mondaines* que buscavam companhia¹⁴⁶ chegavam a partir das dezessete horas. Tal cenário é retratado por Can-Can, le critique, pseudônimo de Cícero Marques, na coluna *Vida Nocturna d'O Furão*:

O trabalho que têm dado as donas de pensões de levar as meninas para a cavação de michés, na Rotisserie Brasserie e Castellões, as carreiras, por causa da hora do automóvel que vai correndo enquanto elas cavam.¹⁴⁷

Verifica-se no excerto da coluna que as confeitarias Castellões e Brasserie¹⁴⁸ eram retratadas pela folha satírica como espaços de agitação aproveitados pelas donas das pensões artísticas para apresentarem aos frequentadores suas novas pupilas, bem como suas veteranas, de modo a ganhar público para seus próprios estabelecimentos, indo muito além do exposto pelos memorialistas. Fato esse que ocorria principalmente durante as temporadas líricas da cidade¹⁴⁹ e as vendas das safras de café.

Entretanto, como narrado por Cícero Marques em suas memórias, assim que o Castellão fechava, sua freguesia buscava outro lugar para continuar seus assuntos. Os estudantes deixavam a Praça Antônio Prado e dirigiam-se ao Guarany – presente nas narrativas de muitos memorialistas sobre a cidade de São Paulo no começo do século XX –, onde podiam estender suas “discussões intermináveis”¹⁵⁰.

O café e restaurante Guarany, situado frente à Rua do Comércio, no nº 52 da Rua XV de Novembro, com entrada pelo nº 15 da Rua Boa Vista, de propriedade dos senhores Alonso e Faria, oferecia gabinetes reservados, vinhos e uma mesa de bilhar, como informado nos anúncios expostos na página d'*O Furão*. Era procurado sobretudo pela “gente boêmia: frequentadores dos espetáculos de teatros e cafés-concertos” e movimentado por “clientes que

¹⁴⁶ Como demonstra Margareth Rago (1991), à medida em que São Paulo foi se expandindo e se urbanizando, os espaços de convívio social, como restaurantes, teatros e hotéis, se multiplicavam. As mulheres, que antes estavam confinadas ao espaço doméstico, saem às ruas. A partir disso, define-se o modelo de prostituta, em oposição à mulher casta, que se torna parâmetro para o comportamento das mulheres em público. Nesse cenário, as prostitutas passam a ser vistas como símbolos da modernidade, como aquelas que abrem as portas para um novo mundo urbano, marcado pela libertação dos costumes, pela multiplicação das práticas eróticas e pela ruptura com os vínculos sociais tradicionais. Ou seja, as prostitutas “afrancesadas” eram vistas como transmissoras dos hábitos civilizados: ao acompanhar os coronéis aos restaurantes e teatros, inserem-nos nas regras de conduta modernas. Ver: RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 37.

¹⁴⁷ *O Furão*, 28/06/1919, p. 2.

¹⁴⁸ Fundada em 1902, por Vittorio Faso, está confeitaria estava localizada em frente à Castellões, no nº 3.

¹⁴⁹ Como demonstra Rago (1991) no trecho a seguir: “Outras madames, proprietárias de ‘pensões artísticas’, como eram conhecidos os bordéis do período, aproveitavam a movimentação provocada pela estréia das companhias estrangeiras em tournée pela capital, para exibirem suas ‘pupilas’, embelezadas com as últimas modas trazidas pelas costureiras francesas”. Estas proprietárias “difundiam os novos hábitos do mundo do prazer” nas confeitarias e cafés da cidade. Ver: RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**, op. cit., p. 34.

¹⁵⁰ MARQUES, Cícero. **Tempos passados...**, op. cit., p. 98.

entram e que saem, e, por vezes, ali ficam prolongando a palestra encetada no interior da casa.”¹⁵¹, como afirma Marques. Schmidt, por sua vez, assegura que o Guarany era sempre concorrido, cheio de falatório e risadas.

[O estabelecimento contava com] um salão enorme para aquele tempo. Mesas de mármore, cadeiras austríacas. Compridos bancos laterais com espaldares de couro. No fundo, um estrado com grades. Nesse estrado a orquestra. Ali se reuniam médicos, advogados, jornalistas prósperos, políticos de certo prestígio e estudantes.¹⁵²

Ou seja, segundo as descrições apresentadas, tratava-se de um local luxuoso, com inspiração europeia, orquestra, vasto salão e público seletivo, que transmitia a ideia de algo espetacular e exclusivo. Pode-se, pois, afirmar que o Guarany, a Castellões e a Brasserie possuíam grande valor no cenário da vida noturna paulistana. Informação reforçada pela forte presença desses cafés de estilo parisiense nas narrativas de memorialistas da elite da época, que tinham por meta representar uma São Paulo moderna e a caminho do progresso e da civilidade, graças a seus ainda ternos hábitos de sociabilidade.

Fora do Triângulo, a cidade recém-inaugurada contava também com o Bar Municipal, instalado em uma das dependências do Theatro Municipal, à direita da fachada principal do teatro.

Figura 5 – Anúncio do Bar Municipal



Fonte: *O Furão*, 13/06/1914, p. 4.

¹⁵¹ MARQUES, Cícero. **Tempos passados...**, op. cit., p. 106.

¹⁵² SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de meus amores**, op. cit., p. 158.

A casa, fundada pelo italiano Vicente Rosati, era tida como o principal ponto de encontro da elite paulistana, segundo anúncio próprio, estratégia de autopromoção muito comum na época. Considerado o mais seletto e elegante dos cafés da cidade, de acordo com os memorialistas, possuía vista para o Viaduto do Chá e para o Vale Anhangabaú. Oferecia, entre outros serviços, seu *Five o'clock tea*, composto de chocolates, biscoitos, cafés, chás e outras “bebidas finas”, termo de seu anúncio nas páginas d’*O Furão* que demonstra que ali se vendiam somente produtos de excelente procedência, ou seja, importados e em acordo com as novidades dos locais de lazer da França e da Inglaterra.¹⁵³

Na coluna *Sapeando...*, assinada por Sapo-Mor, pseudônimo do veterano jornalista e escritor Monteiro Lobato, o periódico fornece algumas informações a respeito dos frequentadores do local:

O Bar Municipal é sempre o mesmo. Almofadinhas, gigolôs, coronéis na eterna e aborrecida peruação. Os primeiros com a taça de “té” e um prato de batatas fritas, empitam as mesas a noite inteira. Os últimos fazem um figurão tomando “ginger-ale”...O mulherio que lá vai, cava...caronas...¹⁵⁴

À noite, seus frequentadores não se limitavam aos representantes da elite (almofadinhas¹⁵⁵ e coronéis), mas eram também vistos *cocottes* e gigolôs. A utilização de palavras de origem estrangeira, como “té” (ou chá, que remete ao “thé” francês) e “ginger-ale” (famoso refrigerante inglês a base de gengibre), demonstra a ironia com que Monteiro Lobato trata o lugar e seus frequentadores.

O estabelecimento de preferência dos redatores d’*O Furão* era, no entanto, o Bar Baron. Localizado na travessa da Rua do Comércio, nº 8, era indicado pelo jornal como o melhor lugar para se conversar com amigos ou “tomar um porre”, já que possuía o melhor Chopp Germânia da cidade por apenas 200 réis, como informa a folha satírica no ano de 1920. Confirmando seu apreço pelo local, em uma de suas visitas ao estimado bar, Voltolino¹⁵⁶, por exemplo, retratou-se como cupido apreciando as bebidas dali.

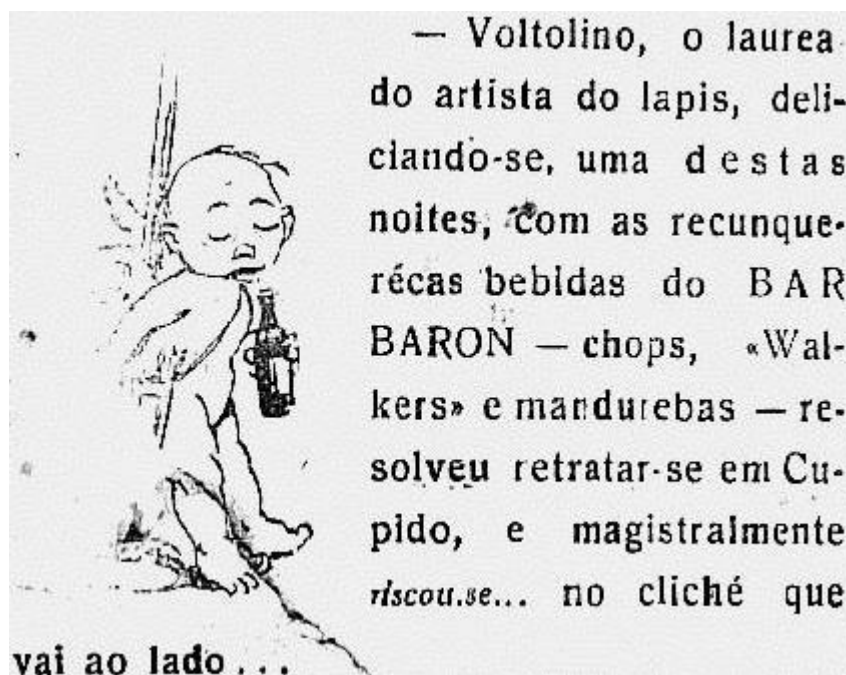
¹⁵³ BARBURY, Heloisa. **A cidade-exposição:** comércio e cosmopolitismo em São Paulo (1860-1914). São Paulo: Edusp, 2006, p. 121.

¹⁵⁴ *O Furão*, 11/10/1919, p. 3.

¹⁵⁵ Os “almofadinhas”, atualmente definidos como “mauricinhos”, eram garotos de família endinheirada, que se vestiam com roupas bem alinhadas.

¹⁵⁶ Após algumas pesquisas em outros periódicos da época, como *O Pirralho* e *Il Pasquine Coloniale*, foi possível identificar esse bar como um dos locais favoritos de Voltolino, tanto para beber, quanto para desenhar.

Figura 6 – Caricatura desenhada por Voltolino



Fonte: *O Furão*, 05/05/1920, p. 2.

Na imagem, percebem-se detalhes de como Voltolino se enxergava. Travestido em Cupido, deus travesso e brincalhão, símbolo do amor – características típicas de um boêmio de sua época, o caricaturista se via tal esse clichê da boemia paulistana. Com sua garrafa possivelmente de cerveja em mãos, demonstra que, ainda que os memorialistas da época buscassem pintar um ambiente glamorizado, com hábitos franceses e bebidas finas como o champanhe, ainda eram a bebida da classe popular e os aspectos de um passado não muito distante que ali predominavam.

De todo modo, os bares, cafés e confeitarias eram, de fato, ambientes mais abertos, feitos para passar o tempo, conhecer pessoas, fechar negócios, trocar informações, inteirar-se das novidades, experimentar quitutes e encontrar todo o tipo de companhias, abrangendo muitos elementos das camadas médias e da elite.

Outro componente desse novo espaço de convivência do começo do século XX eram os teatros. Vistos por muitos como uma manifestação da cultura cujas principais funções seriam ressignificar os símbolos essenciais ao homem e interpretá-los de modo a provocar um diálogo entre o indivíduo e a sociedade, os teatros eram considerados símbolos do conceito de civilização. Com presença semanal nas páginas d'*O Furão*, esses locais, que tiveram um papel importante na difusão do modelo de uma sociedade desenvolvida, encontravam-se distribuídos pelo centro da cidade. Traziam a São Paulo figuras notáveis dos palcos internacionais para

realizar apresentações, o que contribuía para elevar o nível dos espetáculos e agradava ao público, ávido por se manter atualizado e coerente com a moda.

Os relatos sobre as peças teatrais apareciam na coluna *Pelos Theatros*. Ali era possível encontrar uma curta resenha sobre cada peça, a programação da temporada de espetáculos e, também, mexericos a respeito deles. Com efeito, as temporadas líricas eram responsáveis por movimentar a cidade.

Figura 7 – Alegoria da coluna *Pelos Theatros*



Fonte: *O Furão*, 12/01/1918, p. 2.

Com sua alegoria, extremamente similar à principal, a coluna trazia informações sobre os teatros que faziam sucesso na época, como era o caso do Theatro Apollo, do Theatro S. José, do Casino, entre outros, além de propagandas das companhias artísticas nacionais e internacionais que se apresentassem nesses espaços públicos. *O Furão* reservava uma página inteira para essa forma de lazer, o que confirma a importância desses espaços urbanos junto ao público leitor e à vida boêmia em que estavam inseridos.

Nas proximidades do Triângulo, mais precisamente na Rua Anhangabaú, ficava o Theatro Casino Antártica, procurado pelo público que gostava do gênero ligeiro¹⁵⁷, como o define *O Furão*, e onde ocorria *soirées* às quintas-feiras e matinês aos domingos. Para as famílias tradicionais que o frequentavam, era um lugar chique e distinto, uma vez que seus espetáculos contavam com atrações internacionais e seus preços era pouco acessíveis. Sua programação era de responsabilidade do espanhol Alonso, como informa *O Furão*:

Alonso “el viejecito”, o incansável empresário do Casino Antártica não se descuidava um só momento, em proporcionar ao público paulista, boas companhias e esplêndidas “troupes” de café-concerto.

¹⁵⁷ Esse gênero incluía operetas e espetáculos de variedades.

Ainda há pouco, em substituição aos números que lá trabalhavam, trouxe-nos a companhia Della Guardia, que tem agrado plenamente.

Agora d. Luís, parte para a capital portenha, que é o celeiro dos artistas de chantants, em busca de uma “troupe” como nunca, diz ele, pisou em S. Paulo.

É provável, que desse escolhido grupo de verdadeiras senhoras do palco, façam parte as notáveis bailarinas Tanagra, Laura de Santelmo e Charito Dellos. Da primeira e da última, já o *Furão*, estampou os belos rostos; da segunda, no próximo sábado, os leitores verão os raros dotes físicos, que fazem uma encantadora.¹⁵⁸

Seus palcos recebiam companhias de óperas internacionais, como consta no trecho reproduzido, o que deveria contribuir imensamente para o sucesso desse teatro, já que as camadas da elite buscavam espetáculos que fossem bem-sucedidos fora do país. Além das óperas, o Theatro Casino Antártica também organizava festas – entre elas, as carnavalescas. O estabelecimento era representado pel’*O Furão*, bem como por outros periódicos de sua época, como um espaço popular no mundo da boemia e seu baile de carnaval era continuamente elogiado pela folha satírica, fato que pode ter levado o periódico a ser seu embaixador carnavalesco.¹⁵⁹

Outra casa tida pel’*O Furão* como responsável pela diversão da vida noturna paulistana era o Theatro Apollo, localizado no nº 8 da Rua D. José de Barros, como informam seus anúncios. O teatro também não oferecia preços acessíveis, visto que suas entradas eram vendidas por a partir de 2\$000 réis, o que tornava esse espaço público um lugar, na verdade, restrito. Seus espetáculos contavam com a colaboração de companhias famosas que faziam do *music-hall* um local indispensável para aqueles que buscavam manter-se inseridos no que havia de mais atual do mundo do entretenimento, principalmente o que fosse importado.

Ambas as casas de espetáculos aqui citadas eram responsáveis pela venda d’*O Furão* em seus próprios endereços, o que permite inferir que parte do público leitor era também frequentadora daqueles espaços de lazer. Ademais, não somente as casas de espetáculos eram constantes na coluna do jornal e em seus anúncios, que ocupavam um quarto da segunda página da folha. Mas também eram os espaços escolhidos para a realização do baile carnavalesco promovido pelo jornal. Para tanto, deveria certamente haver algum intermediário nesse circuito de comunicação entre a folha e os teatros, de acordo com os preceitos de Robert Darnton. Entende-se, pois, que tal moderador fosse o Dr. Villá, diretor-geral da companhia *The Mundial Society Artistic*, responsável pela contratação de diversos artistas que se apresentavam nas salas em questão, e cronista d’*O Furão*.

¹⁵⁸ *O Furão*, 03/05/1919, p. 3.

¹⁵⁹ Assunto que será desenvolvido no quarto capítulo desta dissertação.

Saindo do Triângulo, caminhando pelo Viaduto do Chá, chegava-se ao Theatro S. José¹⁶⁰ e ao Theatro Municipal.

No começo do século XX, o Theatro Municipal era uma das recentes construções projetadas como símbolos da modernidade e iniciadas durante o mandato do prefeito Antonio Prado. Com arquitetura inspirada na Ópera Garnier, de Paris, era envolvido pelos jardins do Parque Anhangabaú, numa tentativa de se imitar os famosos teatros internacionais.¹⁶¹ Acolhia espetáculos de companhias líricas e artistas de outros países e era o espaço predileto da elite cafeicultora, ansiosa por se inserir no cenário civilizador europeu.

A próxima temporada lírica no Municipal, com a Companhia Walter-Mocche, vai ter sucesso.

O elenco da “troupe” será: sopranos, Maria Berientos, Rosa Raisa, Adelina Agostinelli e Flavia Casazza, do Scala de Milão; Fugenie Vallin Pardo, da Opéra Comique e Jacqueline Royer, da Grande Ópera de Paris; tenores, Giulio Crimi e Eduardo Degiovani, do Scala de Milão; Pietro Navio, do Régio, Léon Laffite, da Grande Ópera de Paris; barítonos Giacomo Rimini Costanzi, de Roma, A. Scanliana, do Scala de Milão e Armando Crablée do Theatro de la Monnaie, Bruxelas; baixos, Gaudio Mansueto, do Costanzi, de Roma e Marcel Journet, da Grande Ópera de Paris e Metropolitan de New York. O maestro diretor é o Com. G. Baroni, do Scala de Milão.¹⁶²

Vale observar que o Teatro Municipal, considerado o mais importante teatro paulista de sua época, não anunciava n’*O Furão* e tampouco vendia em seu estabelecimento a folha satírica, fatores esses que possivelmente contribuíram para sua ausência na coluna semanal *Pelos Theatros*. Era mencionado na publicação apenas quando uma nova companhia artística iniciava sua temporada. Indicavam-se seus participantes, como se observa na nota acima, como fosse uma obrigação jornalística para com seu público leitor, já que se tratava da mais famosa casa de espetáculos daquele tempo.

O Theatro S. José, um dos mais antigos da cidade de São Paulo, encontrava-se quase em frente ao Municipal. Seu espaço era modesto, mas foi o fato de contar somente com o trabalho de trupes brasileiras – numa época em que era comum a vinda de companhias estrangeiras, afinal São Paulo já fazia parte do circuito internacional de espetáculos – que teria levado *O Furão* a chamá-lo, ironicamente, de mau teatro.

Nesse mau teatro da ponte do Viaduto do Chá, está fazendo carreira a companhia de comédia, dirigida pelo nosso talentoso patrício e brilhante artista Dr. Leopoldo Froés. Do elenco do São José, a primeira figura é a senhorita Amalia Capitani, filha do

¹⁶⁰ O Teatro São José (1861) foi considerado a maior casa de espetáculos da cidade até ser destruído por um incêndio em 1898. Mais tarde, foi reconstruído ao lado do Teatro Municipal. Ver: MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo: 1554-1910**. São Paulo: Paz & Terra, 2003, p. 188.

¹⁶¹ PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo**, op. cit., p. 100.

¹⁶² *O Furão*, 03/06/1916, p.1.

saudoso maestro Capitani, que tão grata recordação deixou a S. Paulo, e em toda a parte onde teve oportunidade de dar mostras de seu valor que era real. O público da Pauliceia, que noite por noite enche este teatro, premia bem os esforços, a competência e o talento de Fróes e de seus companheiros de jornada artística.¹⁶³

Ainda assim, a julgar pela nota acima, esse palco conseguia manter-se no cenário teatral da cidade. De todo modo, apesar de não anunciar nas páginas d'*O Furão* ou vendê-lo em seu estabelecimento, esse espaço de lazer aparecia com frequência na coluna *Pelos Theatros*.

Todavia, as temporadas teatrais e os bailes não movimentavam somente a vida noturna da cidade, mas também o período da tarde. Os frequentadores desses ambientes procuravam visitar as lojas que disponibilizassem os modelos das últimas tendências da moda, considerados elegantes e de bom gosto, vindos de Londres ou Paris.

Diferente de alguns jornais da época que tratavam dos assuntos mundanos, como *O Pirralho*, *A Cigarra* e *Vida Mundana*, *O Furão* não possuía uma coluna sobre moda ou voltada especificamente para mulheres; trazia apenas propagandas de produtos importados, vistos como artigos indispensáveis para se acompanhar a moda europeia. Sua última página contava com anúncios de perfumes, pó de arroz, cremes, roupas, joias, calçados, chapéus, camisaria, gravatas, aluguel de carros, flores, etc., sempre permeados pelo termo “finíssimo” e por frases em francês.

Muitos desses produtos eram importados da Europa, principalmente da França, e por isso eram tidos como finos, requintados e modernos. Isso indica que esses anúncios – e os locais em que eram veiculados – buscavam demonstrar que tanto o próprio estabelecimento, quanto o consumidor possuíam bom gosto e estavam ligados às novidades do mundo civilizado. Havia um interesse por parte da elite em consumir os produtos da moda trazidos pelos navios a vapor, um claro sinal de distinção. A atividade de lazer da elite paulistana era sair às ruas para passear, fazer compras e frequentar confeitarias, todos esses hábitos de inspiração francesa.

Grande parte dos anúncios visava às consumidoras. A figura da mulher “fútil”¹⁶⁴, fruto da cidade moderna e do culto à autoimagem, aparece como personagem central de tal discurso. Essa nova mulher, diferente de sua versão anterior, passa a se preocupar com sua aparência, abrindo espaço para a cultura das vitrines e da exposição. Inversamente, era limitada a quantidade de anúncios voltados para o público masculino, muitas vezes ligados à virilidade e aos modelos europeus de vestimentas, divulgando, por exemplo, lojas de camisaria, preservativos, tônicos para o cabelo e para sexualidade, além de casa especialistas em roupas

¹⁶³ *O Furão*, 07/02/1920, p. 4.

¹⁶⁴ Para saber mais, ver: RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**, op. cit., p. 63- 67.

brancas – item a princípio insignificante, porém carregada da já mencionada ideia de limpeza e higiene, muito em voga na época.

A utilização de palavras em francês, idioma que fazia parte do vocabulário desse público-alvo, demonstra distinção e um desejo de proximidade dos modelos e padrões culturais importados, valores que representavam o que era ser moderno e civilizado.

Contudo, cafés, teatros e lojas não eram os únicos lugares prestigiados pelos leitores d'*O Furão*. Pensões artísticas e hotéis de luxo também figuravam nas páginas satíricas. Representados pelos memorialistas e pela imprensa desse circuito como locais elegantes e confortáveis que acomodavam artistas de espetáculos, boêmios, coronéis e suas *cocottes* favoritas, esses estabelecimentos ofereciam jantares, divertimentos, quartos, e eram um dos principais anunciantes d'*O Furão*, além de material essencial para a maioria de suas colunas.

O Grande Hotel Rotisserie Sportsman, localizado inicialmente à Rua São Bento, entre a Rua Direita e a Rua da Quitanda, foi um hotel de luxo que gozou de grande prestígio naqueles tempos, de acordo com *O Furão*. Conforme as memórias de Martins, o hotel “era o lugar preferido dos *chic sportsmen*, que frequentavam os prados do Jockey-Club ou da Antártica,”¹⁶⁵ dos visitantes mais ricos e das estrelas de ópera que se apresentavam no Theatro Municipal.

Da mesma forma, de acordo com os anúncios publicados n'*O Furão*, esse estabelecimento contava com 110 quartos, um restaurante de primeira classe com direito a chefe francês e capacidade para 200 pessoas e suas instalações eram as preferidas pelo “smartismo paulistano”¹⁶⁶ do mundo das finanças e da política. Entretanto, o periódico atribuía outro motivo ao sucesso da Rotisserie: o jogo de roleta, cuja entrada era permitida somente à elite paulistana.

A Rotisserie [...] é um estabelecimento modelar. Em questões de conforto, de passadio, de luxo, de entretenimentos úteis para os hóspedes, de elegância e de tudo mais, não há nenhum hotel que lhe compare. A cozinha é esplêndida, o jogo de roleta, instalado num dos andares superiores do prédio, é rigorosamente honesto, a frequência de senhoras e de mundanas é sempre assídua e seleta.¹⁶⁷

Em meio às inúmeras qualidades do hotel citadas na nota, como seu luxo, seus entretenimentos, sua elegância e sua cozinha, *O Furão* ironiza a liberação do jogo de roleta em um estabelecimento modelar. O jogo da roleta era proibido naquele começo de século e seus locais de práticas sofriam batidas policiais quotidianas. O Grande Hotel Rotisserie Sportsman, entretanto, não padecia do mesmo mal, como informa o periódico em outras crônicas. Seus salões de jogos eram frequentados por prefeitos, senadores, advogados e outros componentes

¹⁶⁵ MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo**, op. cit., p. 343.

¹⁶⁶ *O Furão*, 26/04/1919, p. 2.

¹⁶⁷ *O Furão*, 14/06/1919, p. 1-2.

da camada paulistana mais abastada. Para *O Furão*, pois, se o espaço não temia represálias das autoridades, não era por ser “rigorosamente honesto”, mas provavelmente por conta de sua clientela. Vale ressaltar que os redatores em questão não eram contra os jogos de roleta, porém, compactuavam com a Polícia de Costumes no tocante aos locais que deveriam ser censurados e àqueles que poderiam manter suas atividades livremente.

A fim de arrematar o circuito da vida noturna da cidade de São Paulo, tomam-se aqui as pensões artísticas. Localizadas em sua maioria na Rua São João, muitas delas eram uma espécie de pensão artística e também bordel e foram descritas por *O Furão*, na coluna *Vida Nocturna*, escrita por Can-Can, le critique, pseudônimo de Cícero Marques, como “belos pontos de reunião da boemia, onde, sob mil luzes, ouvia-se boa música, vozes tramadas por encantadoras cantantes [...]”¹⁶⁸. Eram locais, retratados na literatura da época e também nos escritos memorialistas como espaços encantadores, cheios de glamour e beleza, onde se podia relaxar, conversar e se divertir. É significativo notar que muitos desses espaços possuíam nomes franceses e eram, por vezes, apresentados como filiais dos grandes estabelecimentos boêmios de diversão da França.

Situado no nº 17 da Rua Conselheiro Crispiniano, o Palais Elégant, de propriedade de Martha Sorano e Madeleine Deschamps, era uma dessas casas tão frequentadas pelos boêmios.

Cícero Marques, em memórias que buscam privilegiar a vida noturna e seus espaços de lazer, descreve com um tom de melancolia a atmosfera do local. Seus gabinetes reservados contavam com a presença de coronéis que gastavam as sobras da venda de café, tratando suas favoritas com todo o luxo:

O Palais Elégant – de propriedade das irmãs “Colibás”... Ah! Este “Palais Elégant”, com seus gabinetes reservados e suas inquilinas – todas teúdas e manteúdas pelos argentários paulistanos [...]. As noitadas do “Palais Elégant” – as champanhadas, as ceitas e os seus frequentadores, selecionados a dedo, davam ao ambiente tal distinção, que, por eles, as suas inquilinas eram reverenciadas com a mesma delicadeza com que tratariam uma senhora saída do “Sacré-Cœur”.¹⁶⁹

Seu nome, Palais Elégant, carrega em si uma ideia de suntuosidade, pois eleva a casa ao estatuto de elegante palácio. Ou seja, demonstra de pronto sua sintonia com as mais modernas novidades da Europa e com todos os luxos que um estabelecimento do mesmo estilo poderia oferecer, a fim de criar um ambiente civilizado à francesa. Para Can-Can, le critique, em texto originalmente publicado em francês, esse local era um misto de cabaré e teatro.

¹⁶⁸ *O Furão*, 09/08/1919, p. 1.

¹⁶⁹ MARQUES, Cícero. **Tempos passados...**, op. cit., p. 117-118.

Parece-me, eu ainda digo “parece”, porque não sei exatamente e é perfeitamente indiferente para mim, que o Palais Élégant permanecerá sob a direção de Loulou (a mulher mais alegre de São Paulo) e de sua inseparável amiga Maiarka (a mulher com as pernas mais bonitas). Encantadoras! Veremos o que esses dois filhotes vão introduzir (sem maldade), de tão chique... nos figurinos do Palais...¹⁷⁰

No trecho, *Can-Can, le critique* narra a troca de figurinistas no Palais Élégant, demonstrando que esse espaço era um prostíbulo de luxo, como o narrado por Hilário Tácito no conto denominado *Madame Pommery*.

Atenta-se para o fato de que Cícero Marques representa o mesmo espaço duas vezes, em épocas distintas, com a mesma discreta afeição. Nesse excerto, elaborado durante sua juventude, a narrativa acontece de forma irônica, como um espectador frequente e ansioso pelas mudanças, que tenta se mostrar indiferente aos fatos. Naquele livro, escrito anos mais tarde, apresenta uma narrativa de tom nostálgico, buscando recriar uma atmosfera de elegância, exclusividade, modernidade e cosmopolitismo. Nos dois casos, nota-se o certo carinho do cronista para com o local, o que explicaria a recorrência do Palais como tema da coluna *Vida Nocturna*.

Como o Palais Élégant, havia em São Paulo a Pension Royale. De propriedade de Mme. Ida Sanchez, uma das colaboradoras do jornal, essa pensão oferecia em seu cardápio, as cozinhas francesa, italiana e brasileira e seus frequentadores eram os mesmos de seu vizinho da frente, como informa Cícero Marques em suas memórias. Nesse estabelecimento, era possível encontrar coronéis, champanhe em abundância e professoras de dança, como consta em seus anúncios. As *cocottes* e até mesmo os quartos da Pension Royal eram igualmente alvos das colunas d’*O Furão*, como se verifica no trecho a seguir:

No bar esta semana, vimos: Elaine, da Pension Royal, que nos disse ter colocado um grande espelho em seu quarto para que os michés possam apreciar melhor seu trabalho; Bertina estava bêbada ...¹⁷¹

Can-Can, le critique aí demonstra que as pensões artísticas não eram necessariamente espaços requintados e delicados, como muitas narrativas buscavam representar, mas locais repletos de luxúria, prostíbulos.

¹⁷⁰ *Il paraît, je dis toujours « il paraît », parce que je ne sais pas au juste et cela m'est parfaitement indifférent, que le Palais Élégant, restera sous la direction de Loulou (la femme la plus joyeuse de São Paulo) et de son inséparable amie Maiarka (la femme aux plus jolies jambes) Charmantes ! Nous verrons ce que ces deux gonzesses vont introduire (sans malice) de chic... dans les costumes du Palais... O Furão, 03/05/1919, p. 2.*

¹⁷¹ *Au bar, cette semaine, nous avons vu : Elaine, de la Pension Royale, racontant qu'elle avait mis une grande glace dans sa chambre pour mieux faire apprécier son travail aux michés ; Bertina était saoule... O Furão, 24/05/1919, p. 2.*

O Maxim's, no entanto, umas das maiores pensões do tipo naquele tempo, anunciava semanalmente n'*O Furão* seus apartamentos equipados com móveis finos, telefones e serviço de limpeza, demonstrando que esse ambiente possuía seus luxos. Sito no nº 11 da Rua Xavier de Toledo, ao lado do Hotel des Etrangers, pertencia a Mme. Adelita Passe e “era o lugar preferido pela boemia paulistana e os políticos de projeção”¹⁷².

Na inauguração de seu cabaré, *O Furão* soltou uma nota a respeito do novo espaço artístico da pensão:

Cabaré Maxim's

Inaugura-se hoje, à rua Xavier de Toledo n. 11 o “Cabaré Maxim's”. A nova casa de diversão está montada com sóbrio e apurado gosto artístico, oferecendo o seu amplo e belo salão, em cujo o fundo se levanta um elegante palco, um belo e atraente aspecto. A proprietária do “Maxim's” é Mme. Adelita que goza de tantas e tão grandes simpatias, pelas gentilezas que lhe são peculiares, e o diretor artístico, Mr. Gus Brown, o querido excêntrico inglês que todo S. Paulo tem aplaudido e que, como senhor que é do “metier”, é uma garantia do grande êxito que alcançará o novo cabaré. Quanto ao valor dos artistas que ali trabalharão, é escusado atalhar-lhes os méritos, pois Mister Brown sabe separar o joio do trigo.

À graciosa Adelita e ao correto Brown, agradecemos a amabilidade do convite para a festa de hoje, cujo anúncio vai em nossa primeira página, fazemos votos para que o “Maxim's” triunfe em toda a linha tornando-se o ponto preferido da boemia elegante.¹⁷³

Percebe-se que o Cabaré Maxim's é representado pel'*O Furão* como um espaço glamorizado, repleto de atributos. Uma leitura atenta deixaria supor que tal nota talvez tivesse sido paga pelo estabelecimento para a promoção de seu espaço e que o público leitor da folha satírica era certamente o mesmo público-alvo da casa de espetáculos.

Com efeito, os espaços aqui mencionados sustentavam o jornal ao anunciarem em suas páginas. Além disso, como dito acima, presume-se que os frequentadores desses estabelecimentos também fosse os leitores daquele jornal, o que possibilita traçar, ainda que superficialmente, o circuito de comunicação d'*O Furão*. Observa-se que a prostituição e os espaços de prazer eram por ele representados, de forma glamorizada, como frutos da expansão do lazer noturno moderno. Cabia a outros segmentos da imprensa abordar problemas, como as mortes ocasionadas por amantes ciumentos, o uso excessivo de drogas, entre outros. Apesar de suas inversões e sátiras, *O Furão* considerava todos esses ambientes públicos como pertinentes para a modernização de São Paulo. Assim, a vida boêmia relatada em suas páginas era aquela que se desenvolvia na região do Triângulo Central e arredores, onde ser moderno significava divertir-se e manter um intenso convívio social, principalmente no tocante ao lazer.

¹⁷² MARQUES, Cícero. **Tempos passados...**, op. cit., p. 147.

¹⁷³ *O Furão*, 03/12/1921, p. 1.

A propósito, outra relevante forma de lazer das camadas leitoras da folha satírica, vista como mais um dos frutos do processo de modernização da cidade de São Paulo, eram os esportes.

3.2 As práticas esportivas como forma de lazer

Incorporando-se ao agitado ritmo da vida da metrópole paulistana, as práticas esportivas¹⁷⁴, que podem ser associadas a uma série de mudanças sociais e culturais já expostas no capítulo 1 desta dissertação, também ganharam espaço tanto no campo do entretenimento, quanto no das práticas higienistas¹⁷⁵. Tais práticas foram introduzidas por grupos de estrangeiros, em grande parte especialistas de empresas comerciais e financeiras, que buscavam se distinguir, ao reproduzir hábitos aristocráticos procedentes de suas metrópoles.

Na Pauliceia, que se queria moderna, a prática esportiva chegou através de representação elegante, introduzida por seletos grupos de estrangeiros, na sua maioria especuladores de empresas comerciais e financeiras, na então pródiga Capital do Café. A partir de 1900, ingleses e canadenses, que respondiam pela administração da poderosa Light and Powers & Co., monopolizaram não apenas a iluminação e os trilhos de *bond* da cidade, mas introduziam práticas esportivas de seus países de origem, rapidamente apropriadas por uma sociedade de poucos lazeres, ávida de novidades. Através da reprodução de hábitos aristocráticos, como a prática do *hokey* e do *lawn tennis*, aqueles grupos seletos ostentavam sua procedência metropolitana, procurando distinguir-se em meio aos primitivos trópicos.¹⁷⁶

Desse modo, as práticas esportivas – como as modalidades, os materiais, os conhecimentos, professores, técnicas, etc. – do começo do século XX eram majoritariamente importadas e estavam inseridas em um cenário complexo e dinâmico, onde encontravam-se relacionadas ao processo de modernização e ligadas aos valores da sociedade em geral. Seus adeptos eram jovens da elite, filhos e netos de senadores, conselheiros, coronéis, banqueiros, entre outros, como demonstram as memórias de Jorge Americano¹⁷⁷.

Nesse contexto, surgem as associações e clubes esportivos privados. Tais sociedades, fechadas e seletas, desempenhavam nítido papel de distinção, e foi a partir delas que seus

¹⁷⁴ Para saber mais, ver: SANTOS, Ricardo. **Memória social dos esportes: futebol e política – a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2006, p. 35.

¹⁷⁵ As práticas higienistas irão marcar esse começo de século. De acordo com Ângela Costa e Lilia Schwarcz, esse projeto era perfeito, pois “mente sã em corpo são, eis um dos lemas que se adaptam bem à política de Oswaldo Cruz, aplicada no combate à febre amarela e a outras doenças. Em uma época em que dominava o higienismo e a ditadura dos médicos, nada mais conveniente do que incentivar a prática de esportes nos trópicos. Como se vê, as modalidades esportivas eram todas importadas.” COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**, op. cit., p. 88-89. Além disso, as práticas esportivas ganham espaço em uma cultura que passa a cultivar o corpo.

¹⁷⁶ MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo**, op. cit., p. 340.

¹⁷⁷ AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo** op. cit., p. 299.

membros desenharam seu espaço e definiram sua imagem. Por meio de regras que dificultavam a entrada de pessoas estranhas àquele círculo social, estabeleceram um distanciamento entre as elites e as camadas menos privilegiadas. Margareth Rago (2004) afirma que o esporte no Brasil possuía traços bem distintos, já que a importação dos esportes e da ideia de clube privado da Inglaterra trouxe consigo valores já estabelecidos pela aristocracia inglesa, o que acarretou a exclusão de trabalhadores locais que simplesmente não se encaixassem nesses padrões. Assim, as práticas esportivas, uma nova fonte de sociabilidade, constituíam-se contraditoriamente enquanto espaços de segregação e hierarquização dos modos de viver dos diferentes grupos sociais presentes em uma cidade em formação e modernização.¹⁷⁸

O hipismo, o *rowing*, a natação, o atletismo, o futebol, a aviação, o automobilismo e outros esportes praticados pela elite paulistana passam a ter visibilidade nas colunas sociais e nos anúncios impressos, o que ajuda a promover e consolidar valores inovadores como o culto ao corpo, os cuidados higiênicos¹⁷⁹, a ideia de regeneração da raça e a ação didática da prática esportiva, que gerava uma forma de disciplina. Essas novas categorias encontraram espaços nos periódicos da pequena e da grande imprensa como *Vida Moderna*, *A Cigarra Esportiva*, *Vida Paulistana*, *A Bicicleta*, *Sport*, *O Estado de S. Paulo*, entre outros.¹⁸⁰

De fato, o *sport* foi assunto preferencial do periodismo paulistano do início do século, abordado em artigos de fundo, seções especializadas, chamadas de capa, ilustrações de toda ordem e muita caricatura. Introduzido em apelos de estranha combinação, conjugava na mesma revista chamadas duplas, compondo literatura/*sport*, arte/*sport*, ciência/*sport*, teatro/*sport*; por vezes, embora anunciados em capa, nada constava nesse sentido em seu interior.¹⁸¹

Em suas páginas, O Furão também dava espaço e visibilidade aos esportes. Além de alterar sua chamada para *Criticas*, *Theatros*, *Sports* em 1916, contava com diversas colunas que, seguidas por *Pelos Theatros*, quase sempre ocupavam a segunda página do periódico e traziam informações sobre resultados, divulgação dos torneios, partidas entre clubes, entre outros assuntos que tinham como seu receptor o leitor masculino.

¹⁷⁸ Ver: RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**, op. cit., p. 400.

¹⁷⁹ Entretanto, José Agudo não via com bons olhos esse intenso interesse pelo esporte, como deixa claro em suas memórias: “São vítimas do atual sportismo... Uns correm loucamente em automóveis, para baterem o recorde de velocidade... Outros ainda mais loucamente sobem ao ar em aeroplanos ou dirigíveis, para baterem o recorde da altura... Estes estropiam horripelmente o corpo com o abuso do foot-ball ou do box, para baterem o recorde da agilidade ou da força... Aqueles equiparam-se estupidamente aos animais de corridas, para baterem o recorde da distância...” AGUDO, José. **Gente rica: cenas da vida paulistana**. São Paulo: O Pensamento, 1912, p. 95.

¹⁸⁰ Ver: MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo**, op. cit., p. 344.

¹⁸¹ MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo**, op. cit., p. 343.

Figura 8 – Alegoria d'O Furão com a tripla chamada: *Criticas, Theatros, Sports*



Fonte: *O Furão*, 08/04/1916, p. 1.

As colunas esportivas eram indicadas pelos títulos *Foot Ball, Turf* e *Natação e Rowing* e não possuíam um colunista próprio da seleção, o que permite supor que a coluna era escrita por todos os redatores do periódico, gerando uma rotatividade de cronistas e de linguagem utilizada.

Figura 9 – Alegoria da coluna *Turf*



Fonte: *O Furão*, 17/02/1917, p. 3.

Figura 10 – Alegoria da coluna *Foot Ball*



Fonte: *O Furão*, 12/01/1918, p. 2.

Figura 11 – Alegoria da coluna *Natação e Rowing*



Fonte: *O Furão*, 22/04/1916, p. 3.

Acima expostas, as alegorias das seções em questão eram desenhadas por Voltolino e demonstravam um pouco de sua representação do *sportsman*, praticante ideal desses esportes. Nelas, deixam-se ver homens jovens e musculosos, leia-se, bem alimentados e opostos aos fracos, o que evidencia a valorização do corpo, além de esportes praticados ao ar livre e em espaços públicos, com materiais e outros elementos pouco acessíveis, como cavalos, barcos, acessórios e uniformes, aspectos que conferiam sinais de distinção ao grupo que os praticava.

Narrados pel’*O Furão*, os relatos sobre as modalidades esportivas de São Paulo, em sua maioria, não traziam apenas informações concernentes aos esportes, mas também a tudo o que ocorria em razão deles, o que pode ser ilustrado pelo trecho a seguir:

[...] aquela vitória do Tiete foi muito boa. Venceu a “Mascote de Ouro” com muito brilho, demos palmas, porque foram merecidas. Depois da última prova, o pessoal de S. Paulo foi muito abraçado. Acabada a regata, fomos ver o que havia na zona do Tiete e da Associação. Tudo em ordem. Assistimos com água na boca o jantar do pessoal correto. Estava que era uma beleza. Todos em volta da mesa “garganteavam”. Não houve discurso... Bom sinal, dissemos nós...Isso queria dizer que o “povinho” não estava torto... Antes assim...¹⁸²

A nota acima contém a descrição de festa ocorrida após uma competição de remo entre o Club de Regatas Tietê e a Associação Atlética S. Paulo. Os ambientes eram apresentados n’*O Furão* como uma atmosfera de descontração e amizade existente nas competições, evidenciando-se que tais associações esportivas da época eram predominantemente clubes amadores formados por amigos que possuíam um interesse comum e se encontravam para conversar, comer e competir. Ora, tratava-se de mais uma forma de lazer na cidade de São Paulo.

¹⁸² *O Furão*, 02/06/1917, p. 4.

No começo do século, os esportes aquáticos destacaram-se na sociedade elitista paulistana por refletirem todos os aspectos almejados por seus frequentadores. Um exemplo foi o concurso com a temática do remo produzido pel’ *O Furão* para se encontrar “o *rower* que com mais escola e elegância rema em São Paulo”.¹⁸³

Figura 12 – Divulgação de concurso realizado pel’ *O Furão*

Os nossos Concursos

Continuam a chegar à nossa redacção os coupons do nosso Concurso, que demotra que o final será uma surpresa, alem do *bicho* existem outro bem cotado.

O resultado apurado até hontem era o seguinte :

José Marcos Pereira—	»	— 17 »
Alexandre Cardoso—	C. R. Tieté	— 9 votos
Antonio Bahia —	C. R. Tieté	— 6 »
João A. Toledo Filho—	A.A.S.Paulo	— 6 »
José Cortez	—C. R. Tieté	— 6 »
Leonardo Pappalardo—	C. Esperia	— 4 »
Gerino Bispo	—C. R. Tieté	— 3 »
M. Paes de Barros—	A.A.S. Paulo	— 3 »
Otto Klein	— C. R. Tieté	— 3 »
Salvador Costa	— »	— 2 »
Raul M. Carvalho	—A.A.S.Paulo	— 2 »
Candido Cortez	—C. R. Tieté	— 2 »
Vergílio Lion	—A. A. S. Paulo	— 2 »
Victor Mamede	—C. R. Tieté	— 1 »
L. Azevedo	— »	— 1 »
Domingos Marinho --	»	— 1 »
Noemio F. Lemos	A.A.S. Paulo	— 1 »
Max de Barros	»	— 1 »
Apparicio Batoque—	C. R. Tieté	— 1 »
Laafyette Caixadagua—	—	— 1 »

Continuamos a receber as votações até o dia 15 de Abril.

O *coupon* que a esta segue deve ser cortado e derigido á Redacção d’“*O Furão*” á rua Formosa N.º 8

Fonte: *O Furão*, 08/04/1916, p. 3.

Seu resultado foi divulgado em 13 de maio de 1916, na coluna *Natação e Rowing*. Os vencedores foram, respectivamente, José Marcos Pereira, “O Bixo”, (80 votos) em primeiro lugar, José Cortez (50 votos) em segundo lugar e Alexandre Cardoso (23 votos) em terceiro.¹⁸⁴ O remo era visto como um esporte elegante, praticado pelos homens das classes média e alta, ao ar livre, onde o barco deixa a esfera do trabalho para ser um instrumento de lazer. *O Furão* distinguia-se, pois, por promover essa elite muito seleta, praticante de esportes como o remo.

¹⁸³ *O Furão*, 25/03/1916, p. 3.

¹⁸⁴ *O Furão*, 13/05/1919, p. 3.

Com efeito, o certame não contava com mais de duas centenas de votos, o que testemunha seu alcance restrito.

Ao contrário de outras folhas do mesmo segmento, que traziam informações sobre o automobilismo, a aviação, o ciclismo, o motociclismo, o atletismo, a luta romana e outras atividades esportivas, *O Furão* concentrava-se em apenas dois outros esportes: o hipismo e o futebol. Um era desempenhado apenas pela elite, enquanto o outro vinha popularizando-se.

A competição de hipismo acompanhada pel'*O Furão*, frequentada por um selecionado grupo da sociedade paulistana e promovida pela sociedade Jockey Club, desenrolava-se no hipódromo da Mooca.

Com o habitual brilhantismo a veterana sociedade Jockey Club realizou domingo passado, mais uma esplendida reunião no prado Mooca.

A concorrência de amantes do turfe foi enorme, principalmente de famílias que enchiam a elegante arquibancada e emprestavam àquela festa, um aspecto encantador. Os oitos páreos de que se compunha o excelente programa, foram disputados com muita lisura e a contento geral o grande prêmio foi ganho pelo valoroso "Majestade", que ainda é fino e respeitável parrelheiro que todos conhecem e no qual há sempre muita confiança quando toma parte de algum páreo.

"Majestade" magistralmente conduzido pelo exímio profissional P. Zabrala, fez uma corrida lindíssima mostrando cabalmente ser um animal de classe. Essa vitória foi um fato verdadeiramente sensacional.¹⁸⁵

O trecho acima demonstra que esse esporte não se resumia a verificar os resultados. Pode-se observar que acompanhar a corrida era prática de lazer e que era considerada chique, uma vez que *O Furão* noticia a presença de famílias que se utilizavam desses eventos para se fazerem ver. Ou seja, estar na plateia também valia como prática de sociabilidade e lazer.

O futebol, por sua vez, popularizava-se no começo do século XX, crescendo em importância na vida esportiva da cidade. Nicolau Sevckenko informa que esse fenômeno urbano que ganhou grandes adeptos devido à facilidade que oferecia de ser praticado em quaisquer lugares e pelo pequeno valor de seu material, alcançou também os lugares periféricos da cidade e camadas populares, como a dos operários.

O fenômeno esportivo em geral, futebolístico em particular, é uma manifestação plenamente urbana, que palpita de um modo ou de outro por todos os desvãos da cidade e preenche o tempo ampliado das horas de lazer. Ele é oblíquo na fisicalidade concreta das atitudes e expressões que difunde e onímodo na variedade abstrata dos estados emotivos que desperta e alimenta. A cidade dissipada no caos de um crescimento tumultuoso encontra nele a enfiatura de correntes que organizam pela exaltação. Essas correntes conjugam focos de alinhamentos coletivos que se sustentam pela adesão voluntária e a comutação do entusiasmo em doses cotidianas.

¹⁸⁵ *O Furão*, 17/01/1920, p. 5.

A cidade não assiste ao esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz – ela não o vê de fora, ela se vê nele.¹⁸⁶

Assim, o futebol conseguia reunir as pretensões que intelectuais, políticos e autoridades públicas buscavam naquele tempo, isto é, promover o esporte físico que, por seu turno, promoveria a regeneração da raça e a construção do nacional.

Surgem então diversas equipes futebolísticas paulistanas, entre elas, a Associação dos Chronistas Sportivos¹⁸⁷, time em que jogavam os redatores d’*O Furão*, juntamente com outros redatores da pequena e da grande imprensa. Por tal motivo, o time estava sempre presente na coluna *Foot-Ball*.

O *team* dos Chronistas Sportivos está tramando com uma fúria sem par e não sabemos porque foram excluídos do seu conjunto os afamados *players* Luiz Gonzaga e João Domingues. Elementos que podem ser ombreados com Friendenreich, Cassimiro, Bertinat, etc...

Desconfiamos que os Chronistas desejam enfraquecer o seu conjunto para não ser muito a vitória que pretende alcançar sobre os sérios.¹⁸⁸

Com seu tom irônico, caçoando de seus próprios integrantes, *O Furão* busca representar a Associação dos Chronistas Sportivos como um clube feito para diversão que movimentava a prática esportiva na cidade de São Paulo, organizando festivais esportivos, que iam além do futebol. A organização de uma sociedade esportiva da imprensa paulistana demonstra como essa forma de sociabilidade moderna possuía uma grande relevância na vida da cidade.

Entretanto, a prática do futebol não era ainda bem vista por muitos moradores de São Paulo, como explica Sevcenko. O esporte, praticado fora dos espaços delimitados e considerados ideais, sofria críticas:

Chovem queixas, reclamações e apelos do público e da redação contra os jogos improvisados de futebol, promovidos dentre os operários, pelas ruas e praças da cidade em seus intervalos de almoço e, principalmente, contra os “garotos”, “moleques”, “vadios” e “vagabundos”, que se entregavam quase que o dia inteiro, por todos os cantos da cidade, nos terrenos baldios, ruas e esquinas, aos chutes e correrias atrás de bolas de pano e papel, couro ou simples tocos de madeira.¹⁸⁹

¹⁸⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 60.

¹⁸⁷ A Associação dos Chronistas Sportivos era um clube, com sede na rua Quintana, nº 2, onde os cronistas das folhas paulistanas organizavam festas, festivais, jogos de futebol, hipismo e até palpites sobre o vencedor das corridas. O jornal *Correio Paulistano* fazia em suas páginas o time que participava e os resultados. Nessas notícias, é possível encontrar o nome d’*O Furão* e de Cícero Marques como representante do jornal. Para saber mais sobre o assunto, ver as edições do jornal *Correio Paulistano* dos anos de 1916, 1917, 1918 e 1919.

¹⁸⁸ *O Furão*, 12/01/1918, p. 2.

¹⁸⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, op. cit., p. 61.

Fica claro que a prática esportiva, quando executada pelas camadas populares e em locais públicos não apropriados, como as praças e as ruas, tornava comportamento perturbador da ordem estabelecida, já que esses outros jogadores eram vistos como indisciplinados e chegavam, com frequência, a ser enquadrados no crime de contravenção nas prisões realizadas pela Polícia de Costumes.

De todo modo, os esportes ocupavam significativa parte d'*O Furão*, ficando atrás apenas da narração de ocorridos da vida noturna paulistana, e traziam representações esportivas destinadas às camadas média e alta da sociedade paulistana. A ironia está em que a prática esportiva, que trazia consigo a ideia de autodisciplina, rejeição de vícios, cuidados higiênicos e assepsia do corpo, aspectos que a elite paulistana buscava para toda a cidade de São Paulo, encontrava espaço em uma folha boêmia que trazia valores por vezes a ela opostos. Ou seja, trata-se de uma reunião, própria da imprensa satírica, de valores bastante distintos, os do dia – símbolos de vitalidade, saúde, cuidados com o corpo, etc. – e os da noite – simbolizados pelo obscuro, a festa, os espetáculos, a diversão, as drogas, a boemia, etc. –, que *O Furão* traz em suas páginas e que habilita sua veia irônica.

Outra forma de sociabilidade que se intensifica com a vida moderna é o Carnaval. Considerada um grande evento da boemia, essa festividade ocupava as ruas, avenidas, corsos, clubes, entre outros espaços, e era representada nas páginas do periódico satírico com um momento em que era possível fugir da vida cotidiana regrada.

A seguir, serão abordadas as diversas formas de realização dessa nova festividade carnavalesca na cidade de São Paulo no começo do século XX, como foco nos espaços frequentados pelos redatores d'*O Furão*, buscando demonstrar qual o tipo de festa deveras apreciado por esses boêmios.

4 O CARNAVAL NAS PÁGINAS D'O FURÃO

Animados com a chegada do carnaval de 1917, os redatores d'*O Furão* saíram das redações para perguntar a alguns colegas e amigos o que significava para eles o Carnaval:

Recorremos, para isso, às acesas luzes do nosso erudito patricio sr. Monteiro Lobato, que concedeu-nos [sic] uma “interview”. Declarou-nos que o carnaval era uma “Saturnal” em que os velhos pagãos celebravam “Baco” e mais não disse por ter nebulosamente confundido as suas ideias.

Visitamos diversas personalidades eminentes. O sr. Gelasio Pimenta entende que o carnaval é o tempo feliz em que os austeros parnasianos põem um nariz de papel e saem para beliscar o gordo braço de mulheres lindas.

Os srs. Drs. Gomes Cardim e Pinto Payaguá não têm opinião precisa sobre o carnaval, perderam-na nos tempos acadêmicos quando, por ocasião da contemplação de um préstito, um recebeu um ovo num olho e o outro uma flecha de foguete na ponta do nariz. O nosso amigo dr. Capitão Zé Annibal define o carnaval: uma confusão de cores. E um camarada de um camarada nosso, esposo de uma mulher bonita, pensa que o carnaval é uma invenção do diabo para tentação das mulheres bonitas e tormento dos maridos ciumentos.¹⁹⁰

A notar, na primeira página, a irreverência do jornal e o clima da festa. A primeira ironia encontrada de pronto é o formato escolhido: uma *interview* – forma em voga nas revistas da época – com as “personalidades eminentes” da imprensa, dando a entender que se tratava-se de jornalistas peritos no assunto, destacados por sua excelência ou versados na matéria, mas que também podiam ser considerados velhos e ultrapassados. Monteiro Lobato, um dos redatores d'*O Furão* e um dos mais velhos da turma, ao definir o carnaval utiliza como exemplo uma festividade antiga e invoca Baco, demonstrando uma definição erudita, elitista, típica dos catedráticos de Direito e totalmente diferente do espírito do carnaval paulistano, que era uma mistura extravagante da festa popular higienizada com as festas europeias. A ironia com que o jornal trata essa erudição está em dizer que, por sua idade avançada, já não consegue expor suas ideias direito. Já o amigo Gelasio Pimenta, fundador da revista *A Cigarra* (1914-1975), diz que o carnaval é uma festividade que consegue fazer até os rígidos parnasianos se divertirem. No trecho, é possível notar uma crítica modernista aos parnasianos, ao símbolo do passado, do tradicional, do atrasado e ultrapassado, que não desfrutava dos tempos modernos que ali estavam representados. Já os jornalistas e advogados Gomes Cardim e Pinto Payaguá, de acordo com *O Furão*, “perderam” o espírito carnavalesco durante uma brincadeira do entrudo, dita, no trecho como anárquica, demonstrando que a festividade era vista com péssimos olhos pela elite por suas brincadeiras. Afinal, para o jornalista José Annibal, capitão e um dos donos d'*O Furão*, a festa era, de fato, um evento para a quebra do decoro das mulheres de família, demonstrando

¹⁹⁰ *O Furão*, 17/02/1917, p. 1.

que não eram apenas os “bons” homens que se excediam durante o Carnaval. Além disso, era um lugar em que os limites eram ultrapassados, em que não havia certo ou errado, o que evidencia a difundida ideia de inversão e subversão de regras e valores, de libertação das amarras sociais. Ou seja, o trecho exhibe diversas representações do carnaval que se podia encontrar na sociedade brasileira, ainda que muitas delas destoassem do padrão civilizado estabelecido pela elite paulistana desejosa de uniformizar e restringir tal festa.

Segundo Mikhail Bakhtin (1987), o carnaval pode ser definido como um conjunto de festividades caracterizadas por seu espírito burlesco, grotesco, cômico, satírico, lúdico, criador, estabelecedor e restabelecedor de significações do mundo social. As leis, proibições e restrições, padrões determinados do sistema e da ordem cotidiana, em sua maioria, são suspensos durante o evento, que “revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquico e por qualquer outra espécie de desigualdade entre os homens.”¹⁹¹

Também no Brasil, tal festividade surgia para construir um segundo mundo que libertava uma sociedade repleta de restrições e repressões ao cômico dos rígidos laços da cultura oficial. Afinal, os valores tradicionais agiam de forma repressiva às manifestações populares e tentavam solidificar a estrutura vigente na sociedade. O Carnaval, porém, trazia consigo a libertação da hierarquia em vigor, dando aos populares uma nova visão de mundo, desligada da cultura oficial e fora dos laços religiosos que solidificaram a organização social.

A festividade não terá uma coluna específica n’*O Furão*, mas sim edições especiais no mês da comemoração, com até 8 páginas, além de informações sobre a festa nos meses anteriores.

¹⁹¹ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 105.

Figura 33 – Capa da edição especial sobre o carnaval do ano de 1917

S. PAULO. Sabbado 17 de Fevereiro de 1917 ANNO III — N. 93



Theatro ≡ Política ≡ Sport Relação e Officina: RUA FORMOSA N. 8

No Reino da Pandega !!!

Os Clubs, Grupos e Cordões Carnavalescos
O "Corso" - Nos Theatros - Os bailes
Noticias Diversas !

Pretendia-mos, de conformidade com os velhos usos da boa imprensa, rememorar, n'um artigo sobriamente historico, do progressivo desenvolvimento do carnaval, estudando-o desde as suas origens.

Recorreramos, para isso, ás accesas luzes do nosso erudito patriótico sr. Monteiro Lobato, que concedeu-nos uma "interview", declarou-nos que o carnaval era uma "Saturnal" em que os velhos pagãos celebrava a m "Baccho" e mais não nebulosamente confundido as suas idéas.

Visitamos diversas personalidades eminentes. O sr. Gelasio Pimenta, entende que o carnaval é o tempo feliz em que os austeros parnasianos põem um nariz de papel e s'õem para a rua a beliscar o gordo braço das mulheres lindas. O sr. Simões Pinto, o esmerado poeta da menina dos peitos de cabrito, pensa que:

Si o velho espirito do mal
fabrica os livros de Lavater
quem nunca andou no carnaval
não tem cabritos de caracter.

Os srs. drs. Gomes Cardim e Pinó Payagudá não tem opinião precisa sobre o carnaval; perderam-n'a nos tempos academicos quando, por occasião, da contemplação de um prestilho, um recebeu um ovo n'um olho e o outro uma flecha de foguete na ponta do nariz. O nosso amigo dr. capitão Zé Annibal define o carnaval: uma confusão de côres e um camarada de uma camarada nosso esposo de uma mulher bonita, pensa que o carnaval é uma invenção do diabo para tentação das mulheres bonitas e tormento dos maridos ciumentos.

Em que peze a sacra indignação com que o famigerado phariseu Carlos de Laet, estigmatizou as orgias dos tres dias dedicados a Momo, *O Furão* entra firme no Reino da Troça e Pandega.

E nas ruas, nas avenidas, nos theatros, pelos cafés concertos, pelas pensões chics, por todos os bairros — e por todos os escaninhos da cidade, *O FURÃO*, intemerato e o bimbalar as gúizas da loucura foliá, surgirá, ora — fanasiado de Pierrot, ora de Arlequin, ora de banqueteiro de bicho, ora de membro da commissão central, funções e fantasias que são os qua-

tro pontos cardeas da actividade intellectual, moral e politica desta terra abençoada.

Que forças humanas poderão fazel-o parar, na sua missão de rir — o riso contagioso e bom dos que têm a alma limpa e a consciencia tranquilla; isto é, o riso de que nunca assistio a uma Hora litteraria, nunca foi a Villa Kyrial, nem leo as incardosas conferencias da *Cultura Artistica*?

E a frente do nosso bando irão os srs. Veiga Miranda e Dr. Meyer — ambos fantasiados de pombos brancos, mensageiros da Paz e do Amor — tendo nos nossos bicos — o primeiro um ramo de oliveira, o segundo uma missiva amorosa; — e em seguida virá o nosso carro estandarte, em que empregamos todo o nosso engenho artistico.

E' o nosso carro presidencial: um dos nossos mais assiduos colaboradores, e alta personagem politico, cahindo de queixo, sobre seiscento mil corações, e matando-os de affecto, como outrora o Sansão biblico liquidára os seiscentos mil philisteos...

Depois, a pé, virão todos os nossos colaboradores, occultos sob as mais extranhas, pittorescas e originaes phantásias.

O Dr. Samuel das Neves virá phantasiado de Abertinatti, o dr. Paulo Prado de Marinette, o dr. José Vicente de Azevedo de Louize de Valois. Mme. Corina de Coronel Piedade, o dr. Ignacio de Lacerda de Olga Boccaci, o dr. Mario Amaral de Róstita Grega e finalmente o dr. José Roberto de Fio-

lomena Puglise. Os outros nossos colaboradores, em numero de mil e sessenta e nove, virão a cavallo em páos de vassoura, phantasiados de deputados, senadores, membros da commissão central, coroneis da guarda nacional e etc. acompanhando o carro triumphal em que Madame Ida Sanches, lyra em punho, e coroadada de myrtho, acantho e louro, caracteristicamente vestida de Cornejo Pires, des-cantará as seguintes trovas, com a musica do «Tristão e Isoldo»:

Lilico és meo confidente
Meo Lilico em ti somente
Tenho fé, certeza e amor;
E's como o cura d'aldeia,
Que ouve o canto da sereia,
Pela voz do peccador.

Zé Roberto, vés querido
Que é tudo tempo perdido
Nesta existencia falaz
Eu sou como a mariposa
Que de cravo em cravo pouza
Sem ver o que fica atraz.

Lilico és meu confidente
Meu Lilico em ti somente
Tenho fé, certeza e amor;
E's como o cura d'aldeia,
Que ouve o canto da sereia,
Pela voz do peccador.

Tu pensas que a portuguesa
Que contigo senta á meza
Te tem mais amor do que eu...
Não creias — que ella me disse:
«O gajo fez-me a monicé
Mas comigo se... perdeu...»

Na roda que tu frequentas,
E' fama que tudo agentas,
Que pagas como um barão;
Mas tu que és bom ituano
Só joga bisca de mano
Com o quatro de páus na mão...

Conheço-te a ronha antiga!
A todos tuazes figa
Pensando somente em mim;
E's meu cachorro rafelero!
Corres atraz do meo cheiro
Do meu cheiro de jasmim.

Quanta vez de noite ao frio
Escuto o teu assobio
Que ferir-me o ouvido vem;
E eu — sensual e coquete —
Te dedico um bum... topete...
Que o Ramos faz — qual ninguém.

Meu caro amigo Sampaio,
Si nesta vida eu não caio
Abundam disso as razões...
Pois quando da sorte a inháca
Me enche de urucubaca
Eu coço ao Plinio... o nariz.

Em seguida — em um carro funebre virá Mme. Fiorentina, de cabel-leira quasi grisalha — de pé, chapéu de abas largas e de oculos — a trez e um ferro — com vóz soturna e funda, tremelicando as pernas e a recitar com o ar tragico do poeta Angelo Mendes — «os Cantos da Vida Afrada».

E finalmente, fechando o bando e phantasiados de moços do forçado virão os nossos amigos — Alberto



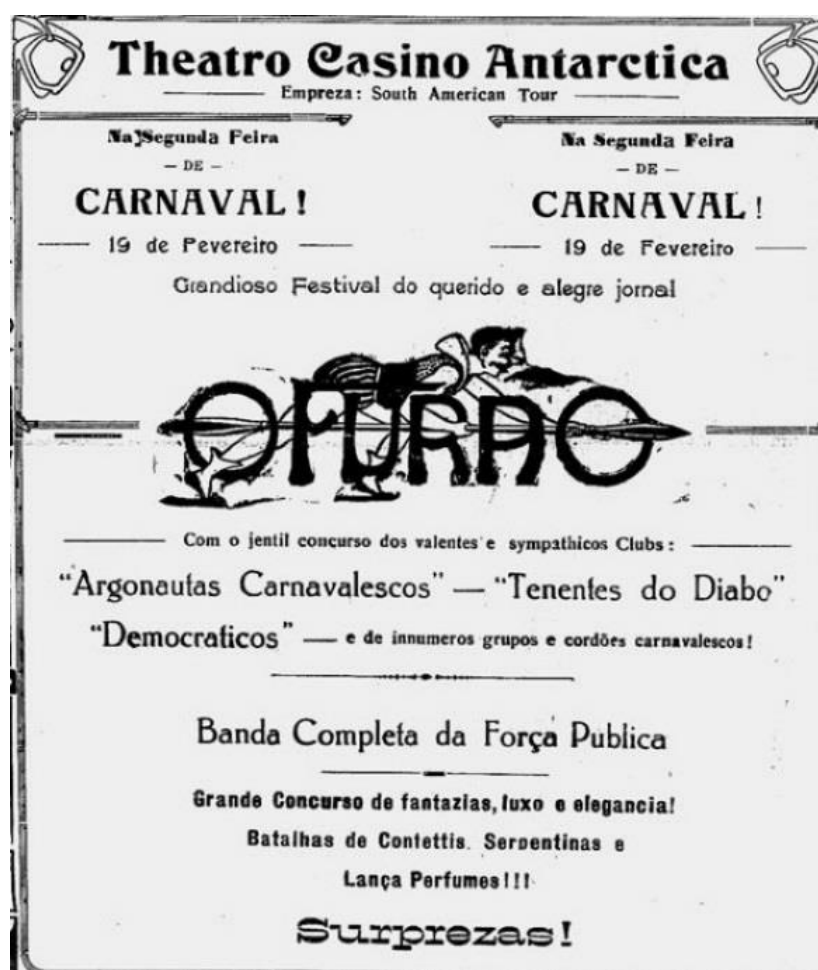


Suzette Villet
Chanteuse Française a estrear no Theatro Apolo



As edições especiais de carnaval traziam em sua primeira página uma coluna intitulada *Notícias Diversas*, ironizando talvez as colunas com o mesmo nome presentes n' *O Estado de S. Paulo* e n' *A Gazeta*. Nessas edições encontravam-se as colunas habituais do semanário, porém com assuntos relacionados ao evento. As festas narradas nas páginas d' *O Furão* eram organizadas pelas pensões artísticas, hotéis de luxo, teatros, cafés-concertos, cinemas, outros jornais e as grandes sociedades carnavalescas, quando esses ambientes públicos abriam espaço para foliões mascarados e fantasiados, que jogavam confetes, serpentinas e lança-perfumes.

Figura 44 – Anúncio do baile carnavalesco organizado pelo periódico *O Furão*



Fonte: *O Furão*, 06/01/1917, p. 6.

No entanto, *O Furão* também organizava bailes de máscaras nos teatros que o patrocinavam, como o Theatro Apollo e o Casinô. Esse evento contava com a participação das mais famosas sociedades carnavalescas e com a banda da Força Pública¹⁹², demonstrando a

¹⁹² De acordo com José Geraldo Vinci de Moraes, as apresentações de bandas militares eram a face um pouco mais institucionalizada, comercial e formal da difusão da música popular. Para saber mais, ver: José Geraldo Vinci

importância que se concedia a esse evento durante festa comemorativa. No anúncio, vê-se o baile com uma aura de glamour, luxo e elegância, como normalmente esses espaços são então retratados, mas há ali a informação de que determinados elementos do carnaval popular foram incorporados aos bailes elegantes carnavalescos, como os lança-perfumes, o éter, as *cocotes*, além de contar com ritmo maxixe. Além disso, realizavam-se nesses eventos concursos de fantasias¹⁹³, cujo júri era composto por membros da grande e da pequena imprensa e concedia medalhas de ouro e prata, respectivamente, para o primeiro e o segundo lugares.

As fantasias privilegiadas nesses espaços relacionavam-se com o universo romântico europeu, o que reforçava, simbolicamente, o distanciamento hierárquico entre as camadas da sociedade paulistana.¹⁹⁴

Ao longo do período, o folião paulistano participou dos festejos de rua, dos bailes diurnos – para as crianças – e noturnos – para os adultos – realizados pelos clubes, portando trajes de múltiplas inspirações. Nesses bailes, os adultos e crianças fantasiavam-se de pierrôs, pierrettes, arlequins, nobres, damas vestidas à moda da corte, de toureiros, de jornalheiros, de espanholas com suas mantilhas rendadas, de ciganas e de personagens do mundo infantil.¹⁹⁵

Com a popularização do carnaval moderno, começou a surgir, no início do século XX, uma festividade multinucleada. A então centralidade dos bailes e desfiles perdeu espaço para as primeiras subcentralidades da cidade, que espalharam as comemorações carnavalescas a outros bairros para além das ruas do Triângulo.

Novos pontos de folias se espalhavam pelos vários bairros. Além do Brás, concentrando o carnaval mais popular dos imigrantes, observamos a realização de batalhas de confetes e lança-perfumes na Praça da República, no Largo do Coração de Jesus e no Largo da Liberdade.¹⁹⁶

Havia, pois, três locais principais. As festividades das ruas do Brás, alternativa para os filhos de família que deixavam para trás os bailes recatados, formosos e luxuosos das grandes sociedades para se misturar com as classes populares, principalmente com as filhas de

de. **Aspectos da música popular na cidade de São Paulo no início do século XX.** Disponível em: <http://www.musicadesaopaulo.com.br/MUSICA_DE_SP_NO_%20SEC_XX.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2018.

¹⁹³ Por meio dos anúncios veiculados na época, também é possível concluir que os trajes formais e fantasias utilizados pelos seus frequentadores eram chiques, fazendo desses bailes um espaço para verem e, mais ainda, para serem vistos.

¹⁹⁴ Para saber mais sobre as fantasias, ver: SILVA, Zélia Lopes. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: Metamorfoses de uma festa (1923-1938).** São Paulo: Ed. Unesp; Londrina: EDUEL, 2009, p. 58-62.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 58.

¹⁹⁶ SIMSON, Olga R. de Moraes von. **Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano.** São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 159.

imigrantes; as da Avenida Paulista, símbolo da modernidade e civilizada, representada pelos periódicos da época, principalmente pela *A Cigarra*, como local de um carnaval frequentado pelas famílias da alta sociedade paulistana, como seus corsos e os desfiles das grandes sociedades carnavalescas;¹⁹⁷ e a festa do centro da cidade, presente nas páginas de *O Furão*, local em que se encontrava todo tipo de participantes, principalmente os pertencentes à boemia moderna paulistana.¹⁹⁸ Muitos intelectuais da época, como Olavo Bilac, participavam dessas agremiações, principalmente no Rio de Janeiro, capital cultural e exemplo do país. Eles viam os desfiles como oportunidades de transmitir suas ideias modernizantes e civilizadoras, trazendo ao público discussões que, até então, ficavam restritas a determinados círculos sociais. Os desfiles se tornaram, portanto, um importante meio de disseminação dessas mensagens, buscando “fazer-se compreender por todos, desde aqueles que possuem a penetração mais fina até os mais rústicos, os ignorantes e os analfabetos”. Sendo assim, as grandes sociedades carnavalescas eram veículos estratégicos e indispensáveis para aumentar o alcance da modernização como um todo. Desta forma, era no setor da boemia que ocorriam, em sua grande maioria, os bailes carnavalescos promovidos por jornais e pelas grandes sociedades.

Muito animados os quatro dias de carnaval. As ruas cheias de uma multidão álcree davam um aspecto de felicidade a este povo infeliz...

Domingo vieram para a cidade os préstitos dos “Fenianos Carnavalescos” e “Tenentes do Diabo”. Modestos, porém bem-apanhados, foram calorosamente aclamados.

Terça-feira, lá pela uma hora da madrugada passada, que foi uma chuva impenitente, ao clamor vibrante dos clarins, faziam sua entrada triunfal os “Argonautas Carnavalescos”, “Fenianos Carnavalescos” e “Democráticos”. Todos bem feitos, especialmente os dois primeiros, que foram delicadamente aplaudidos pelo povo que ansiosamente os esperava. A vitória balançou entre “Argonautas” e “Fenianos”, sorrindo afinal para aqueles que receberam os prêmios instituídos.

Nos theatros Apollo e Casino e nos salões dos clubes, os quatro últimos bailes tiveram extraordinária animação, sendo disputados concursos de maxixes, cujos prêmios foram ganhos pelos “reis” da dança nacional.

E assim, lá se foi mais um carnaval, deixando além de muitas saudades a todos, ao cronista, uma ressaca tremenda e uma porção de dívida...¹⁹⁹

¹⁹⁷ “O curso na avenida Paulista, considerado o carnaval da elite paulistana, era feito apenas de carro e com batalhas de confetes e serpentinas, a música era incidental e a população popular restrita. Já o curso do Brás reunia todo o tipo de gente e tinha bem menos automóveis, que disputavam os espaços das ruas com as carroças e com a grande maioria a pé. A maioria dos participantes era de imigrantes, havia menos riquezas e lustro na decoração das ruas e nas fantasias, mas havia maior participação da população, brincadeiras e músicas variadas.” MORAES, José Geraldo Vinci de. **Aspectos da música popular na cidade de São Paulo no início do século XX**, op. cit. Acesso em: 1 jan. 2018.

¹⁹⁸ Para saber mais, ver: PEREIRA, Leonardo Affonso. **O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 86.

¹⁹⁹ *O Furão*, 08/03/1919, p. 1.

Com projetos próprios, mas com a estrutura dos elegantes desfiles do Rio de Janeiro, essas sociedades tinham prestígio e privilégios junto à polícia²⁰⁰ e à população. Como informa *O Furão*, a festa carnavalesca ocorria tanto no espaço público, entre diversos locais com desfiles de rua, compostos por grandes carros alegóricos, animados por uma banda ou músicas²⁰¹; como em teatros e em espaços privados, em diversos dias da semana e sem hora para terminar²⁰². Pelas publicações do jornal, distinguem-se algumas das principais sociedades dos desfiles de carnaval de São Paulo. Os Argonautas Carnavalescos eram “boêmios de ambos os sexos”, dirigidos por Fernando Nischt, tinham sede na Rua S. Bento e seus bailes carnavalescos ocorriam sempre no Skating Palace, localizado na Praça da República. Os Fenianos Carnavalescos reuniam-se no Café Central, na Praça Antônio Prado, enquanto seus bailes eram realizados no Theatro Casino Antártica. Os bailes que ocorriam no teatro Apollo eram organizados pelo Club Democráticos Carnavalescos, sediado na Rua Xavier de Toledo, em um lugar mais conhecido como “Castello”, e seu diretor era o furão Angelo Mendes. Vale ressaltar que as sedes das sociedades carnavalescas, seguindo o exemplo de seus pares cariocas, funcionavam todos os dias do ano para seus associados. Nesse espaço era possível encontrar luxuosos salões de diversões e restaurantes finos. Além disso, era muito comum a organização de festas durante o ano para a arrecadação de dinheiro.²⁰³ Ao se analisar as posses das sedes, predominantemente localizadas no centro da cidade, é possível encontrar indícios da composição de sócios de cada grupo carnavalesco.

As grandes sociedades carnavalescas paulistanas²⁰⁴, projetadas para controlar as celebrações até então dominadas pelo entrudo, eram formadas por boêmios das camadas abastadas da sociedade – como jornalistas, escritores, estudantes de direito, e funcionários do alto escalão²⁰⁵. Seus desfiles, ou o denominado carnaval elegante, ocorriam com regularidade nas ruas de São Paulo, onde era comum encontrarem-se fantasias luxuosas, guerras de confetes,

²⁰⁰ Vale ressaltar que esse prestígio com a polícia deve ser levado em consideração quando comparado à atuação das grandes sociedades do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do XX, onde estas sofriam forte repressão policial e necessitavam informar às autoridades os trajetos e os participantes antecipadamente.

²⁰¹ PEREIRA, Leonardo Affonso. **O carnaval das Letras**, op. cit., p. 100.

²⁰² É pertinente salientar que os desfiles carnavalescos eram permitidos pelas autoridades públicas apenas aos domingos e terças gordas, como mostra o trecho em destaque. Isso ocorria, pois, a segunda gorda era considerada um dia de trabalho. Entretanto, os bailes carnavalescos ocorriam durante toda a semana gorda.

²⁰³ Ver: MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 71.

²⁰⁴ Diferentemente das grandes sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro, que surgem no início do século XIX, a cidade de São Paulo só as terá a partir do século XX.

²⁰⁵ De acordo com Maria Isaura Queiroz (1992), as sociedades carnavalescas funcionavam como “uma espécie de clube dos grandes comerciantes, dos banqueiros, dos profissionais liberais, dos fazendeiros, que ali compareciam à noite para conversar, jogar cartas, discutir seus problemas. A organização e o financiamento dos pomposos cortejos carnavalescos, embora apresentados como objetivo principal, não eram senão parte das atividades, as funções políticas, filantrópicas, cultural também eram importantes”. Ver: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro: o vivo e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 51-52.

serpentinhas e lança-perfume. Havia ainda desfiles de blocos, feitos para disputas entre si, que terminavam em suas sedes recreativas ou em algum outro espaço que permitisse o oferecimento de bailes a seus associados e amigos, o que lhes concedia notoriedade nas páginas da grande e da pequena imprensa. Entre essas sociedades, encontravam-se, pois, os seguintes nomes: Clube dos Excêntricos, Tá bom deixo, Tenentes de Plutão, Girondinos Galopins, Lygia Clube, Tenentes do Aveno, além dos mais famosos, quase todos aqui já citados: Argonautas, Democráticos, Club Carnavalesco Tenentes do Diabo e Fenianos.²⁰⁶

Os desfiles das sociedades ocorriam nas ruas e eram relatados pelo *O Furão* como eventos realizados de forma ordenada e bem estruturada, aprovados como forma de divertimento por grande parte da sociedade. Ao final de cada apresentação, as agremiações em questão terminavam a noite com um baile carnavalesco que podia ocorrer num teatro, onde a festa seria limitada ao público que pudesse pagar pelo valor do ingresso, no salão das sedes recreativas ou em espaços alugados, em que apenas os sócios e amigos eram convidados. *O Furão* sempre trazia informações sobre a comemoração que ocorria no Theatro Casino e no Apollo.

Bailes carnavalescos

Os bailes de sábado e domingo últimos foram incontestavelmente os que lograram apanhar mais fantasias.

No Theatro Casino, com um sucesso sem igual, apareceram em peso a alegre rapaziada do Club dos Argonautas Carnavalescos, o fidalgo e querido clube que na terça-feira próxima mostrará ao público seu valor e que hoje oferece aos seus amigos um grande baile *masqué* no Skating Palace.

No Apollo, onde a concorrência era colossal, conseguimos notar o Iranqueira todo agarrado à nova Bezuca, o Mosquito, com a Ibiara, a bofetada que a Irene sapecou na Louise por causa do irresistível Paulo Madeveschi, o Menotti em represália por haver o Leonor se transportado para o Casino, amarrou um formidável pifão!...

Hoje teremos 3 magníficos bailes para visitar. Um do Casino, como de costume, chic, o do Club dos Argonautas no lindo salão do Skating Palace, como os anteriores, magnífico! O do Apollo, sem rival!...²⁰⁷

O trecho leva a entender que os bailes de máscaras não eram um lugar refinado e glamoroso como a elite paulistana pretendia – onde apenas membros da elite poderiam frequentar e os modos civilizados de se comportar, os “bons modos”, seriam aplicados. Neles, era possível encontrar *cocottes* demonstrando publicamente afeto a seus amantes, boêmios,

²⁰⁶ Nota-se que o carnaval paulistano seguia o modelo carioca, assumindo, inclusive, os nomes das agremiações famosas e tradicionais no Rio de Janeiro do século XIX. Para saber mais sobre o carnaval do Rio de Janeiro e as grandes sociedades carnavalescas cariocas, ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; MOARES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1987; MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca**, op.cit.

²⁰⁷ *O Furão*, 08/03/1917, p. 2.

dentre os quais, o jornalista Menotti Del Picchia e o deputado Leonor, que eram colaboradores das colunas do semanário em questão, e outros frequentadores constantes dos novos espaços de lazer trazidos pela modernidade paulistana. Estas festividades, espelhadas nos grandes bailes europeus, proporcionavam diversão aos foliões através das batalhas de confetes, dos concursos, das músicas de maxixe, e até mesmo de sua decoração, que misturava aspectos populares aos da elite burguesa.

O maxixe tem sua origem no batuque estilizado. É dançado em ritmo sincopado e lembra a polca e a habanera. A influência do temperamento ardente do africano nesta dança empresta-lhe um quê de sensualismo, motivo pelo qual foi excluída do repertório das danças de salão.²⁰⁸

O maxixe, era visto como um ritmo musical sensual, libidinoso, mestiço de traços africanos, uma dança que exaltava o corpo, a sexualidade, chegando a ser considerado o tango brasileiro inclusive pel’*O Furão* e que foi responsável pela substituição do ritmo da ópera nos bailes de máscaras da elite paulistana²⁰⁹.

Outro elemento popular presente nos bailes carnavalescos da elite paulistana, como dito anteriormente, eram as mundanas. Retratadas por muito memorialistas e por folhas mundanas, as *cocottes* eram descritas de forma glamoralizada, sempre com fantasias adornadas por ricos detalhes que esbanjavam personalidade. Com pretensões sedutoras, como esse componente da boemia era representada nas páginas d’*O Furão*, essas mulheres eram tidas como elemento de embelezamento do cenário festivo, emprestando sua graça aos carros alegóricos e aos bailes, onde encontravam seus amigos e amantes, sendo frequentemente componentes da coluna social carnavalesca d’*O Furão*:

Sapeando...

Corina, a proprietária do Hotel de Luxo, esteve belamente encadernada num lindo travesti de “buel-dog”;
 Lolita, a pérola da casa da Fernanda, em um lindo traje andaluz chamou a atenção de todos, pela sua graça e “salero”;
 Janine, a simpática e fogaosa proprietária da “Pension Royale” pintou o sete, fantasiada de “Alegria”;
 Suzana, num belíssimo travesti de “Bandeirant”;
 Bianca Perla, esplendida de “Sol Nascente”;
 Gioconda, muito interessante, de “Napolitana”;
 Sarah Sevilla, belíssima, de “Diana”;
 Martga Sorano fez tremendo sucesso no travesti de ‘Bifaninho’, e Anita, do 10, Formosa, de “Carabaña”.²¹⁰

²⁰⁸ BARRETO, Felícitas. **Danças do Brasil**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A., 1968, p. 212.

²⁰⁹ MACHADO, Cacá. Batuque: mediadores culturais do final do século XIX. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Tomé. **História e Música no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 159-160.

²¹⁰ *O Furão*, 1919, p. 1.

Não é possível saber se o texto acima, escrito por Sapo-Mor (Monteiro Lobato) era, de fato, elogioso ou coluna irônica, algo muito comum no jornal, porém demonstra que as *cocottes* eram parte integrante do carnaval moderno que *O Furão* trazia em suas páginas. Esse carnaval, descrito como o momento símbolo do rebaixamento corporal, durante o qual o desejo sexual atinge tanta importância quanto as elevadas aspirações da sociedade, traz as prostitutas de luxo, tidas normalmente como representantes do baixo e do escatológico, em posição de grande destaque na festividade, o que quebra a hierarquia e o espaço social oficial estabelecidos por regras políticas e religiosas.

A crônica, novamente em francês, de Can-Can, le critique, na coluna *Vida Nocturna*, no ano de 1919, esclarece o cenário da festa carnavalesca paulistana frequentada pelos boêmios modernos:

O carnaval deste ano, como você previu, foi sensivelmente mais fraco que o do ano passado. Porém nos divertimos, rimos e eu, esquecendo que tinha que tomar notas, ver tudo, criticar tudo e publicar as coisas que teria visto neste diário tão sério, entrei em o turbilhão da loucura como um endoidecido. O entusiasmo pelo carnaval é comunicativo e leva às pessoas tudo o que é sério (como eu) ..., no entanto, enquanto me divertia, não disfarçado de dançarina como eu lhe dissera, mas com a fantasia de todos os dias, notei: Que todas aquelas senhorinhas que querem ser chiques estavam no Cassino com seus respectivos amantes. Que Silvina Martins e dois de seus inquilinos (pierrôs azul e branco) bocejavam, quase deslocando o maxilar por considerarem que o baile não tinha graça o bastante. Que no salão apenas cinco a seis casais fingiam dançar quando, na verdade, não faziam nada além de emaranhar coxas muito pouco elegantes. Que muitas dessas senhoras ... "chiques" estavam bêbadas como v...²¹¹.

Com seu habitual tom irônico, descreve uma festividade acelerada, fora da rotina, insana, eufórica, e cria a ideia de um evento típico dos tempos modernos narrados por Baudelaire, a fim de desvincular da festa do entrudo a imagem desse novo carnaval. É pertinente apontar que, apesar de ser visto como a festividade que permitia a quebra de algumas normas estabelecidas, o cenário festivo não diferia do que se retratava, durante todo o ano, dessa mesma

²¹¹ *Le carnaval de cette année, comme vous l'aviez prédit, a été sensiblement moins bon que celui de l'année dernière. Cependant on s'est bien amusés, on a bien rigolé et moi-même, oubliant que je devais prendre des notes, tout voir, tout critiquer et publier les choses que j'aurais vues dans ce journal si sérieux, je me suis élancé dans le tourbillon de la folie comme un forcené. L'enthousiasme pour le carnaval est communicatif et entraîne jusqu'aux gens tout ce qu'il y a de sérieux (comme moi) ... cependant, tout en m'amusant, non pas déguisé en danseuse comme je vous avais dit, mais avec le déguisement de tous les jours, j'ai remarqué :*

*Que toutes ces petites dames qui veulent être chics étaient au Casino avec leurs amants respectifs. Que Silvina Martins et deux de ses locataires (pierrôts bleu et blanc) bâillaient à se disloquer la mâchoire parce qu'elles trouvaient que le bal n'avait pas assez d'entrain. Que dans la grande salle, cinq à six couples seulement faisaient semblant de danser quand ils ne faisaient qu'un pelottage de cuisses fort peu élégantes. Que beaucoup d'entre ces dames... « chics » étaient saoules comme des v... *O Furão*, 08/03/1919, p. 2.*

forma, nas colunas d'*O Furão*, sempre repletas de glamour e exaltação aos vícios “chiques”, atitude normalmente aceita em suas representações da moderna cidade de São Paulo. Tanto os espaços, em que o uso excessivo de componentes como o éter, a cocaína e a morfina, elementos ligados ao submundo, era visto como algo aceitável; quanto seus integrantes – as *cocottes*, ou garotas que querem ser chiques, os boêmios e os coronéis, assíduos frequentadores das pensões artísticas demonstravam a recorrência desse enredo nas páginas do irreverente jornal.

Todavia, a repressão também estava presente nessa comemoração. Com aumento da participação popular nos festejos pelas ruas da cidade e com o crescente abuso de algumas substâncias, as autoridades, principalmente a Polícia de Costumes, passaram a aplicar leis cada vez mais severas aos foliões que não seguiam o que se considerava adequado à sociedade paulistana civilizada e moderna.

Desde o final do século XIX, todas as agremiações carnavalescas deveriam obter prévia licença e seus dirigentes eram obrigados a assinar um “termo de responsabilidade obrigando a manter a boa ordem e o decoro em seus divertimentos.”²¹² Entretanto, com o aumento dos desfiles de ruas, em 1905, as autoridades locais começam a exigir dos organizadores, para a concessão da licença, a apresentação de um plano geral com informações sobre roupas e carros alegóricos a serem utilizados. Dois anos mais tarde, acrescia-se a tais exigências a averiguação dos barracões de cada agremiação na véspera ou até mesmo no próprio dia do desfile, para garantir que os planos inicialmente entregues fossem realmente seguidos.²¹³ No entanto, de acordo com Zélia Lopes, muitas agremiações não obedeciam a essas regras, já que as perseguições ocorriam nos setores mais populares da festa²¹⁴. Já em 1923, *O Estado de S. Paulo* publica as novas regras impostas aos foliões pela Secretaria Pública de Segurança:

1º- é expressamente proibido o estruendo ou divertimentos idênticos, antes e durante o carnaval, sob a pena de apreensão dos artigos a ele destinados, onde encontrados, incorrendo os infratores na pena de multa de 30\$000 e prisão por oito dias.

2º- São formalmente proibidos, antes e durante o carnaval, os chamados “Cordões”, as cantorias em grupos ou de indivíduos isoladamente quando ofendam os bons costumes ou o decoro público, bem assim qualquer referência direta ou indireta, a determinada pessoa por meio de gesto, sinal ou palavra ofensiva.

3º- É também proibido o uso de estalos, carrapichos, pós, graxas, querosenes, ou artigos idênticos, e objetos que possam molestar qualquer pessoa incorrendo os infratores nas mesmas penas estabelecidas no nº1 desta portaria.

4º- A polícia procederá contra os que se servirem de lança-perfumes contendo substâncias perigosas ou impróprias desse artigo e bem assim contra os que concorrerem para esse fim.

²¹² *Correio Paulistano*, 10/02/1893, p. 2

²¹³ *O Estado de S. Paulo*, 16/02/1919, p. 5.

²¹⁴ SILVA, Zélia Lopes. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo**, op. cit., p. 81; SIMSON, Olga R. de Moraes von. **Carnaval em branco e negro**, op. cit., p. 175.

5º- A polícia agirá energeticamente contra os indivíduos que faltarem com o devido respeito às famílias e às pessoas que transitarem pela cidade. Os que, não obstante, forem encontrados nessas práticas, serão presos e processados.

6º- Nenhum préstito, fantasiado ou não, poderá sair à rua sem prévia licença. As sociedades carnavalescas deverão apresentar o quanto antes, para o respectivo exame, o plano dos préstitos, seus carros alegóricos ou críticos e o itinerário a percorrer.²¹⁵

Como demonstrado no capítulo 2, a elite paulistana via nas autoridades públicas, principalmente na Polícia de Costumes, uma forma de conter a manifestação da cultura popular, o contrário ao tido como civilizado. Por esse motivo, os poderes públicos procuravam manter as festas carnavalescas sob um controle cuidadoso. Buscando evitar badernas e outras surpresas, as autoridades locais limitavam o espaço público – exigindo o registro, o pagamento de taxas pelas sociedades carnavalescas, proibindo o uso de máscaras durante o corso e a passeata de comemorações, que não se encaixavam nos padrões estabelecidos.²¹⁶ Isso dificultava o acesso dos foliões irreverentes que não condiziam com o carnaval veneziano, principalmente os integrantes dos cordões, que eram compostos, em sua grande maioria, por negros. Vale ressaltar, que desde o final do século XIX, as ruas vinham sendo utilizadas não só como local de sociabilidade, mas também como um espaço privilegiado para as manifestações políticas e culturais de diversos grupos e tais proibições também serviam para manter o controle social.

Como resposta às recém-instauradas regras da Secretaria Pública de Segurança, João Cabeça emitiu uma nota diferente do que se esperava do editorial d’*O Furão*:

Avisos prudentes

Aproximam-se os folguedos carnavalescos e tudo nos faz prever que este ano revestir-se-ão de aparatoso brilho, apesar da malfadada leia do *fecha*, já hoje relegada para o cesto dos dispositivos inúteis, ter tirado aos festejos do centro da cidade, nestes últimos domingos, a sua natural animação.

Entretanto nem a polícia nem a municipalidade cogitaram de medidas tendentes a garantir a nossa população contra possíveis dissabores durante esses folguedos.

Não é só prender discricionariamente os presumidos vagabundos, para soltá-los depois de quarta-feira de cinzas; o negócio é policiar real e efetivamente a cidade. É desde logo aplicar severamente aos moços bonitos a postura municipal que proíbe o porte de armas e os distúrbios.

É fiscalizar os *chauffeurs* para evitar a exploração no preço dos automóveis. É notificar desde logo aos Clubs e cordões carnavalescos que são proibidas e serão severamente punidas as alusões às religiões – e máxime a Religião maior da nossa população. É, enfim, por meio de uma pertinaz e efetiva preocupação de fiscalização e prevenção, garantir as famílias e toda e qualquer senhora ou mulher, contra dichotes, piropos, e estúpidos e lascivos madrigais dos moços bonitos, das calcinhas, dos almofadinhas, enfim de toda essa canalha diplomada em roupas e elegâncias [...].

Esses *typos*, com os quais a Polícia já teve que ajustar contas o ano passado depois do escandaloso procedimento que tiveram, principalmente na Rua Direita, já estão se preparando para as suas indignas selvagerias. É necessário, portanto, a máxima

²¹⁵ *O Estado de S. Paulo*, 10/02/1923, p. 5.

²¹⁶ SIMSON, Olga R. de Moraes von. **Carnaval em branco e negro**, op. cit., p. 100.

energia para com eles. Não devem doer as mãos das autoridades policiais ao lhes aplicar severo e duro corretivo.

É necessário que apresentemos ao mundo uma população educada e respeitadora que corresponda em tudo ao nosso tão decantado progresso material. As nossas leis gerais e as nossas posturas municipais, máxime as que não sofreram alterações das últimas edilidades, são boas e suficientes para que possamos conseguir esse desiderato. Cumpram as autoridades leis – cumpram e façam cumprir as posturas, ajam com energia, firmeza, prudência e calma, prevenindo hipóteses funestas, e punindo as pequenas contravenções, dentro da mais absoluta legalidade – e nada ocorrerá no próximo carnaval que nos deprima e desmoralize como povo e como cidade culta.²¹⁷

O artigo acima delinea-se em tom diverso do ordinariamente utilizado pelo jornal. Os argumentos de João Cabeça (Angelo Mendes) refletiram aí o pensamento da elite paulistana do começo do século XX, que compreendia as manifestações carnavalescas populares como um risco à ordem, ao projeto de civilização europeizada e ao progresso que se estabelecia na cidade. Para o jornalista, a polícia não deveria prender os “presumidos vagabundos”, como os praticantes do samba, por exemplo²¹⁸, para soltá-los logo após a festividade, mas fiscalizar os indivíduos que realmente prejudicavam a comemoração do carnaval – tais como os *chauffeurs*, que aumentavam o preço do aluguel do automóvel para lucrar com a utilização do mesmo nos corsos; os cordões, que eram uma atividade predominantemente realizada por negros, mestiços e membros da classe popular, vistos pela elite como uma herança do entrudo; e, sobretudo os “moços bonitos, [...] calcinhas [e...] almofadinhas”, jovens pertencentes à elite que se utilizavam da alegria e liberdade da festividade para burlar as regras a todos impostas. Em suma, Mendes buscava defender o projeto do carnaval higienizado, elegante e europeizado defendido pela elite paulistana, segunda a qual a repressão policial era a única forma de se regular a época das festividades.²¹⁹

Já em 1924²²⁰, um ano após a nota acima, o editorial d’*O Furão* reaparece mais tolerante a alguns componentes da festa carnavalesca das camadas populares:

Festa de Mono

Apesar dos arreganhos farisaicos da polícia – apesar do catonismo da fancaria dos que pretendem, no horror da senectude avassaladora, matar a flor vermelha do riso, na

²¹⁷ *O Furão*, 07/02/1920, p. 1.

²¹⁸ Como demonstrado no capítulo 2 desta dissertação, era muito comum nessa época a prisão por averiguação pela Polícia de Costumes de indivíduos que não possuíam uma profissão reconhecida pelas autoridades públicas.

²¹⁹ É interessante observar no trecho destacado que João Cabeça enxerga no controle social da Polícia de Costumes uma forma de manter o *status* de cidade moderna e civilizada, durante a comemoração do carnaval, onde os excessos e inversões ocorriam. Entretanto, durante o restante do ano, vislumbrava nas ações desse departamento um problema para a vida boêmia.

²²⁰ Zélia Lopes explica que o carnaval de 1924 ganha outros ares na imprensa e no cenário paulistano. Após a turbulência do ano anterior, a festividade carnavalesca ganha mais espaços e adeptos ao carnaval de rua, o que permitirá a transformação que irá ocorrer em 1930. SILVA, Zélia Lopes. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo**, op. cit., p. 50.

fisionomia do bom povo paulista, as festas ao deus Mono, vão ter, neste ano, na capital bandeirante o costumado brilho.

Evohé! Evohé! Já se aprestam os foliões para as loucuras desopilantes do tríduo consagrado à Troça e ao Carnaval! Nesses dias, que nos importa a política, a carestia da vida e outras fúteis ninharias? Nos lânguidos braços das nossas sultanas, ao espocar do *champagne*, nos remelexos do mais saracoteado maxixe – é que devemos prestar o nosso culto fervoroso ao mitológico inventor das alegrias escandalosas e festivas.

E assim é que os valentes Argonautas, seguidos de perto pelos Tenentes do Diabo, pelos Democráticos e pelos Fenianos, estão em uma luffa-luffa extraordinária para darem ao Carnaval desde [sic] ano em São Paulo, todo o brilho e todo o possível esplendor.

Oxalá os poderes públicos, o comercio e o povo – saibam corresponder aos esforços dos valentes campeões da Folia, índo-lhes [sic] ao encontro com os seus auxílios, concessões e aplausos.

Oxalá que a nossa polícia tão fácil nessas ocasiões em tomar medidas imprudentes e atitudes ferozes, se deixe, pelo menos este ano, dessas austeridades de pechisbeque e dessas ridículas proibições que tanto degradam e ignoram a violenta e arbitrária, e cuide mesmo e cuide de verdade, com energia, prudência, acerto e calma, da extirpação dos “almofadinhas”, dos “meninos bonitos” e dos “malcriados”, do centro da cidade, da punição dos brigadores, barulhentos e provocadores, da prisão dos desrespeitadores de família, da ordem e regularidade dos corsos, e muito principalmente do respeito às crenças religiosas e à Fé do nosso povo, com que, em geral, nesses dias de folia, se diverte a canalha desbriada e sem berço.

Disso – somente disso deve intervir nos dias de Mono, a nossa Polícia, deixando que os Foliões se divirtam e que o povo, na loucura desses dias, ria e brinque para valer.

221

Num tom mais leve, descontraído, político e irreverente, típico do habitualmente encontrado n’*O Furão*, é possível compreender que o carnaval era sempre representado pelos memorialistas e pela folha como um período do ano em que eram suspensas as regras do cotidiano, as hierarquias sociais, as discussões políticas e intelectuais, visando à confraternização de diferentes sujeitos e realidades em um mesmo espaço – como o ilustram a champanhe e o maxixe –, no qual deveriam prevalecer as regras do “bom costume”. Entretanto, as classes tidas como degeneradas seguiam repudiadas. Ainda assim, enquanto a elite paulistana buscava consagrar a estabilidade e a permanência das regras que conduziam o mundo em camadas rígidas, o carnaval moderno proclamava a suspensão de valores, normas, tabus religiosos, políticos e morais recorrentes.

Por todo o exposto, é possível concluir que o carnaval paulistano do começo do século XX representado na imprensa mundana e satírica, aqui exemplificada pel’*O Furão*, foi marcado pelas preferências da elite, que priorizava o luxo e os costumes europeus, particularmente os franceses. No entanto, as comemorações não se restringiam a tais demarcações. A contar de 1910, como demonstra Olga Simson, os segmentos populares da sociedade, que até então eram meros espectadores dos desfiles elegantes, começaram a criar o seu próprio carnaval civilizado, ocupando as ruas com seus cordões, ranchos e blocos carnavalesco. Essas festividades, que

²²¹ *O Furão*, 16/02/1924, p. 2.

privilegiavam os espaços até então dominados pela elite que buscava fortalecer o imaginário carnavalesco europeu, trarão mudanças significativas nas festividades a partir de 1930.

Em suas páginas, *O Furão*, trazia, por meio de anúncios, crônicas, notícias, observações e *puffs* – uma propaganda redigida em prosa ou em versos e publicada nos periódicos às vésperas da folia pelas associações carnavalescas – informações sobre os bailes de máscaras e as sociedades foliãs prestigiados pela boemia moderna paulistana. Em contrapartida, a folha nada informava sobre as festas ocorridas no Brás ou os cordões organizados pelo “Grupo Carnavalesco da Barra Funda”, locais frequentados pelos imigrantes, mestiços e negros, e muito revividos por memorialistas e estudiosos da temática. Não obstante, o elemento popular pode ser encontrado nos festejos carnavalescos impressos na página d’*O Furão*, dado que os desfiles e bailes por ele noticiados contavam com prostitutas, drogas e outros componentes, aqui já expostos, de um submundo embelezado, mantenedor de uma aparente e afrancesada civilidade. Por tais razões, *O Furão* efetivamente contribuiu para fortalecer a imagem de um carnaval distinto e organizado, pretendida pela elite brasileira, ao veicular somente os conteúdos de uma folia nos moldes venezianos e ao criticar e condenar os elementos e festejos das classes populares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A virada do século XIX para o século XX foi um período de grandes e significativas mudanças para a formação da sociedade. As elites e o poder público intensificaram suas medidas para a transformação do Brasil numa nação moderna, civilizada e em sintonia com os padrões vigentes da Europa, mais especificamente, de Paris e da Inglaterra. A produção cultural, a estrutura política, a reorganização do espaço urbano, as assimilações de costumes, de formas de lazer, da moda e de padrões de higiene refletiam a nova ordem da sociedade brasileira, e particularmente das sociedades paulistana e carioca. Sem embargo, tal período caracteriza-se igualmente pela coexistência de dois mundos distintos e antagônicos: de um lado, o tradicional, o antigo, o arcaico; de outro, o moderno e inovador, desejoso do progresso que estava por vir. Ou seja, ao mesmo tempo em que sofre inúmeras alterações em sua rotina cotidiana e incorpora novos comportamentos, o Brasil do começo do século XX mantém uma certa continuidade em relação a seu passado colonial. E é precisamente nesse cenário que nasce o periódico *O Furão*.

Semanário humorístico, *O Furão* circulou na chamada pequena imprensa irreverente. Trazendo uma narrativa vinculada ao cotidiano, essa folha foi responsável por escrever e arquitetar outra via de acesso à cidade pela assimilação e propagação das transformações que ocorriam na sociedade. Escrito por diversos redatores e colaboradores pertencentes à elite paulistana e com formação acadêmica parecida, como Monteiro Lobato, Angelo Mendes, Voltolino, Washington Luís, Júlio Prestes, Cícero Marques e José Annibal, que se reuniam em torno de objetivos comuns – seja pela arte, pela política, pela cultura ou pela vocação na boemia –, esse semanário, através de seus anúncios publicitários, das crônicas sobre a Polícia de Costumes, dos teatros, dos esportes e do carnaval trouxe em suas páginas assuntos então em pauta no dia a dia da elite paulistana e, mais precisamente, do setor boêmio.

Nesse cenário, os periódicos da pequena imprensa irreverente, inclusive *O Furão*, convertiam-se em locais para a representação das identidades modernas e dos ideais de viver pregados pela elite paulistana. Seus elementos estéticos inovadores, sua linguagem ágil e suas crônicas mundanas sinalizavam a direção da inovação e da modernidade. *O Furão* fazia parte da tradição humorística vinda da metade do século XIX com Angelo Agostini e sofre modificações no começo do século XX. Por focar nos temas da vida das *cocottes* e dos espetáculos, além de tratar com ironia os embates da modernidade, também herdava traços da *Revue Ba-Ta-Clan!*.

Essa pequena imprensa da *Belle Époque*, à qual estava atrelado *O Furão*, teve papel fundamental na propagação dos comportamentos e hábitos à época considerados modernos, ao

anunciar produtos e relatar acontecimentos sociais em suas páginas. Tais periódicos estavam em constante relação com a vida cotidiana e dialogavam com seu público de forma leve e agradável, divulgando o que era notícia na cidade. Vinculavam imagens dos espaços reurbanizados que se convertiam em cenários perfeitos para a exibição das novas identidades metropolitanas e da propagação do imaginário da modernidade, ainda que não estivessem totalmente comprometidos com os fatos.

Fruto do cenário em que a busca por novas formas de lazer e sociabilidade simbolizavam a reprodução dos padrões europeus que permitiam representar o espaço urbano como emblema da modernidade e do progresso, o ambiente boêmio também era visto por muitos como reduto do vício, da depravação, do mundo marginalizado, sendo alvo das investidas das autoridades públicas que ficariam conhecidas como a Polícia de Costumes. Esse embate, entre o que era considerado barbárie e civilização, ocorrerá em grandes setores da sociedade paulistana desse período e encontrará nas páginas da imprensa paulistana um lugar de destaque, sendo tema constante dos editoriais d'*O Furão*, que, ironicamente, eram escritos por quem aprovava a campanha de regeneração e reproduzia, por vezes, o discurso oficial da grande imprensa e dos membros da elite paulistana.

Diante do exposto, a esta pesquisa coube delimitar de qual boemia falavam os furões. E os contornos foram muitos, pois foram identificadas: a boemia representada de forma glamorizada, nos moldes parisienses do começo do século, abordada e ilustrada por muitos escritores da época; a boemia de jovens escritores da elite que buscavam seu espaço no cenário da escrita; a boemia que pregava a liberdade, não sem manter suas hierarquias e regras sociais; a boemia fruto da modernidade, da cidade, ligada à vida noturna; a boemia vinculada a um projeto de país moderno e uma proposta de sociedade civilizada, que distinguia novos modos de convívio e novos ideais; a boemia feita pelos mesmos personagens que engrossavam o discurso oficial e aprovavam a campanha de regeneração da cidade.

Ou seja, em suma, por mais que os redatores e colaboradores d'*O Furão* buscassem narrar os relatos do submundo por viéses glamorizados, colaborando com um certo imaginário da modernidade e de toda essa boemia, esses mesmos redatores aprovavam o projeto de regeneração da cidade e a busca pela aniquilação dos espaços boêmios, demonstrando que esse periódico era fruto da complexa conjuntura de uma época em que o moderno e o tradicional brasileiros ainda andavam juntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Teoria

BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. **Escolas dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. Ed. Unesp: São Paulo, 2010.

_____. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAMPIGNEULLE, Bernard. **A arte nova**. Lisboa: Verbo, 1973.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade\UFRGS, 2012.

_____. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, São Paulo, jan.-abr. 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

_____. **Práticas da Leitura**, São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções: Europa 1789-1848.** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HUNT, Lynn. **Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades.** São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

MAIGRET, Eric. **Sociologia da comunicação e das mídias.** São Paulo: Ed. Senac, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.** São Paulo: Ática, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.

ZANINI, Walter. **História geral da arte no Brasil.** São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

2 Contexto histórico

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX.* São Paulo: Annablume, 2004.

BARRETO, Felicitas. **Danças do Brasil.** Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A., 1968.

BARBURY, Heloisa. **A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo (1860-1914).** São Paulo: Edusp, 2006.

BELLUZZO, Ana Maria. **Voltolino e as raízes do Modernismo.** São Paulo: Marco Zero, 1992.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **A cidade inventada: a pauliceia construída nos relatos memorialistas (1870-1920).** 1993. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas.

BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo: metrópole do café (1872-1918).** São Paulo: Hucitec, 1991.

CAMARGO, Daisy. **Alegrias engarrafadas.** São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

CAMARGOS, Márcia. **Villa Kyrál: crônicas da Belle Époque paulistana**. São Paulo: Senac, 2001.

CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir; AZEVEDO, Carmem Lucia de. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Senac SP, 1997.

CARRETO, Renata de Oliveira. **O Pirralho: barulho e irreverência na Belle Époque paulistana**. 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte. São Paulo.

CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano. **São Paulo: a juventude do centro**. São Paulo: Conex, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

CHIARELLI, Tadeu. *Um jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890/1915)**. São Paulo: Educ/FAPESP, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FONSECA, Guido. **Crimes, criminosos e criminalidade em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1988.

FONSECA, Letícia. **Uma revolução gráfica: Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil (1895-1898)**. São Paulo: Blucher, 2016.

GALLOTA, Brás Ciro. **São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1839-1876**. 2006. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVES, Marco Augusto. **1922: a semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). **Literaturas e escritas da imprensa: Brasil-França, século XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

_____. **Transferência Culturais: o exemplo na França e no Brasil.** São Paulo/Campinas: Edusp, Mercado de Letras, 2012.

_____. Passageiros de Bondes: leitores de jornais na caricatura de K.Lixto. **Patrimônio e Memória** (Unesp), v. 6, p. 32-53, 2010.

_____. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. **ArtCultura** (UFU), v. 11, p. 227-240, 2009.

HELENE, Diana. **Prostituição e feminismo na França: uma etnografia de viagem.**

Disponível em:

<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401680265_ARQUIVO_diana_helene.pdf

>. Acesso em: 1 mar. 2017.

HOMEM, Maria Cecília Naclerio. **O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira: 1867-1918.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por trocadilho: a imprensa irreverente paulistana (1900-1911).** São Paulo: Alameda, 2006.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor.** São Paulo: Edusp, 1998.

LEME, Marisa Saenz. **Aspectos da evolução urbana de São Paulo na Primeira República.** 1984. 147 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre.** Rio de Janeiro: Globo, 2010.

LUCA, Tania Regina de. **Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944).** São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (org.). **Imprensa e Cidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

_____. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).** São Paulo: Edusp/FAPESP, Imprensa Oficial, 2001.

MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo: 1554-1910.** São Paulo: Paz & Terra, 2003.

MATA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

MENEZES, Marcos Antônio de. **Cabarés: história e memória.** Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362017982_ARQUIVO_CABARES.pdf>. Acesso em: 1 mar. de 2017.

MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

MOARES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Aspectos da música popular na cidade de São Paulo no início do século XX.** Disponível em: <http://www.musicadesaopaulo.com.br/MUSICA_DE_SP_NO_%20SEC_XX.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2018.

MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Tomé. **História e Música no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2010, p. 159-160.

NAPOLITANO, Marco. **História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo.** São Paulo: Contexto, 2016.

NEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Claudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revista: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA NETO, Antonio Firminio de; MARTINS JUNIOR, Carlos. As ações de controle social nas metrópoles brasileiras da Belle Époque. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE**, Foz do Iguaçu, v. 17, n. 2, p. 121-146, 2015. Disponível em : <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/10768>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20.** Annablume: São Paulo, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso. **O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX.** Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RODRIGUES, Thiago. **Política e drogas nas Américas.** São Paulo: Educ/FAPESP, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. Entre a lei e o arbítrio: ordem pública e o poder de polícia em São Paulo (1890-1920). **Locus: Revista de História Juiz de Fora**, v. 13, n. 1, 2007.

SANTOS, Ricardo. **Memória social dos esportes: futebol e política – a construção de uma identidade nacional.** Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2006.

SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930).** Porto Alegre: L&PM, 1992.

SETUBAL, Maria. **A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e o uso da terra.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era da Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Literatura como missão.** Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Zélia Lopes. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938).** São Paulo: Ed. Unesp; Londrina: EDUEL, 2009.

SIMSON, Olga R. de Moraes von. **Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano.** São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

_____. **Mulheres e carnaval:** mito e realidade (análise da atuação feminina nos folguedos de Momo desde o Entrudo até as Escolas de Samba). Revista História, São Paulo, n. 125-126.

SOARES, Oscar Macedo de. **Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil.** ed. fac-similar, Brasília: Senado Federal: STJ, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da vertigem:** uma história de São Paulo de 1900 a 1954. São Paulo: Objetivo, 2000.

VELLOSO, Monica Pimenta. Le Ba-Ta-Clan : dialogues entre les revues et les cabarets littéraires. **Médias 19.** Disponível em: <<http://www.medias19.org/index.php?id=23804>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

3 Fontes

3.1 Memorialistas

AGUDO, José. **Gente audaz:** cenas da vida paulistana. São Paulo: Typografia O Pensamento, 1913.

_____. **Gente pobre:** cenas da vida paulistana. São Paulo: Typografia O Pensamento, 1917.

_____. **Gente rica:** cenas da vida paulistana. São Paulo: Typografia O Pensamento, 1912.

AMERICANO, Jorge. **São Paulo nesse tempo (1915-1935)** São Paulo: Melhoramentos, 1962.

FLOREAL, Sylvio. **Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo**. São Paulo: Bomtempo, 2002.

MARQUES, Cícero. **De pastora a rainha**. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1944.

_____. **Tempos passados**. São Paulo: Moema, 1942.

MARTINS, Jules. **São Paulo Antigo e São Paulo Moderno**. São Paulo: Vanorden Cia, 1905.

MOTTA, Candido Nazianzeno Nogueira da. Prostituição, Policia de Costumes e Lenocínio. **Revista da Faculdade de Direito de São Paulo**, São Paulo, v. 5, 1897. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/64953>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

NOBRE, Freitas. **História da imprensa em São Paulo**. São Paulo: Ipê, 1950.

SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de meus amores**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TÁCITO, Hilário. **Madame Pommery**. São Paulo: Ática, 1919.

3.2 Jornais

São Paulo

A Cigarra (1914)

A Gazeta (1906)

Cabrião (1866)

Coaracy (1875)

Correio Paulistano (1854)

Diabo Coxo (1864)

Il Pasquine Coloniale (1909)

Lanterna Mágica (1844)

O Combate (1914)

O Estado de S. Paulo (1875)

O Furão (1914)

O Gigolô (1914)

O Pirralho (1911)

Polichinello (1876)

Vida Moderna (1907)

Vida Paulista (1903)

Rio de Janeiro

Fon-Fon! (1907)

Revue Ba-Ta-Clan! (1867)